

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - PUC- SP**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUANDOS EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**IGOR MOREIRA DIAS PEREIRA**

**RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO: A ÓTICA DO JOGADOR NEGRO**

**DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**SÃO PAULO**  
**2021**

IGOR MOREIRA DIAS PEREIRA

RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO: A ÓTICA DO JOGADOR NEGRO

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor Ciências Sociais sob da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresinha Bernardo.

São Paulo  
2021

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**Banca Examinadora**

---

---

---

---

---

---

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Tese de Doutorado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_

E-mail \_\_\_\_\_

## **FICHA CATALÓGRÁFICA**

## DEDICATÓRIA

*A minha querida avó Odete que nos deixou, mas continua nos encantando a cada lembrança.*

*Aos meus pais Eli e Vilma por tudo, até hoje!*

*A minha esposa Carol Herculano, pelo companheirismo, paciência com meus medos e aflições e pela dedicação com a nossa princesa nos meus inúmeros momentos de confinamento dedicando a esta tese.*

*Aos meus filhos Lucas, João Gabriel e a minha princesinha Maria Cecília que me impulsionam na busca em ser uma pessoa melhor a cada dia.*

## **AGRADECIMENTOS**

Por fim chega-se nesse importante momento de agradecer a todas pessoas que contribuíram de alguma maneira para que esse sonho fosse possível. Em uma ordem quase cronológica, retomo aos meus pais por todo processo educacional que fui inserido, desde pessoal ao acadêmico. Grato sempre! Bem como ao meu irmão Diego, irmã Elisa, sobrinhas: Isabela, Lu e Sofia e o enteado Miguel.

A professora Dalva pelos seus eternos ensinamentos iniciados no mestrado. Muito obrigado!

Chegando ao doutorado meus sinceros agradecimentos ao professor e amigo Téo Pimenta, pela ajuda desde o primeiro dia desta jornada. Companheirismo iniciado em 2007, pelas vias acadêmicas que transcendeu para o pessoal, e pela mediação da minha primeira entrevista.

A Kátia e o Rafael que sempre estão dispostos a mostrar os caminhos a serem percorridos.

A professora Lúcia Bógus, junto ao Luís e o professor Wanderley pelos semestres que tive a oportunidade de desfrutar dos seus ricos ensinamentos.

A todos os alunos do curso que fizeram parte da minha jornada.

Ao meu aluno Wilson pela mediação de duas entrevistas, que foram fundamentais para esta tese.

Ao meu filho João Gabriel pelo companheirismo e auxílio na gravação das três entrevistas presenciais.

Agradecimento especial aos sujeitos da pesquisa, que mesmo com a vida repleto de compromisso, dedicaram um tempo para me ajudar e contribuir para uma sociedade melhor. Obrigado!

Agradeço ao professor Júnior pelo companheirismo, conhecimento acadêmico e pelo auxílio na tese.

Agradecimento muito especial ao meu revisor, Geoci e Adriana. Muito obrigado!

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES,  
pelo aporte financeiro na construção desta tese.

Agradecimento mais que especial a minha professora e orientadora  
Teresinha Bernardo, que ao longo dessa caminhada foi fundamental para o meu  
crescimento e amadurecimento acadêmico e pessoal, fazendo esse sonho se  
tornar realidade. Muito obrigado!

## EPÍGRAFE

*Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante  
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo  
(Raul Seixas)*

PEREIRA, Igor Moreira Dias. *Racismo no futebol brasileiro: a ótica do jogador negro*, 172f (2021). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

## RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo principal compreender o significado de atos racistas para jogadores e ex-jogadores negros do futebol profissional brasileiro que já sofreram essa violência (ou não) em uma partida de futebol. A metodologia aplicada utilizou-se de métodos de pesquisa qualitativa e as coletas de dados ocorreram por meio de entrevistas semiestruturadas. Nesse sentido, as questões abertas propiciaram maior liberdade de resposta aos pesquisados. O entendimento dos atos racistas, a partir do olhar dos jogadores e ex-jogadores negros que atuam/atuaram no futebol brasileiro, fez-se como o problema da pesquisa. Para tanto foi necessária a construção de um referencial teórico que desse aporte para a conquista deste longo caminho, que se iniciou pelos conceitos de biopoder (FOUCAULT, 2008) e de necropolítica (MBEMBE, 2016), adentrando no âmbito do racismo e de seus elementos: preconceito e discriminação, abordou-se também parte da história do negro no Brasil, pensada pelo viés do “mito da democracia racial”, sendo que o mito foi retomado a partir das narrativas dos pesquisados, bem como outras manifestações do racismo, dentre elas: o científico, o processo de branqueamento, os racismos institucional e o estrutural. Como considerações finais, assevera-se que os jogadores e os ex-jogadores pesquisados, em geral, reconhecem o racismo, tanto dentro quanto fora de campo, mas, por vezes, negam-no ou tentam amenizar as questões que o envolvem, podendo essa ser uma forma de defesa em relação a dor sofrida ao longo da vida causada pela violência racial. No entanto, o significado dos atos racistas, no campo de futebol, transita entre o entendimento de que essa ação visa a desestabilização do jogador e a compreensão de que é uma violência racial oriunda de pessoas racistas. Por fim, com base num certo receio demonstrado pelos jogadores, ao abordarem o tema racial, considera-se também a relevância das discussões das pautas raciais em todos os setores da sociedade a fim de conscientizar brancos e negros para o enfrentamento ao racismo.

**Palavras- chave:** Racismo; Racismo no Brasil; Mito da Democracia Racial; Racismo no Futebol Brasileiro.

PEREIRA, Igor Moreira Dias. *Racism in Brazilian football: the perspective of the black player*, 172f. (2021). Pontifical Catholic University of São Paulo - PUC-SP.

### **ABSTRACT**

The present research had as main objective to understand the meaning of racist acts for players and former black players of Brazilian professional soccer who have already suffered this violence, or not, in a soccer match. The applied methodology used qualitative research methods and data collection took place through semi-structured interviews. In this sense, open questions provided greater freedom of answers by respondents. The understanding of racist acts from the point of view of black players and ex-players who work in Brazilian football, became the research problem. Therefore, it was necessary to build a theoretical framework that would contribute to the achievement of this long path, which started with the concepts of biopower pointed out by Foucault and necropolitics in the conception of Mbembe, 2016, entering into the scope of racism and its elements, prejudice and discrimination. A piece of the history of blacks in Brazil was also approached, thought from the perspective of the “myth of racial democracy”, and the myth was taken up again from the narratives of those surveyed, as well as other manifestations of racism, among them: the scientific, the whitening process, institutional and structural racisms. As final considerations we have that the players and former players surveyed in general, recognize racism both on and off the field, but sometimes deny or try to alleviate these issues, which can be a form of defense in relation to the pain suffered through racial violence. However, the meaning of racist acts on the football field, transits over the understanding that this action aims at destabilizing the player, as well as, the manifestation of racial violence in football comes from racist people. Finally, based on the players' certain fear of addressing the racial issue, it is also considered the relevance of the discussions of racial agendas in all sectors of society, in order to raise awareness among whites and blacks to face racism.

**Keywords:** Racism; Racism in Brazil; Myth of Racial Democracy; Racism in Brazilian Football.

## SUMÁRIO

|                                                                                      |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO .....                                                                     | 12  |
| 1. EXPRESSÕES DO RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO DO SÉCULO XXI .....                   | 59  |
| 1.1. EPISÓDIOS DE RACISMO NO FUTEBOL DO SÉCULO XXI .....                             | 59  |
| 2. O NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA .....                                             | 72  |
| 2.1- CONTEXTUALIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....                                  | 72  |
| 2.2 O QUE É SER NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA PELO OLHAR DO JOGADOR DE FUTEBOL ..... | 82  |
| 3. OS SIGNIFICADOS DO RACISMO EM CAMPO PELO OLHAR DO JOGADOR NEGRO.....              | 109 |
| 4. PRETO EM CAMPO E O BRANCO NO COMANDO .....                                        | 135 |
| 4.1- A ESCASSEZ DE TÉCNICO NEGRO .....                                               | 135 |
| 4.2 O JOGADOR DE FUTEBOL E O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL.....                          | 142 |
| 4.3 CONCENTRAÇÃO NO FUTEBOL COMO POSSIBILIDADE DE RESQUÍCIOS ESCRAVOCRATAS.....      | 151 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                                           | 158 |
| REFERÊNCIAS .....                                                                    | 165 |
| SITES ACESSADOS .....                                                                | 171 |

## INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como intuito abordar o racismo no futebol na visão dos jogadores negros que já sofreram com essa violência dentro de campo ou não. Acredita-se ser conspícuo saber o que esses sentem e o que significa essa forma de discriminação para os atletas que já foram vítimas de racismo ou de injúria racial dentro das quatro linhas. Não obstante, é preciso ter visão mais ampla da temática sob os olhares dos jogadores, o que ajuda a construir os significados que ora procuro.

A ideia de dar voz a quem tem pouco direito à fala, torna-se relevante para conhecer o que os agredidos sentem diante desse tipo de situação e fazer os agressores refletirem, de maneira a levar a repensarem as ações. Sendo assim, entender que o agredido é um indivíduo composto de sentidos e de significados talvez possa reverter o estado de ser “indiferente às indiferenças”. Diante desse cenário, acredita-se que muitos cidadãos não têm a dimensão dos danos que atos racistas causam aos agredidos.

Nesse sentido, considerando o real entendimento do significado que o racismo tem, vislumbra-se que indivíduos racistas reflitam mais sobre o tema e repensem suas atitudes. Espera-se, ainda, que se conscientizem, tanto em relação ao desporto quanto a outras situações da vida, afinal a vitória não pode ser conquistada a qualquer preço. Argumentos contrários a essa postura já se tornaram corriqueiros, alega-se que os xingamentos raciais ocorrem somente com o intuito de desestabilizar o jogador adversário para que o time vença o jogo.

Em oposição a isso, considera-se que a conscientização deve ser ampla para que haja esvaziamento de qualquer manifestação racista, dentre as quais o racismo recreativo, que é muito peculiar e danoso. Desse bojo fazem parte ofensas racistas sob a égide de brincadeiras. Mesmo nesse caso, proliferam-se ofensas e humilhações, mantendo intacto um dos propósitos do racismo: a hierarquização social.

Neste momento pretende-se conceituar o racismo e apresentar dois dos seus elementos: preconceito e discriminação racial, para, posteriormente, aprofundar-se na discussão sobre as formas do racismo, trazendo essa ampla discussão para o contexto do futebol a partir dos depoimentos dos entrevistados.

Em dias atuais, a palavra racismo pertence ao vocabulário da sociedade em geral. A expansão desse conceito implica discussões que variam de acordo com o lugar de fala. Os racistas negam a existência do termo ou tratam-no como algo escuso ou, até mesmo, discorrem a sua retórica esvaziando a gravidade do que enseja e creditando o racismo como suposta valorização do negro, entre outros. Os que lutam contra a prática, denunciam as violências raciais, discutem e propõem campanhas de combate, cobram das autoridades punições mais severas. Mas, afinal, o que é racismo?

Para começar a responder a essa questão, pode-se partir do que diz o verbete no minidicionário Soares e Amora (2009, p. 602): “1. Doutrina que apregoa a superioridade de certas raças; 2. Qualidade, ação ou sentimento de pessoa racista”.

Sendo o racismo uma doutrina, um sistema que afirma a superioridade de uma raça sobre outras, faz-se necessária outra indagação: “O que é um grupo racial?”. Para explorar essa questão, buscam-se subsídios em Santos (1984, p. 11), para quem: “pretos e brancos são apenas conjuntos de indivíduos que têm essas cores – nada mais”. De forma simples e direta: o autor norteia essa indagação e, dessa forma, incita ou obriga o aprofundamento sobre a temática. Afinal, se é simplesmente isso, por que tanta violência racial no mundo?

O autor entende que a ideia de raças vem de ideologias de governos que querem propagar propósitos e realizações e cita o exemplo de Adolf Hitler nas Olimpíadas de 1936, realizada na Alemanha, que tinha como ideal mostrar ao mundo a superioridade da raça ariana sobre as demais “raças”. E o mundo acompanhou as vitórias de “[...] um crioulo norte-americano, Jesse Owens – o que também não provou nada, exceto que era melhor corredor [...] O que chamamos raça – negra, branca, amarela, caucasiana, etc. – é apenas um elenco de características anatômicas” (SANTOS, 1984, p. 11-12).

Foi um marco na história mundial o enfrentamento negro no berço nazista, colocando em xeque as teorias racistas que já vinham se deteriorando, mas essa foi uma prova de âmbito mundial.

Avançando na discussão, para Wieviorka (2007, p. 9):

[...] o racismo consiste em caracterizar um conjunto humano pelos atributos naturais, eles próprios associados às características intelectuais e morais que valem para cada indivíduo dependente desse conjunto e, a partir disso, pôr eventualmente em execução práticas de inferiorização e de exclusão.

Entende-se, então, que a ideia de “raça” é uma construção social, e não um fator biológico, que objetiva uma organização de sociedade de modo que a “raça” branca sobrepuje a “raça” negra no ideal de dominação.

Segundo Almeida (2019, p. 32):

O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem raça como fundamento, e que se manifesta por meios práticos conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem.

Almeida (2019) também demonstra a complexidade que é o racismo: sendo algo sistematizado, entende-se que há todo um gerenciamento das ações; sendo assim, pensar o racismo é pensar em relações de poder. Essa relação é alicerçada por construção arquitetônica sólida, o que faz essa violência transcender do consciente para o inconsciente.

Para Tonini (2010), o preconceito e a discriminação racial são elementos do racismo e o precedem. Diz ele que o racismo ainda “[...] é visto como algo recente na história da humanidade, indissociável da modernidade, da história da ciência e da cultura ocidental [...]” (TONINI, 2010, p. 38).

Contrapondo-se a Tonini (2010), mas, ao mesmo tempo, seguindo a mesma linha de raciocínio, Silva (2000, p. 62) afirma que “[...] o racismo não é,

porém, um fenômeno recente, embora seja predominantemente moderno e sobretudo contemporâneo”.

Esses dois momentos elucidam bem o quão complexo é o racismo. Sendo assim, entender e identificar suas manifestações, seus elementos e suas transformações tem sua relevância para refletir sobre essa violência.

Por conseguinte, fazer reverberar o combate contra a violência racista é algo mais relevante do que saber a precisa data em que se cunhou o termo racismo. Sendo assim, interpretá-la como forma de hierarquização social ganha importância, pois, dentro desse propósito, enxerga-se a complexidade da temática e quão perversa ela pode ser; tratam-se relações de poder e a manutenção do status quo da elite dominante não se liquidifica em meio a história.

Nessa direção, que consiste em entender o racismo como forma de hierarquização social, Guimarães (1999) se apropriando Rex, apresenta duas condições que fundamentam essa ideia. Partindo disso, Guimarães (1999, p. 26) inclui uma terceira:

(1) Uma desigualdade entre grupos humanos convivendo num mesmo Estado; (2) uma ideologia ou teoria que justifica ou respalda tais desigualdades; (3) estas formas de desigualdades são justificadas em termos do pretense caráter natural da ordem social.

Também Azevedo (2004) apresenta uma interessante perspectiva sobre o racismo. Segundo a autora:

[...] o racismo não deriva da raça, ou melhor, da existência objetiva da raça, seja em termos biológicos ou culturais. O racismo constituiu-se historicamente em diferentes contextos sociais do mundo moderno, sistematizando-se como uma prática discursiva, à medida que as teorias raciais científicas impuseram a noção de raça como verdade. É o racismo que cria a raça; ou dito de outro modo, é o racismo que opera o processo social e cultural de racialização. (AZEVEDO, 2004, p.220)

Feito esse apanhado sobre o conceito racismo, torna-se pertinente discutir, na sequência, dois de seus elementos: preconceito e discriminação.

Segundo Wieviorka (2007, p.59): “preconceito racial é uma das formas mais elementares do racismo”. Nesse sentido, uma sociedade racista cria estereótipos e a população negra é alvejada e tratada de forma hostil pela população branca quando se fala do preconceito entre brancos e negros.

Dito isso, é preciso considerar que a construção de um pré-conceito está direcionada pela forma como o preconceito é transmitido para as pessoas que estão absorvendo informações.

Com relação a isso, a televisão tem sua parcela de responsabilidade, pois, na maioria das vezes, ao noticiar algum tipo de crime ou contravenção, o corpo negro ganha visibilidade, o que contribui para uma construção subjetiva que atrela a população negra à violência. Outros exemplos de disseminação de uma construção subjetiva do racismo são novelas e filmes nos quais a personagem do ator negro vincula-se ao tráfico de drogas ou a outros atos ilícitos. Como se percebe, a imagem do negro sempre está em evidência como o causador das diversas violências que assolam o Brasil. Há de se mencionar também os papéis de empregados e o fato de que, raramente, vemos negros como protagonistas.

Abre um parêntese para algum sinal do protagonismo negro, ao menos em algumas ações de marketing, no entanto, vale a ressalva sobre o prazo dessa ascensão, ou seja, será algo que se consolidará, ou apenas serão ações efêmeras com intuito de mascarar o racismo, retroalimentando o mito da democracia racial?

Diante desse breve esboço sobre o preconceito e suas causas, indaga-se: como combater o preconceito racial se inúmeras informações consumidas pela população reproduzem o preconceito? Não se pode fugir a essa questão, uma vez que os preconceitos “amplificam as diferenças e desembocam em estereótipos suscetíveis de alimentar ou justificar atitudes discriminatórias” (WIEVIORKA, 2007, p.59).

Devido a isso, constrói-se todo um imaginário social em que o negro é inferior ao branco de diversas formas e a reprodução desse imaginário é estendida por séculos.

Não é difícil encontrar relatos de pessoas negras que já perceberam que, ao vê-las, algumas pessoas brancas mudam de calçada ou seguraram a bolsa de forma mais incisiva. Percebe-se que o indivíduo branco, com base no seu preconceito, acaba cometendo atos discriminatórios.

O portador de preconceito não somente julga o outro de maneira determinada, mas ainda quase não é afetado, ou necessariamente, pelo que lhe traz a experiência vivida ou o encontro com ele; ademais, opõe uma singular resistência à crítica, por mais escorada que essa possa estar (WIEVIORKA 2007, p.60).

Tão preocupante quanto julgar o outro de maneira preconceituosa ou não ser capaz de mudar seu modo de pensar, é saber de que forma esse preconceito é construído.

Julgar a idoneidade de uma pessoa pela cor de sua pele é consequência de uma construção simbólica perversa. Com isso, ser negro, por vezes, virou sinônimo de violência e de irracionalidade, entre outros termos pejorativos.

Lins Rodrigues (2013) elucida a construção do preconceito na sociedade, evidenciando que parte de ideias sem bases sólidas, mas disseminadas, consumidas e reproduzidas pelo senso comum. Menciona ele:

Frases como: “a mulher dirige mal”, “homem que é homem não chora”, “a população da favela é perigosa”, “toda loira é burra”, “todo carioca já nasce com samba no pé”, “todo paulista é bairrista”, “os cariocas são folgados”, “os baianos são preguiçosos”, “os índios são indolentes”, etc... são frases incorporadas ao ideário popular, acolhidas de tal forma como verdades pelo senso comum [...] (LINS RODRIGUES, 2013, p.48)

Como aponta Tonini (2016), o preconceito pode ser um julgamento positivo ou negativo de uma pessoa ou de um grupo sem considerar fatos que contestem ou desmintam e também sem criticidade sobre tal argumento ou ideia.

Em outros termos, há quem não goste de alguém ou de um grupo por julgá-lo seja inferior, mesmo sem saber se o é ou por que motivos seriam.

Apesar de compreensão difundida e da tentativa de simplificar o preconceito, não se pode desconsiderar a complexidade da temática, afinal, se o desconhecimento de causa fosse o único fator para sua existência, a educação seria capaz de suprimir o racismo. Como aponta a pesquisa de Bernardo et al. (2017), existe preconceito também dentro das escolas, ao menos em São Paulo. Corroborar com essa perspectiva o trabalho de Cavalheiros (2001), o qual denuncia isso por meio de uma coletânea de artigos sobre racismo e escola.

Embora não seja o objetivo deste trabalho abordar a relação entre racismo e escola, essa menção merece destaque por permitir que se visualize a importância que o processo educacional tem no enfrentamento do preconceito racial.

Dito isso, é preciso considerar que, por ser mais abrangente do que o desconhecimento de causa, somente a educação seria capaz de sanar a problemática do preconceito. Mas, por ora, faz-se necessário amplificar a discussão, levando-a a outros sinuosos caminhos.

Wieviorka (2007) destaca que a frustração na infância, assim como certas dificuldades e problemas vivenciados na fase adulta, podem se tornar motivos para fazer eclodir a violência, tendo como alvo uma “raça” que é historicamente desqualificada e que, como consequência, não tem força de enfrentamento. “Os brancos reconhecem sem esforço aqueles de quem é normal não gostar.” (WIEVIORKA, 2007, p. 61).

Entende-se como um tanto “ácido” o conceito apresentado pelo autor ao justificar a formação do preconceito devido à frustração na infância ou às dificuldades vividas. Essa seria uma forma branda de tratar o agressor, contudo, sendo esta oriunda de uma pesquisa, não é nula essa hipótese.

Tonini (2016) contribui com o debate ao afirmar que “As pessoas preconceituosas acreditam na existência de raças humanas e, sobretudo, na hierarquização das mesmas” (p.41). Nesse processo de hierarquização, a “raça

branca”, oriunda do velho continente, sobressai sobre todas outras, em especial sobre a negra.

O autor ainda explicita dois pontos de relevância na construção do preconceito contra o negro, os quais atuam nos campos biológico e cultural. O primeiro está vinculado com a questão física, incluindo apreciações sobre beleza; já o segundo, que tem ênfase no folclore, é considerado primitivo.

Para que haja construção, consolidação, proliferação e permanência do preconceito, faz-se necessário que esse se aporte em alguma ideologia. Coaduna-se com esse ideário a apresentada por Tonini (2016).

Esse mesmo autor apropria-se dos estudos de Munanga para denunciar a complexidade que é a luta contra o preconceito. Um exemplo disso, em meio a um vasto campo, é a invisibilidade das ações, algo determinante para a dificuldade do combate a esse tipo de ato na esfera jurídica. Desse modo:

A ação anti-racista ordinária só pode visar os preconceitos raciais quando estes são verbalizados, declarados e até mesmo proclamados. Por exemplo, a discriminação de emprego, a recusa de acolhimento ou de alojamento em hotéis, a oposição ao casamento, os genocídios etc. É impossível legislar contra os preconceitos porque eles são invisíveis. Não se pode fazer as leis para lutar contra um preconceito. Fazem-se as leis para lutar contra os comportamentos discriminatórios concretos. Isso significa que o subsolo infernal do preconceito racial escapa, por princípios, ao tipo jurídico político da ação anti-racista (MUNANGA,1998, p.47).

Importante notar que o autor propõe uma diferenciação entre preconceito e discriminação. Como aponta Wieviorka (2007, p.64): “o preconceito não se estende automaticamente à prática”; A discriminação, sim.

A discriminação racial de igual modo ao preconceito é um elemento do racismo. Esse é um poder interpelado por ações mais concretas de dominação de um grupo por outro. Em que pese o presente trabalho, do branco em relação ao negro.

Lins Rodrigues (2013), parafraseando Sant’ Ana (2005), conceitua discriminação da seguinte forma:

Modo de agir transgressor dos direitos de cidadãos e cidadãs, fundamentado, para tanto, em critérios injustificados eleitores da raça, da opção religiosa, da opção sexual, do sexo, do comportamento cultural, da classe social e etc., como parâmetros de aceitação ou rejeição social (LINS RODRIGUES, 2013, p. 49)

A discriminação, por vezes, é confundida com segregação, mas, apesar de uma estar próxima da outra, há entre elas diferenças. “A segregação racial corresponde a uma lógica de diferenciação. A discriminação corresponde de preferência a uma lógica de hierarquização” (WIEVIORKA, 2007, p.68); ou seja, diz respeito a uma “raça” sobrepujar a outra.

Nesse sentido, é preciso considerar que, para o processo de hierarquização se estabelecer, devem existir elementos para a elaboração de classificações; no racismo, o conceito de raça foi o primeiro elemento de classificação.

Outro ponto é: mesmo que a discriminação parta de ações mais extensivas que o preconceito, seu combate também é muito dificultoso, pois a desqualificação do ato pode ocorrer de forma simples. Isso ocorre porque “[...] a discriminação transita de forma mais ou menos velada” (WIEVIORKA, 2007, p.69).

Considerem-se os exemplos citados por Munanga (1998, p. 49, grifos nossos) anteriormente: “a *discriminação de emprego, a recusa de acolhimento ou de alojamento em hotéis, a oposição ao casamento, os genocídios etc*”.

Para o racista, a discriminação do emprego pode ser justificada pela qualidade técnica, e não pela cor de pele, ou, até mesmo, a eliminação do candidato pode se dar na entrega do currículo, quando este vem acompanhado de foto. Na recusa de acolhimento, a discriminação disfarça-se na lotação do local<sup>1</sup>. Quando diz respeito a oposição ao casamento, desqualifica-se alguém sob

---

<sup>1</sup>Discriminação dessa magnitude já foi presenciada por mim, contra índios em uma cidade do Mato Grosso. Em conversa informal com a proprietária do hotel em que me hospedava, ela contou-me que era rotineira a negação de hospedagem para os índios da região; e a alegação de lotação do hotel era utilizada para justificar o não aceite.

a égide do meio em que vive, ou seja, a relação amorosa está vinculada com as pessoas que fazem parte dos laços de convívio. O genocídio é justificado pelo ato, pelo erro, uma das mais lastimáveis justificativas, mas nunca pela cor da pele.

Como se pode notar, o ato velado está em consonância com o que se refere a racismo institucional. Destarte, seu combate fica fragilizado.

Sendo assim, não se pode desconsiderar que a discriminação racial se faz presente em todos os setores da sociedade. Nos estádios de futebol, são notórias as diferentes formas de tratamento dadas pela polícia nos diferentes setores: as forças repressivas têm locais de atuação.

Apropriando-se de Munanga; Gomes (2006), Tonini (2010, p. 37) afirma que “a discriminação racial pode ser considerada a prática do racismo e a efetivação do preconceito”.

Feitas essas considerações, é preciso notar que a extensão da discriminação também é outro fator que contribui para a inviabilidade de seu combate. Sendo a discriminação a prática do racismo, a efetivação do preconceito entrelaça-se com a segregação.

A respeito disso, outro ponto de relevância, apontado por Cavalheiros (2001), é o não acolhimento de pessoas vítimas de discriminação. Por vezes, o ignorar do ato ou o esvaziamento de significados das ações discriminatórias, por meio de retóricas que partem de que “não foi bem isso que quis dizer”, pode causar danos às vidas das pessoas.

Cavalheiros (2001) apresenta a narrativa de uma das alunas que fizeram parte de sua pesquisa; a vítima em questão tem apenas seis anos de idade. Segue a fala:

As crianças me xingam de preta que não toma banho. Só porque eu sou preta elas falam que não tomo banho. Ficam me xingando de preta de cor de carvão. Elas me xingaram de preta fedida. Eu contei para a professora e ela não fez nada. (CAVALHEIROS, 2001, p.146)

É preciso refletir a respeito de quão pesados são os insultos raciais dirigidos a essa menina, cujo mecanismo de defesa foi contar o ocorrido para a professora, a qual nada fez.

Os insultos raciais como forma de discriminação foi tema de pesquisa realizada por Guimarães. Nela, o pesquisador se valeu dos dados de registros de ocorrências realizados na Delegacia de Crimes Raciais de São Paulo. Apesar de não se ter o propósito de aprofundamento nesse tema, é pertinente mencioná-la, por considerar o poder da fala.

Como analisa o autor: “A função ou a intenção do insulto podem variar, mas ligados a uma relação de poder” (GUIMARÃES, 2002, p.171). Nesse trabalho são apresentadas quatro funções dos insultos. Segundo Flynn (1977, apud, GUIMARÃES, 2002, p.171), dentre as quatro apresentadas, destaca-se a “legitimação de hierarquia entre grupos sociais”.

Sendo a discriminação a lógica da hierarquização, utiliza-se o insulto que legitima a hierarquia. Dito isso, conforme propõe Cavalheiros (2001), a escola poderia ser um local de combate à discriminação, mas, por vezes, silencia-se frente a tal violência.

Guimarães (2002) ainda salienta que os insultos raciais servem também para estigmatizar os indivíduos. Nessa linha, os estigmatizados historicamente encontram-se em situações mais desfavorecidas, em especial os negros. Isso faz com que os insultos possam ser resumidos nas palavras negros e pretos, as quais já estão imbuídas de sentidos pejorativos, ou seja, quando se tem o propósito de ofender alguém, em termos raciais, não se faz necessário xingar a pessoa de “negro safado”, pois a própria palavra negro já contempla toda a ofensa.

Uma importante contribuição da pesquisa realizada por Guimarães (2002) é a desmistificação de que se ofende durante o conflito, no “calor” da confusão, um álibi corriqueiramente utilizado pelo racista. Segundo esse autor, os insultos racistas, por vezes, são o que originam os conflitos.

Feito essas considerações sobre o racismo, preconceito e discriminação racial, será dedicado algumas linhas para abordar um pouco da história do negro no Brasil, mas pelo viés do “mito da democracia racial”.

Essa construção social, com propósito de negligenciar o racismo sob a égide de uma harmonia entre as “raças”, teve como seu precursor Arthur Ramos, mas ganhou força e notoriedade a partir da obra de Gilberto Freyre “Casa-grande & senzala” de 1933, já mencionada na introdução desta tese. O sociólogo apresenta, de forma harmoniosa e suavizada, a relação entre a casa grande e a senzala, numa obra que fora questionada, posteriormente, por Florestan Fernandes e pelo sociólogo francês Roger Bastide, que, a pedido da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), dedicou-se a estudar as relações raciais no Brasil para demonstrar ao mundo que é possível ter democracia racial.

Domingues (2005) evidencia quatro possíveis elementos para o início dessa construção ideológica, que tem, no final do século XIX, o seu marco temporal: a) escritas de viajantes que descreviam o Brasil; b) produções intelectuais brasileiras oriundas da elite e da classe política; c) movimento abolicionista institucionalizado; d) a miscigenação.

O mesmo autor, em análise específica sobre a cidade de São Paulo- SP, apresenta outros elementos, entre eles a relativização do racismo brasileiro em relação ao dos Estados Unidos. Entende-se também a importância de se fazer menção ao comparativo com a África do Sul, que visou e visa ao mesmo propósito.

Ao iniciar a análise, começa-se pelos relatos de viajantes e, nessas narrativas, percebe-se a visão distorcida da realidade racial brasileira. Eles apresentam a ideia de acesso do negro ao “mundo dos brancos”, com o qual convivem, abordam a mestiçagem a partir da ideia de relacionamento, fazem-no apontando o acesso a teatros, salões, espaços públicos, exército, entre outras inúmeras instituições.

O processo de pouca inclusão perante a imensa exclusão fez surgir, no decorrer dos tempos, construções dessa ordem, ou seja, orientadas pela

compreensão de que não há racismo no Brasil. Com isso, tal ideia instala-se, ganha força e consolida-se através de discursos ideológicos.

Também a romantização das relações escravocratas brasileiras teve peso muito forte na construção dessa falácia, que encontrou em Gilberto Freyre o seu grande precursor, algo já apontado, mas que voltará ao lume em algumas linhas.

No que tange aos abolicionistas, Domingues (2005) discorre sobre alguma fala de Joaquim Nabuco, em que este apresenta certa cordialidade nessa relação. Essa passagem merece certa atenção devido à complexidade da questão ao se pensar na figura do Nabuco, um filho de escravocrata que se liberta dessas amarras e que sai em defesa dos escravizados, mas que tem em sua retórica alguns pensamentos que reafirmam a amorosidade na escravidão brasileira. Para Joaquim Nabuco:

A escravidão, por felicidade nossa, não azedou nunca a alma do escravo contra o senhor – falando coletivamente – nem criou entre duas raças o ódio recíproco que existe naturalmente entre opressor e oprimidos. Por esse o homem de cor achou todas as avenidas abertas diante si (DOMINGUES, 2005, p.120).

A mestiçagem, não será discutida neste momento, mas é pertinente o entendimento de que esse processo se deu por meio da violência, com o propósito da eugenia. Ao fracassar, os racistas articularam-se e ideologizaram um país em torno da harmonia racial, usando a miscigenação para solidificar essa construção.

Retomando a fala anterior, sobre a cidade de São Paulo- SP, Domingues (2005) menciona outros elementos que entende terem sido relevantes na construção do mito, como a imprensa negra, a relação do negro com imigrantes, em especial o italiano, a ideia de um paternalismo que permaneceu pós abolição, o comunismo e, como já citado, o relativismo.

No entendimento que segue – e com base no que foi apresentado pelo autor –, só a imprensa negra e o relativismo têm relevância na construção dessa ideologia. Os elementos apresentados sobre a relação do negro com o italiano,

o paternalismo e o comunismo são de argumentações “pedestres” que não se sustentam.

Entretanto, como marco comum, há a construção, através do discurso, das narrativas que se alimentam da ideologia de uma democracia racial. Segundo Foucault (1996), o discurso não se encontra no sujeito nem no enunciado, mas nas formulações discursivas.

Sendo assim, não só os casos apresentados por Domingues (2005), mas a construção da democracia racial brasileira, vêm subsidiados por formulações discursivas que amenizaram as relações escravocratas, passando a ideia de igualdade a todos, no pós abolição, de mestiçagem na inclusão e de meritocracia.

Cabe ressaltar que o discurso é investido de poder, o qual dialoga com toda frequência com as ideologias. Por isso, o discurso permeado por racistas teve<sup>2</sup>drásticas consequências para a população negra. Para Foucault (1996, p. 10-11):

O discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; é visto que isto a história não cessa de nos ensinar- o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mais aquilo, por que, pelo que se luta, poder do qual podemos nos apoderar, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo.

Ao tratar do relativismo, aporta-se em Bernardo (2007), autora que apresenta uma linha do tempo em que, de forma sucinta, demonstra o processo do antropólogo Franz Boas na perspectiva do culturalismo. Chegando ao Brasil, aponta que aqui era um excelente lugar para os estudos da população negra e da cultura devido ao país ter recebido um imenso contingente de escravizados oriundos da África.

---

<sup>2</sup>Fala- se no passado por estar em discussão o processo de construção do mito da democracia racial.

Nesses ditames, chega-se em um relativismo entre as relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos, apoiado em duas escolas brasileiras propagadoras da harmonia racial em terras nacionais, e o pilar para a disseminação da nossa democracia racial está nesse comparativo. “Isto é, comparavam as relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos para mostrar que no primeiro vivia-se uma verdadeira democracia racial” (BERNARDO, 2007, p.77).

Salienta Bernardo (2007) que os olhares dessas escolas eram para o senhor e não para os escravizados. Dito de outra forma, as narrativas construídas partiam das casas grandes e nunca da senzala.

A autora também aborda a questão mestiçagem como elemento de relevância na formulação do mito da democracia. Outro ponto apresentado por Bernardo (2007) é a questão da cultura, disseminada em hábitos e costumes, dentre os quais a culinária e algumas práticas corporais, como o samba. Tanto negros quanto brancos consomem os mesmos hábitos e costumes, então, como não ser um paraíso racial?

A ideologia racista no Brasil é sutil, por isso adentra em vários lugares sem pedir licença e, por vezes, sem ser notada a olhos nus. Essa é uma forma que difere do racismo norte-americano e do regime de segregação racial, o apartheid, na África do Sul. Contudo não se pode relativizar as manifestações racistas, pois não há racismo mais brando que outros, o que existe são formas distintas de manifestar essa violência.

A imprensa negra, mencionada por Domingues (2005), já discutida em outro momento, reaparece e reafirma-se através do discurso, mas agora na voz do oprimido, que não se enxerga como tal e que discorre sua retórica na direção da democracia racial brasileira.

Domingues (2005) apresenta parte do editorial Clarim da Alvorada, de 1928, jornal da imprensa negra paulista, com um trecho que traz a ideologia da democracia racial vigente, sob o título de “A terra do preconceito”:

Aqui não precisa que eu diga: não existe preconceito algum para se combater. Vivemos em comunhão perfeita, não somente com os

brasileiros brancos, como também com o próprio elemento estrangeiro. Mas se aqui existisse o preconceito teria a certeza que, a nossa questão racial há muito estaria resolvida. Portanto, não temos racismo algum a combater, o que precisamos é trabalhar para união do elemento negro brasileiro; não somente para o nosso bem, como também, para o bem da nossa querida pátria (DOMINGUES, 2005, p. 122).

Alguns pontos merecem destaque nessa narrativa. Apenas 40 anos, após 388 anos de escravidão, seria praticamente impossível estabelecer um estado de “não preconceito”, mesmo se houvesse um projeto de inserção do negro na sociedade, menos ainda se pensar na forma como isso ocorreu. Sendo assim, o fim oficial desse processo, que jogou à própria sorte uma população, faz com que não seja verdadeiro o entendimento de não se ter racismo a combater. Na verdade, o que ocorre é a assimilação de pessoas que são vítimas da ideologia disseminada, as quais acreditam que vivem em uma democracia racial. Essa ideologia alicerça-se em frágeis elementos, mas consegue sustentação por meio de falsas ideias de igualdade, como o convívio em um mesmo espaço social.

Quando se trouxe o elemento estrangeiro, como já demonstrado no trabalho (BERNARDO, 2007), como o italiano em São Paulo, por exemplo, “tirou-se” os empregos dos ex-escravizados. A esse respeito, Domingues (2005) também relata racismo oriundo do italiano e do incentivo, ao oferecer-se terras para imigrantes europeus, para o embranquecimento do Brasil. Esse é outro elemento que não se sustenta na narrativa apresentada anteriormente transcrita.

Por fim, cabe refletir sobre a ideia de nação, de unidade, ao se pensar o Brasil em 1928. O país almejava o desenvolvimento, a busca de reconhecimento internacional, e a teoria de que não evoluiria por ser uma sociedade híbrida ecoava, fazendo com que o projeto de nação não tivesse espaço para a população negra. O negro até poderia querer ter um sentimento de pertencimento, mas as elites dominantes não o reconheciam.

Retornando ao relativismo e ao processo de alienação da referida imprensa negra, compreende-se que, ao defender a democracia racial brasileira com base em parâmetros estabelecidos pelas relações raciais norte-americanas

e na ausência da crítica necessária, o racismo tem acepções diversas, mas que todas têm poder de beligerância.

Enquanto um negro norte americano desbotôa o peito se atira contra o branco n'uma luta exterminante, barbara e sanguinária, arrastado pelo ódio mortal; e quando corre pelas sarjetas os jactos extenuantes de sangues irmãos, o negro brasileiro estende a mão da fraternidade aos seus irmãos brancos e fortalecem o cunho de amizade que os ligam porque apesar de tudo, do nosso esforço educativo, não nutrimos ódio contra quem, em épocas longínquas, dominou pelo poderio e venceu pela chibata.

Em abro teu peito de negro e beijo seu coração escarlate. A mão do branco não se mancha em apertar a mão do negro. No Brasil não há preconceito (DOMINGUES, 2005, p.122-123).

As produções intelectuais brasileiras, oriundas da elite e da classe política, apresentadas por Domingues (2005) encontram em Gilberto Freyre a máxima da manifestação, na obra *Casa-grande & Senzala*, lançada em 1933, como já mencionado.

A construção do mito da democracia racial ganha força de sustentação na década de trinta do século passado, justamente por causa dessa obra, que vai sendo desconstruída a partir da década de cinquenta.

A obra de Freyre (2001) ganhou notoriedade nesta tese em dois momentos: primeiramente, com discussão a partir do trabalho do sociólogo Jessé de Souza (2000); e, em um segundo momento, no qual se concentraram esforços para compreensão do primeiro capítulo do livro: *Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária escravocrata e híbrida* (FREYRE, 2001). Pensando na formação do Brasil na democracia racial, Buarque de Holanda (2014) contempla o trabalho com seu “homem cordial”. Abre-se, com isso, um paralelo entre esses dois autores para apresentar o artigo intitulado de “*Que morra o “homem cordial” - Crítica ao livro Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda*”, de Ramatis Jacinto (2017). Esse autor faz repercutir “o homem cordial”, mas com certas críticas. E, na esteira dessas críticas, Jacinto (2017) interpreta Freyre, por entender que o livro “*Casa-grande & senzala*” motivou, de certa forma, a obra de Holanda. Desse

modo, ambas teriam contribuído, cada uma à sua maneira, para a construção do “homem cordial”.

Segundo Holanda (2014, p.176) “[...] a contribuição brasileira para a civilização será a cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. Essa cordialidade passa pela hospitalidade, generosidade, assim como pelos bons tratos que o povo brasileiro consegue disseminar, em especial à população estrangeira. Fica assim perceptível, que as manifestações dessas cordialidades estão na esfera social e que se evidenciam em vários setores (família, religião, trabalho, língua, entre outros). Para tanto, aborda-se, de forma sucinta, a família e a língua, por se aproximarem do tema central do trabalho.

Em relação a família, Holanda (2014) estabelece relação com o patriarcado e com a figura do pai, o qual tem o trato cordial com os demais membros do núcleo familiar, em especial, filhos e esposa. Entretanto essa polidez pode ter outros contornos se algo sair em desacordo com o que estipula a figura central dessa organização familiar.

Ao pensar essa cordialidade do patriarcado, vê-se que se atém às casas-grandes, não se estendendo à senzala. Sendo esse pai o dono do engenho que contribuiu para o processo de desumanização do negro escravizado, a cordialidade patriarcal tem cor.

Outro ponto sobre a cordialidade que merece certa atenção está na linguística, com o rotineiro costume brasileiro de utilizar o sufixo “inho” para traduzir quase tudo, pelo emprego do diminutivo, que tem como intencionalidade uma semântica afetuosa. “[...] serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo” (HOLANDA, 2014, p.178). No que tange a essa questão, a utilização do “inho” ganha outros contornos quando se trata da questão do negro. A ideia do “amorzinho”, da “belezinha”, da “bonitinha”, entre outras, não se coaduna quando o negro é referenciado como “negrinho”.

A expressão “negrinho”, na maioria das vezes, vem imbuída de significados racistas e quase nunca essa palavra “caminha só”. Ela é acompanhada de adjetivos que objetivam difamar o indivíduo, por exemplo:

“negrinho safado”, “negrinho sujo”, entre outras maneiras de exalar o racismo, ou quando a expressão “negrinho” é utilizada sem o complemento de adjetivos, ela também já é contemplada com ofensas racistas, na maioria das vezes, conforme Guimarães (2002) citado anteriormente.

Nessa linha, pode-se adequar o que venha a ser o homem cordial. Segundo Holanda (2014), essa cordialidade brasileira é superficial; em terras brasileiras, o ser afetuoso e educado se apresenta quando há interesse de sê-lo; em outros momentos, contudo, é viril e agressivo, quando se acha necessário.

Por meio de semelhante padronização das formas exteriores da cordialidade, que não precisam ser legítimas para se manifestarem, revela-se um decisivo triunfo do espírito sobre a vida. Armado dessa máscara, o indivíduo consegue manter sua supremacia ante o social. E, efetivamente, a polidez implica uma presença contínua e soberana do indivíduo (HOLANDA, 2014, p.177).

Fazendo uma analogia do homem cordial com o Estado brasileiro, enxergam-se algumas semelhanças entre ambos, em especial, após a Constituição Federal de 1988. Esse será o recorte desta análise, embora, em outros momentos, seja possível identificar outras semelhanças. Não obstante, como o Brasil é regido por essa constituição, discute-se essa carta adiante.

No artigo mais notório da constituição, o 5º, afirma-se que:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (Brasil, 1988)

Aqui é possível identificar um Estado cordial com sua população. Entretanto, há uma incoerência com a ideia de igualdade, pois, apesar de as leis do Estado Maior afirmarem que são todos iguais, essa é uma sociedade tão desigual que a espoliação está para boa parcela dessa população. Subjuga-se a concepção de um Estado preocupado com o todo, afetuoso.

As ações (direitos) que se estendem a todos, como educação e saúde pública, transmitem a ideia de generosidade ou de um país assistencialista. Desse modo, o conceito de assistencialismo relaciona-se com o ser cordial.

Da mesma forma, há várias outras leis que fazem o Governo transmitir a ideia de cordialidade, mas, assim como ocorre com o homem cordial, essa qualidade é superficial. Destarte, tanto o homem quanto o Estado têm seu poder de violência demarcando; um está na esfera privada, outro, na pública. Isso posto, “A cordialidade brasileira não exclui a violência: pelo contrário, o Homem Cordial é um homem dado a atitudes extremas, capaz de agir com extrema violência” (SOUZA, 2007, p. 344).

De maneira similar, o Estado brasileiro, ao mesmo tempo, propicia possibilidades e também age de forma truculenta contra sua população. E essa violência, como já descrito, encontra no corpo negro sua maior vítima.

Diante desse paradoxo – em que todos são iguais, mas tão diferentes –, as ações cordiais são mais cordiais para determinados setores e a violência se manifesta mais em locais opostos à cordialidade.

Essa ideia de um país cordial, tanto na esfera pública quanto na privada, no âmbito do indivíduo e do Estado, existe há tempos e tem no “mito da democracia racial” uma das suas intersecções, o que permite fazer esse paralelo.

Souza (2007), interpretando Holanda sob o prisma da relação entre colonizador e colonizado, atribui aos portugueses a plasticidade (oriunda da cordialidade lusitana) da relação cordial entre estes dois espaços geográficos: a casa-grande e a senzala. Sua concepção aproxima-se do pensamento de Gilberto Freyre, ao evidenciar a suposta cordialidade portuguesa.

Souza (2007) apresenta o entendimento de Reis (1999) sobre a interpretação desses dois autores a respeito da relação entre Brasil e Portugal. Segundo o Souza (2007), para Freyre, o Brasil deveria seguir os passos dos portugueses e conservar suas tradições; para Holanda, os moldes lusitanos não serviam ao Brasil, que precisava romper com esses laços e criar seu próprio mundo.

O livro Casa-grande & Senzala, de Gilberto Freyre, desperta até hoje ricos debates, mas, por ora, apresenta-se um possível motivo do porque o autor conduziu sua obra da maneira que o fez, suavizando as relações entre a casa-grande e a senzala. A esse respeito, pode-se afirmar que:

[...] sua atenção [de Freyre] esteve sempre voltada a perceber formas de integração harmônica de contrários, interdependência e comunicação recíproca entre diferentes, sejam essas diferenças entre culturas, grupos, gêneros ou classes (SOUZA, 2000, p. 71).

Melo (2009) traz a lume da questão da data e da condição educacional da sociedade brasileira na época. Sendo uma obra lançada em 1933, a população letrada era majoritariamente composta por proprietários ou por filhos das casas-grandes. Embora não se afirme que esse teria motivado a escrita de Freyre, isso poderia ser levantado como hipótese. Outro ponto de destaque é que o livro tem imenso reconhecimento por seu aspecto literário e, como o próprio autor frisava, a metodologia era ele mesmo, o que pode ter resultado na falta de aprofundamentos sociológicos. Apesar disso, não se nega que é um trabalho com sua valia, o que é corroborado pelo fato, como já mencionado, de figurar, há tempos, no centro das discussões.

O dualismo símbolo da obra do sociólogo é ponto conspícuo da discussão do seu trabalho, tendo em vista que ora apresenta a relação opressora entre senhores de engenhos e escravizados ora suaviza essas relações.

Essa situação de violência, segundo Freyre, por vezes se dá quando a senhora de engenho desconfia de ou descobre uma relação de adultério envolvendo seu esposo e alguma escravizada. Como essa não podia se rebelar contra o marido, age violentamente contra a “amante”.

Outra relação de opressão é destacado por Souza (2000) em trecho do livro de Freyre que trata dos filhos dos senhores de engenhos e da forma como vilipendiavam empregadas e seus filhos, bem como a respeito de como usavam seu poder para maltratar, com certo sadismo, os serviçais. O autor também destaca como essas crianças, filhas dos senhores, espelhavam-se em seus pais,

os quais valoravam essa relação de poder. A seguir, um dos trechos em que isso fica evidente.

[...] um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher de doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer a minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por pirraça”; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um muleque de casa, era meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava-lhe mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, – algumas vezes gemendo – mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um – “ai, nhonhô!” – ao que eu retorquia – cala a boca, besta!”- esconder os chapéus das visitas, deitar rabos de papel a pessoas graves, puxar pelo rabicho das cabeleiras, dar beliscão nos braços das matronas, e outras muitas façanhas deste jaez, eram mostras de um gênio indócil, mas devo crer que eram também expressões de um espírito robusto, porque meu pai tinha-me em grande admiração; e se às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos (FREYRE, 1957 apud SOUZA, 2000, p. 83).

Em seu lado harmonioso, Freyre descreve que a sociedade brasileira teria, em seu bojo, um grande encontro cultural entre portugueses e africanos, o qual tem como característica principal a convivência entre ambos sem que se faça um sobrepor o outro (MELO, 2009).

Essa forma de amenizar as relações motivou críticas à obra de Freyre. Sua escrita era leve até quando denunciava algumas questões que mereciam repúdio ou mesmo quando propunha reflexões mais aprofundadas. Em vez de discussões sociológicas pela perspectiva de um sociólogo, o que ocorria era a produção de narrativas com a presença de diversas violências, de modo que, se não houvesse uma profunda leitura e a análise do leitor, a cordialidade pairaria em tempos sombrios para os escravizados.

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a influência negra. da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolegando na mão o bolão de comida. da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. da mulata que nos tirou o primeiro bicho de pé de uma coceira tão boa da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama de vento, a

sensação completa de homem. do muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo (FREYRE, 2001, p.301).

Devido ao lirismo apresentado, existem muitos significados que necessitam ser externados, e que ainda não foram. Quando Freyre apresenta a relação harmoniosa da senhora escravizada que se encontra dentro da casa-grande e toma conta do filho dos senhores, o autor não se preocupa em mencionar que ela está cumprindo esses afazeres por obrigação; são escravizadas que foram tiradas do seu local de convívio ou que nasceram em meio à escravidão e que nunca tiveram alternativas, a não ser submeterem-se às ordens dos donos das casas-grandes.

A ama de leite não tinha outra possibilidade, o que não exclui a possibilidade da criação de algum tipo de afeto pela criança a quem era obrigada a amamentar e a cuidar. Contudo não se pode mitigar tal situação, é necessário questionar todo o processo que levou essa pessoa a exercer essa função.

Também a relação sexual, que, por vezes, consistia no estupro, o autor trata de forma amena, como se houvesse quase uma relação de amor. Aborda-se o “tirar da virgindade” como algo consensual, pautado pelo afeto. Já o estupro e o processo de miscigenação decorrente dessa relação sexual forçada não foram nem mencionados pelo autor.

Freyre, ao mesmo tempo em que ameniza a violência contra o negro, isenta-o de algumas culpas socialmente construídas. Freyre desmonta os vários mitos imputados aos negros, colocando a ênfase de todos esses problemas – como o do contágio da sífilis – no sistema escravocrata implantado pelo colonizador português” (MELO, 2009, p. 284).

Souza (2000) discute a obra Casa-Grande & Senzala, abordando elementos importantes no que tange a busca da interpretação de Freyre sobre a particularidade da colonização brasileira. Para Freyre, a nossa colonização foi mais amena do que outras colonizações na América.

O catolicismo português também era um ponto de certa notoriedade, mas Freyre entendeu que não foi chave para a “suavidade” da nossa colonização.

De acordo com ele, merece sim atenção do fato de que os portugueses colonizaram o Brasil sob a influência maometana, e não europeia. Segundo o autor, os árabes tinham forma mais amena de tratarem seus escravizados, assemelhando-se a uma relação familiar; para os europeus, seus escravizados eram mão de obra barata que deveria ser explorada.

Souza (2000) traz à luz a concepção de Freyre sobre como se clarifica o pensamento do sociólogo sobre a harmonia racial no processo de escravocrata. Para este, no processo de escravidão que tinha como orientação a europeia, havia exploração maior: os escravizados eram tratados apenas como máquinas de trabalhar; já na escravidão com base na cultura árabe, escravizadas e escravizados eram como uma extensão da família do patriarca.

Souza (2000) ainda apresenta trecho em que traz a lume a questão da religião:

E por que foi assim? Não pelo fato de os portugueses serem um povo mais cristão do que os ingleses, os holandeses, os franceses ou os espanhóis, a expressão “mais cristãos” significando aqui, eticamente superiores na moral e no comportamento. A verdade seria outra: a forma menos cruel de escravidão desenvolvida pelos portugueses no Brasil parece ter sido o resultado de seu contato com os escravocratas maometanos, conhecidos pela maneira familiar como tratavam seus escravos. (FREYRE, 1969, apud SOUZA, 2000, p.78)

A influência maometana adentrou também na questão da poligamia e os portugueses utilizaram-se dessa prática com o propósito de aumentar a população e de conseguirem o total domínio de terras brasileiras, sendo essas tão vastas.

Segundo a tradição maometana, para que o filho de uma relação entre o árabe e a sua escravizada fosse aceito, da mesma forma que os filhos do seu relacionamento oficial, só precisava que essa criança adotasse a fé, os rituais e os costumes dos pais.

Nessa linha, houve a versão portuguesa da poligamia, novamente apresentada por Freyre de forma amena. Em sua fala, essa relação poderia ser um bom viés de ascensão do menino mestiço. Relata o autor que essa criança,

por vezes, tinha o mesmo tratamento que um filho “legítimo”. Apresenta-se a fala do autor a fim de demonstrar o esvaziamento de significado a que Freyre conduzia algumas de suas abordagens. Segue a fala:

Os portugueses... assim que se estabeleceram no Brasil começaram a anexar ao seu sistema de organização agrária de economia e de família uma dissimulada imitação de poligamia, permitida pela adoção legal, por pai cristão, quando este incluía, em seu testamento, os filhos naturais, ou ilegítimos, resultantes de mães índias e também de escravas negras. Filhos que, nesses testamentos, eram socialmente iguais, ou quase iguais, aos filhos legítimos. Aliás, não raras vezes, os filhos naturais, de cor, foram mesmo instruídos na Casa Grande pelos frades ou pelos mesmos capelães que educavam a prole legítima, explicando-se assim a ascensão social de alguns desses mestiços (FREYRE, 1969 apud SOUZA, 2000, p. 80).

De forma quase natural, Freyre diferencia os filhos, como sendo uns naturais e outros, ilegítimos. Sobre a educação deles, informa que “não raras vezes” era proporcionada pelas mesmas pessoas. E fecha o raciocínio dizendo que alguns dos filhos “ilegítimos” conseguiam a ascensão social.

Ao considerar a naturalização da relação, não se menciona o consentimento na geração desses filhos, os quais, em inúmeras vezes, vinham de relações não consentidas. Outro ponto que merece certa atenção é que o pai define se dará assistência ao filho ou não. E, quando esse “mestiço” tem o direito de frequentar a casa do seu pai, patrão da sua mãe, serve de objeto do filho “legítimo”, como relatado anteriormente.

Algumas interpretações freyrianas fazem-no sempre estar em evidência nas discussões raciais no Brasil. Tirar o peso, suavizar a escravidão brasileira, a última a ser abolida, não ameniza o número expressivo de africanos que foram retirados de seu continente e trazidos de forma obrigatória ao Brasil para trabalhar forçosamente nas condições desumanas que aqui se encontravam. Além disso, todas as outras questões de violência que envolvem a nossa escravidão, como o estupro, tornam necessárias ressalvas relacionadas à análise de Freyre.

Notórias são as narrativas apresentadas por Souza (2000), em que Freyre trata as relações escravocratas nacionais como algo harmonioso, por isso, reitera-se que sua obra foi uma grande influenciadora do processo de construção do mito da democracia racial.

No segundo momento da discussão do trabalho do sociólogo pernambucano, como mencionado anteriormente, encontra-se o capítulo intitulado “*Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária escravocrata e híbrida*”.

Já no título, Freyre demonstra o caminho que percorrerá, quando aparentemente coloca em igualdade todas essas questões que, na prática, tiveram percursos distintos: colonização, sociedade agrária escravocrata e hibridez da sociedade.

Pondera-se que, no ano de lançamento do livro (1933), na Alemanha Nazista, Hitler assumia o Partido Nacional Socialista (Nazista), estabelecendo o regime totalitário denominado Terceiro Reich, com a propagação da ideologia da superioridade da raça ariana. Diante desse cenário, Freyre apresenta a concepção da brasilidade, que, em caminho oposto, enaltece a mistura das “raças” vislumbrando a hibridez da população como seu ponto forte.

Nesse sentido, Freyre inicia o capítulo enaltecendo as características dos portugueses, traçando um perfil de comportamentos antagonistas, tratando da forma intensa com que os lusos conduziam suas vidas, sendo esse um dos fatores do “êxito” do colonizador. Comportamentos que variam de amorosos a violentos, de alegrias a tristezas, impetuoso, arrogante, aventureiro, entre outros.

Salienta-se que mesmo os adjetivos negativos são apenas apresentados, e não discutidos. Esse antagonismo comportamental, que poderia ser sinônimo de instabilidade, o que seria um fator negativo para quem lidera, não é refletido, e, sim, mencionado de uma forma que transmite a ideia de qualidade.

Outro ponto que merece atenção é a miscigenação a partir da ótica de Gilberto Freyre<sup>3</sup>. Ele descreve a tática usada pelos portugueses e, posteriormente refere-se ao Brasil para ilustrar como o pequeno contingente português consegue a conquista de imensos territórios, reafirmando que a procriação foi a estratégia utilizada para conquistar e consolidar a terra colonizada. Até cita o aspecto da violência, mas coloca-o como estratégia política a ser utilizada. Segundo Freyre (2001, p.83):

A escassez de capital-homem, supriram na os portugueses com extremos de mobilidade e miscibilidade: dominando espaços enormes e onde quer ousassem na África ou América emprenhando mulheres e fazendo filhos, em uma atividade genésica que tanto tinha de violentamente instintiva da parte do indivíduo quanto de política [...].

Sobre a colonização brasileira:

Quanto a miscibilidade, nenhum povo colonizador, dos modernos, excedeu ou se quer igualou esse ponto ao Portugueses. Foi se misturando se gostosamente com mulheres de cor logo no primeiro contato e multiplicando se em filhos mestiços que uns milhares apenas de machos atrevidos conseguiram firmar se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes numerosos na extensão de domínio colonial e na eficácia de ação colonizadora. A miscibilidade, mais que a mobilidade, foi o processo pelo qual os portugueses compensaram-se da deficiência em massa o volume humano para a colonização em larga escala sobre área extensíssima. (FREYRE, 2001, p.83- 84)

Percebe-se a sutileza corriqueira com que o autor expressa algo tão complexo e bárbaro, que foi a retirada de um povo de seu continente, como a exploração abissal dessa população; nota-se também como a violência sexual é apresentada como “maestria lusitana” para alcançar seus propósitos. O autor também se utiliza de um linguajar que, não só ameniza, mas reafirma a ideologia de harmonia racial, quando se expressa da maneira que segue: “Foi se

---

<sup>3</sup>Retoma-se a miscigenação neste capítulo por se entender que esse processo transita em várias esferas do racismo.

*misturando se gostosamente com mulheres de cor logo no primeiro contato e multiplicando se em filhos mestiços”.*

Outro ponto de violência contra todas as mulheres, incluindo as senhoras de engenho, apesar da veemência em relação as escravizadas, encontra-se num dito popular da época, o qual é posteriormente reafirmado em sua obra:

[...] **"Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar"** (grifo nosso); ditado em que se sente, ao lado do convencionalismo social da superioridade da mulher branca e da inferioridade da preta, a preferência sexual pela mulata. Aliás o nosso lirismo amoroso não revela outra tendência senão a glorificação da mulata, da cabocla, da morena celebrada pela beleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes, pelos seus dengues, quindins e embelegos muito mais do que as "virgens pálidas" e as "louras donzelas". Estas surgem em um ou em outro soneto, em uma ou em outra modinha do século XVI ou XIX. Mas sem o relevo das outras (FREYRE, 2001, p. 85)

Esse trecho merece certa atenção pela complexidade narrativa. Dentro de um patriarcado racista, o ditado soa com naturalidade ao tratar de uma divisão de “funções” com base na cor de pele, sendo a mulher branca aquela que tem a educação e o caráter, entre outros tributos, o que a faz ser a escolhida para a construção da família, para ser mãe e a responsável pela educação dos filhos, além da pessoa com aparência para ser a dona da casa-grande. A negra é destinada a ser explorada pelo trabalho, em suas diversas manifestações. Já a “mulata”, nem branca para ser esposa nem preta para ser a escravizada, é subjugada pelos seus atributos físicos e torna-se objeto sexual dos senhores de engenho.

Um paralelo sobre “a função” da mulher branca, segundo o ditado apresentado por Freyre (2001), aparece em nossa pesquisa, cinco dos seis pesquisados que estão em uma união estável, tem seu relacionamento com mulheres brancas, como mencionado anteriormente.

A naturalização da fala de Freyre (2001), se não contribuiu, ao menos não age contra uma construção danosa às mulheres, em especial, às mulheres negras. Diante do seu conceito herança cultural, em que se herda a intolerância contra o sexo feminino, a violência contra as mulheres negras se manifesta com todo o fervor ainda na atualidade.

Ao traçar um paralelo entre “*mulata é para foder*” e os números alarmantes da violência sexual sofrida pelas mulheres negras hoje, nota-se que o seu início ocorreu no passado, o que, desde esse momento, deveria ser combatido. No entanto isso foi harmoniosamente aceito e ideologizado como relação amorosa ou como estratégia de colonização<sup>4</sup>.

Cabe um parêntese para destacar que a herança cultural não se restringe apenas a mulheres negras, mas a todas as mulheres, as quais, desde o início, como representado na fala de Freyre (2001), eram vítimas de alguma forma de violência.

As narrativas nessas trilhas metamorfoseiam algo concreto, tornando-o abstrato. Dito de outra maneira, há uma situação clara de racismo que é permeada pelo poder do discurso, o qual coloca em xeque a veracidade dos fatos e abre espaço para análises distintas, como a ideologia da democracia racial brasileira.

Freyre (2001) descreve que o “sucesso” da colonização portuguesa, na perspectiva de uma relação harmônica entre o patriarcado e os escravizados, ocorreu devido a pouca ingerência do Estado na condução da mesma, as relações eram organizadas pelas próprias famílias detentoras dos escravizados. Essa forma de organização foi conspícua na integração das etnias.

Como essa harmonia se deu, considerando que o patrão escravizou o africano e que ele, o dono do escravizado, era o responsável por determinar como as relações ocorreriam?

A maneira conduzida por Freyre (2001) merece certa atenção para não ganhar forma idílica e para, ao menos em dias atuais, não se utilizar essas narrativas para alicerçar no mito da democracia.

A obra *Casa-Grande & Senzala* e o mito da democracia racial cruzam-se pautadas na narrativa construída por Gilberto Freyre; se não foi a precursora do conceito, não sobram dúvidas sobre sua contribuição. A forma amena com que

---

<sup>4</sup> cf. Malia (2020, on-line), disponível em: <<https://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/2121678-a-cor-da-violencia-mulheres-negras-sofreram-73-dos-casos-de-violencia-sexual-no-brasil-em-2017-diz-estudo>>. Acesso em: 10/06/2020.

as relações raciais foram descritas, sem criticidade, produz um distorcido entendimento sobre as relações escravocratas brasileiras.

Freyre, harmonizou as relações raciais também no futebol, Maranhão (2006, p. 441), traz o artigo escrito por Gilberto Freyre em 17 de junho de 1938, com o título de: **Foot-ball mulato**, para o Jornal Associados de Pernambuco, falando sobre a relevância da miscigenação na forma de jogar o nosso futebol.

[...] O nosso estilo de jogar futebol parece-me contrastar com o dos Europeus, por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e, ao mesmo tempo, de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, há alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses, e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e sociólogos, o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil

E continua dizendo<sup>5</sup>

[...] nosso futebol mulato, com seus floreios artísticos cuja eficiência – menos na defesa que no ataque — ficou demonstrada brilhantemente nos encontros deste ano com os poloneses e os tcheco-eslovacos, é uma expressão de nossa formação social, democrática como nenhuma e rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização, de geometrização, de standardização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal.

Seguindo esse entendimento, Jacinto (2017) discute a obra de Freyre, mas pelo viés do negacionismo freyriano, discorrendo sobre a relação desarmônica da escravidão brasileira. De maneira contundente, o autor aponta que

---

<sup>5</sup>Disponível em: [https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/foot-ball-mulato-gilberto\\_freyre.pdf](https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/foot-ball-mulato-gilberto_freyre.pdf). Acesso em: 01/02/2021.

Gilberto Freyre é o autor que de maneira mais completa mitificou as relações raciais no Brasil e está entre aqueles que mais aprofundadamente desenvolveram uma leitura rósea da escravidão, chegando ao ponto de considerar o seu fim como prejudicial aos negros e afirmar que aquele regime amparou, alimentou com abundância, socorreu na velhice e na doença, proporcionando ascensão social aos filhos dos escravizados que, por sua vez, demonstravam apenas a “passividade animal”, como já apontamos anteriormente. Merece destaque o caráter romântico que emprestou ao estupro continuado de crianças e adolescentes negras e indígenas pelos portugueses e seus descendentes quando oferece o seu olhar na interpretação das relações de homens brancos com mulheres negras, pontuada pela reprodução da citada modinha, que dificilmente teria sido composta por uma mulher negra, dentre outras razões pelo fato de que a grande maioria não era alfabetizada. Sendo que o mais provável é que fossem palavras de um jovem branco, que além de exaltar o cativo como algo positivo, se vê como o “branquinho” que enfeitiça a moça negra (JACINTO, 2017, p.45).

Essas críticas são postuladas a partir da interpretação de que as obras foram construídas pelo viés do meio em que viveram Freyre e Holanda, isto é, “[...] homens brancos, integrantes das elites brasileiras, defensores de uma determinada ‘ideologia racial’, que viveram e produziram ao longo do século XX” (JACINTO, 2017, p.34).

Para o autor, a análise de Holanda sobre o Brasil é maculada pelo racismo. Nessa linha de interpretação, afirma-se que Holanda entende que dominantes e dominados padecem das mesmas características no que concerne ao trabalho. A relação da casa-grande com a senzala era constituída por relações harmoniosas, sem beligerância: “Seríamos, portanto, um povo que não é dado ao trabalho mas é lânguido, doce, amável, sensual, caloroso, “açucarado”, donos de uma cordialidade inerente” (JACINTO, 2017, p. 38).

O autor apresenta valores e costumes, que tanto o sociólogo quanto o historiador atribuíam aos senhores de engenho e aos escravizados, contribuindo para a cordialidade da relação escravista brasileira.

Jacinto (2017) discorre, em alguns momentos, sobre a vida dos escravizados, evidenciando que a relação amistosa apresentada por Holanda e, em especial, por Freyre ocorreu apenas na escrita. Nas ações concretas, não havia cordialidade, e, sim, brutalidade.

Diante do exposto cabe indagar sobre essa cordialidade:

Se do ponto de vista jurídico, todos passaram a ser “iguais perante a lei” a partir de maio de 1888, as condições de trabalho, acesso a moradia, a terra, a educação, a participação social e política e até o direito a manifestações culturais e ao lazer dos brancos foram diferentes das oferecidas ou permitidas aos negros (JACINTO, 2017, p.55).

O autor aporta em Fernandes (2008) para condensar sua crítica sobre essa cordialidade, contemplando o debate com três pontos que percorrem o mapa do seu entendimento sobre o assunto: primeiro foi a narrativa responsabilizando o negro sobre a precariedade que lhe foi imposta pós-abolição, a condição em que vivera era decorrência de seus próprios atos, por serem “irresponsáveis e incapazes”; o segundo ponto, a total isenção de responsabilidade do homem branco sobre o que ocorreria com o negro recém-liberto; e o terceiro, a nova construção de um ideário sobre a harmônica convivência racial na sociedade, em novos formatos, pois, naquele momento, ambos, brancos e negros, eram livres.

Para Ribeiro (2006, p. 202), “A distância social mais espantosa do Brasil é a que separa e opõe os pobres dos ricos. A ela se soma, porém, a discriminação que pesa sobre os negros, mulatos e índios, sobretudo os primeiros”.

Importante ressaltar, com base em Jacinto (2017) e em Ribeiro (2006), que o Brasil nunca viveu em democracia.

Urge destacar que o racismo também se manifesta nas microrrelações, como o ato de segurar de forma ostensiva uma bolsa quando um negro se aproxima no metrô (manifestação de preconceito/ discriminação). Equiparável a isso é chamar alguém de “macaco” (caso de injúria), em seu sentido pejorativo durante uma partida de futebol, simplesmente porque o jogador é parte do time contrário ao do racista.

A ideologia de soberania da raça branca tem entre seus propósitos a exploração do corpo do negro para fins econômicos. Sendo assim, difamar, diminuir o negro, colocando-o em condição de desigualdade (intelectual, por exemplo), é a intencionalidade do homem branco, que considera ser portador de

atributos “superiores”, estabelecer condições de dominar o corpo negro e assim, por vezes, fazem-no através do processo que Foucault (2006) chamou de disciplinar “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhe impõe uma relação de docilidade-utilidade, são que podemos de chamar as ‘disciplinas’” (FOUCAULT, 2006, p.118).

Corroborando essa perspectiva, César (2010, s/p.) acrescenta que:

O poder disciplinar se exerce sobre os corpos individuais por meio de exercícios especialmente desenhados para a ampliação de suas forças. A despeito dos exercícios de adestramento dos corpos ocorrerem em espaços isolados e de maneira desordenada, gradativamente surgiu o conjunto das instituições disciplinares, cuja função foi a produção de corpos úteis e dóceis.

O negro tem seu corpo controlado, disciplinado, no entanto, o atributo de controlador pouco lhe foi ofertado; sua condição subalterna, nessa relação de mando e mandado, é explícita, embora camuflada pelo mito da democracia racial. A título de exemplo, trago o futebol: hoje o jogador negro conquistou seu espaço dentro de campo<sup>6</sup>, mas não fora dele. Pouco se vem técnicos ou dirigentes negros comandando as grandes equipes do futebol nacional.

Além disso, os corpos desses jogadores são minuciosamente controlados até que adquiram a condição de “celebridade”; mesmo assim, apenas no que concerne ao trabalho físico, pois, na hora de se considerar o intelecto, o racismo velado mostra-se intacto. Observa-se que, ainda quando sua intelectualidade é levada em conta, isso ocorre de forma efêmera: alguns até conseguem se tornar técnicos e ter certo êxito<sup>7</sup>, mas o racismo ainda se faz presente em suas vidas.

A este ponto, cabe lembrar que o racismo é pautado pela relação de poder, na qual os racistas ditam onde é o local dos negros. Safatle (2012, p. 33)

---

<sup>6</sup>Essa conquista do negro não o exime de preconceito.

<sup>7</sup> Cito o caso do ex-atleta e técnico negro Andrade, que assumiu a equipe do Flamengo e que levou o rubro-negro carioca ao título de campeão brasileiro em 2009, porém, depois dessa passagem vitoriosa, Andrade foi sumindo do cenário nacional como técnico.

alerta-nos que: “[...] devemos lembrar que a verdadeira mola do poder não é a imposição de uma norma de conduta, mas a organização das possibilidades de escolha”. Assim, quando o negro adentra ao mundo dos brancos, estes não os deixam esquecer “quem são”<sup>8</sup>.

A respeito da relação de poder em Foucault, Machado (2007, p. XVI) acrescenta que:

Não se explica inteiramente o poder quando se procura caracterizá-lo por sua função repressiva. O que lhe interessa basicamente não é expulsar os homens da vida social, impedir o exercício de suas atividades, e sim gerir a vida dos homens, controlá-los em suas ações para que seja possível e viável utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual contínuo de suas capacidades. Objetivo ao mesmo tempo econômico e político: aumento do efeito de seu trabalho, isto é, tornar os homens força de trabalho dando-lhes uma utilidade econômica máxima; diminuição de sua capacidade de revolta, de resistência, de luta, de insurreição contra as ordens do poder, neutralização dos efeitos de contra-poder, isto é, tornar os homens dóceis politicamente. Portanto, aumentar a utilidade econômica e diminuir os inconvenientes, os perigos políticos; aumentar a força econômica e diminuir a força política.

Segundo Foucault (2006), o poder não opera de única maneira ou em um único local, mas, sim, de forma diversa em diversas instituições. Dentre essas: a família, a escola, o hospital, a clínica.

No que tange as relações de poder, Foucault expande seus estudos, buscando o entendimento também das macrorrelações. Dessa forma, encontra no Estado o propulsor das relações de poder através do “assujeitamento dos corpos e controle da população” (FOUCAULT, 2010, p.184).

Outro conceito relevante para esta pesquisa é o de biopoder, isto é: “o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política,

---

<sup>8</sup>Não existe lei maria da penha que nos proteja da violência de nos submeter aos cargos de limpeza; ***De ler nos banheiros das faculdades hitleristas, Fora macacos cotistas***; Parte da letra da música “Mulheres Negras” cantada por Yzalu, cantora e militante negra. Disponível em: <. Acesso em: 21/06/2017. <https://www.vagalume.com.br/yzalu/mulheres-negras.html>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

numa estratégia política, numa estratégia geral do poder” (FOUCAULT, 2008, p. 3). Em outras palavras, o biopoder é o controle do Estado sobre as pessoas, é o poder sobre a vida, a determinação de quase todas as ações do homem, em um conceito amplo, em uma macrorrelação, diferente do processo disciplinar, que está pautado por microrrelações e de caráter individual.

Camilo e Furtado (2016) abordam a análise de Foucault sobre o biopoder, apresentando o processo de mudança deste. Os autores consideram que, na teoria do soberano, o poder está centrado no direito sobre a vida e na morte dos sujeitos. Dito de outra forma: o Estado determina quem vive e quem morre.

Contudo, como já salientado por Foucault, o poder não é estático transformações ocorrem. Dentre essas, há aquelas que são operadas nas relações sobre a vida

Por sua vez, de acordo com Foucault, desde o século XVII vê-se surgir uma nova organização do poder. Nesse sentido, “o direito de morte tenderá a se deslocar ou, pelo menos, a se apoiar nas exigências de um poder que gere a vida e a se ordenar em função dos seus reclames.” (Foucault, 1976/2010a, p. 148). Se outrora vigorou o princípio segundo o qual era legítimo provocar a morte ou deixar viver, agora, invertendo-se a esta equação, os mecanismos de poder visam produzir a vida, articulados à possibilidade de se deixar morrer. (CAMILO; FURTADO, 2016, p.36)

Como se nota, o poder ganha outros ditames, agora não mais relacionados apenas com a morte, mas, sim, com a vida. O Estado permite que indivíduos vivam, entretanto com suas ações controladas. Essa permissão de vida tem seus propósitos: de forma orquestrada, as relações de poder se mantêm vigentes.

Apesar disso, o biopoder não exclui por completo a morte. Como descrito anteriormente, existe a possibilidade de deixar morrer, que é um mecanismo do poder. Sendo assim, na era do biopoder, a morte de uns assegura a existência de todos (FOUCAULT, 1999) e “Essa forma de equivaler vida e morte, encontrada na base do biopoder, explica a emergência de fenômenos como o racismo de Estado” (CAMILO; FURTADO, 2016, p. 36). Em outras palavras:

Um racismo que uma sociedade vai exercer sobre ela mesma, sobre seus próprios elementos, sobre seus próprios produtos; um racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social (FOUCAULT, 2010, p. 52-53).

A normalização social, na sociedade brasileira, é a manutenção da hierarquização do branco sobre o negro. Dessa forma, as normativas são construídas e difundidas para que aquele continue se sobrepondo a este último. Dentre essas normativas, está o assassinato da população negra pelo Estado, justificada pelo discurso da proteção da sociedade, ou seja, defendem-se os interesses de uma parcela branca elitista que não aceita o “diferente” e que conta com o Estado para manter-se distante.

Em síntese: o Estado racista determina quem vive e quem morre e, dessa forma, o mecanismo de poder do Estado contra quem é de interesse tem sua máxima eficácia.

Tornaram-se corriqueiras notícias sobre assassinatos da população negra pela polícia, em que se tenta justificar o injustificável e que conta com o agravante da não perplexidade da população em geral. Ao contrário, as narrativas proferidas pelo Estado conquistam adeptos e a morte de uma pessoa negra em sua casa ganha contornos do acaso.

Já o “deixar viver” do biopoder, em relação com a perspectiva de “deixar morrer”, encontra sua verdade na história do negro no Brasil. Desde a abolição da escravatura, deixou-se o negro viver, sobreviver em condições subalterna para que, quando se decidisse por sua morte, o silêncio predominasse. Essas são relações atemporais.

Branco (2009, p.31) propõe um questionamento a partir de Foucault (1996) sobre o poder do Estado em relação a morte: “como é possível que um poder político mate, reivindique a morte, exija a morte, faça matar, dê a ordem para matar, exponha à morte não apenas seus inimigos, mas também seus cidadãos?”.

Ao pensar no Brasil, esse controle populacional tem na população negra o grupo que pode ser exterminado sem que haja manifesto contrário a isso. Institucionalmente, o controle populacional age de forma eficaz.

Sobre o modelo de racismo institucional, Foucault o articula com o biopoder ao afirmar que:

o que permitiu a inscrição do racismo nos mecanismos do Estado foi, conjuntamente, a emergência do biopoder. Este é o momento em que o racismo é introduzido como mecanismo fundamental do poder e segundo as modalidades exercidas pelos Estados modernos (FOUCAULT, 1996, p. 205).

Foucault (1999) aborda a questão das raças como uma guerra entre elas e amplia a discussão ao afirmar que a raça que se sobrepõe a outra não é diferente, de formações distintas, mas, sim, “[...] o desdobramento de uma única e mesma raça em uma super- raça e uma sub-raça” (p.72).

Enxerga-se, na fala do autor, o conceito de espécie humana que, na tentativa de consolidar o racismo, constrói o conceito de “raça”, originalmente no campo biológico e, posteriormente, na esfera social, mas sempre reafirmando uma relação binária: “raça” superior e inferior.

Foucault entende que essas construções estão pautadas pelas relações de poder. Em um movimento complexo, descreve o autor:

[...] a luta das raças [...] era essencialmente um instrumento de lutas para campos descentralizados – vai ser recentralizado e torna-se o discurso do poder, de um poder centrado, centralizado e centralizador; o discurso de um combate que deve ser travado não entre duas raças, mas a partir de uma raça considerada a verdadeira e a única, aquela que detém o poder e aquela que é titular da norma, contra aqueles que estão fora dessa norma, contra aqueles que constituem outros tantos perigos para o patrimônio biológico. E vamos ver nesse momento, todos os discursos biológicos - racistas sobre a degenerescência, mas também todas as instituições que, no interior do corpo social, vão fazer o discurso da luta das raças funcionar como o princípio de eliminação, de segregação e, finalmente, de normalização social (FOUCAULT, 1999, p. 72).

O conceito do racismo pelo biopoder, isto é, a eliminação da “raça impura”, encontra-se em diálogo com as teorias racistas científicas que foram apropriadas pelo Brasil no início do século passado. Ambas tentam sustentar-se pelo campo biológico e levam em conta a eliminação da “raça inferior” nesse processo de hierarquização na busca de uma “normalização” social.

Contudo as teorias racistas enxergavam a eliminação da “raça inferior” pelo processo de miscigenação. Isso vai de encontro ao biopoder, que tem como propósito a extinção da raça subalterna por meio da morte dos indivíduos que dela fazem parte, ou seja, por meio do processo do “deixar morrer”.

O processo de eliminação de uns é algo antigo, mas que se encontra no “discurso legitimador do genocídio de seus cidadãos, apresentado pelos Estados como uma prática imprescindível para levar a cabo a regeneração da própria raça” (BRANCO, 2009, p.32) com algo novo nesse processo.

Araújo e Santos (2019, p. 3042), com base em Foucault, escrevem que:

[...] para matar é preciso invocar a enormidade do crime, a monstruosidade do criminoso, sua incorrigibilidade e a salvaguarda da sociedade, desta maneira, a morte se constituiria legítima, por se tratar de um perigo biológico para os outros.

Disso depreende-se que os mecanismos estatais constituem-se e agem de forma que seja absorvida com naturalidade e legitimada por setores de interesse do Estado a produção da morte de outros setores que esse julgue não serem dignos de interesse de vida. Sendo assim: “É preciso acreditar e se fazer acreditar por meio de todos os instrumentos de legitimação do Estado que a morte do jovem negro é legítima, e o é porque ele é marginal” (ARAÚJO; SANTOS, 2019, p. 3045).

As mortes de negros, em especial de adolescentes e jovens, tornaram-se corriqueiras, de tal forma que está ocorrendo um processo de naturalização do fenômeno. Acrescente-se a isso o fato de que:

Com efeito, em termos foucaultianos, racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “aquele velho direito soberano de morte”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado [...] A característica mais original dessa formação de terror é a concatenação do biopoder, o estado de exceção e o estado de sítio. A raça é, mais uma vez, crucial para esse encadeamento. (MBEMBE, 2016, p. 128 e 132)

Essa eliminação de setores da sociedade orquestrada pelo Estado, em especial da população negra, foi objeto de estudo de Achille Mbembe, que a denominou de necropolítica. Esta aproxima-se do conceito do biopoder, mas, para Mbembe (2016, p. 146), a “noção de biopoder é insuficiente para explicar as formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte”. Segundo o autor, a análise deve ser mais ampla do que somente escrever corpos dentro de aparatos disciplinares.

Dois pontos apresentados por Araújo e Santos (2019) são fatores de sustentação da necropolítica: os corpos negros são considerados descartáveis e perigosos. Ambos os aspectos, para um Estado racista, são justificativas que solidificam as ações de violência contra essa população.

Um corpo descartável, em uma sociedade em que a valoração está em quem produz, torna-se não útil e, assim, não se justifica sua existência. De igual forma, esse é um corpo perigoso para uma parcela soberana da sociedade. Por isso, o julgamento de corpos perigosos é justificado com base nos medos e, para proteção dessa soberania, sua extinção torna-se uma boa possibilidade. Sendo assim, a construção do discurso de um corpo descartável e perigoso ganha vida na sociedade e a política da morte prolifera-se.

Mbembe (2016) debruça-se sobre as políticas da morte, entendendo-as como uma macroestrutura cujo funcionamento se dá através da soberania que gerencia a morte. Nesse sentido, as definições de quem vive e de quem morre têm seu aparato no campo biológico e o racismo apresenta-se com sua máxima expressão.

Segundo Benício et. al (2018) a necropolítica (MBEMBE, 2016) é caracterizada como uma tecnologia de produção e de gestão da morte na atualidade; se faz a partir da releitura das noções de biopoder, de biopolítica e de racismo de estado apresentadas por Michel Foucault.

Nas análises de Mbembe (2016), as colônias estão no centro da discussão da necropolítica e certos grupos populacionais são considerados como “mortos-vivos”. Esse conceito de “mortos-vivos” está pautado na construção de populações que passaram pelo processo de desumanização a uma condição de vida que se aproxima a esse status.

A produção de “mortos vivos” respalda-se nas ações tácitas de governo que, através da escamoteação da sua população, produz populações sem a mínima dignidade humana. Estão vivos fisicamente, mas mortos aos olhos da sociedade e a concretização dessa morte não gera repulsa, mas discursos ideológicos em que determinados óbitos são aceitáveis.

Essa construção de morte cotidiana, que grupos a morrerem aos poucos todos os dias até o ato concreto, mantém a população negra na linha de frente. Historicamente, o negro esteve à margem da sociedade e pouco houve tentativas de reparação desses danos pós-abolição.

Dentro de uma hierarquização social, a determinação dos espaços deve ser bem orquestrada. Faz parte desse movimento a violência permeada pelo Estado<sup>9</sup> e permitida por determinados setores, a qual encontra nas periferias sua livre manifestação, mas, quando rompe o limite dos espaços permitidos e adentra outros territórios, provoca repercussões e represálias quase instantâneas.

Fortalecida pelo poder das normas legais do país, que, apesar de formalmente apregoar a igualdade e garantir o direito à vida, no cotidiano alguns cidadãos são considerados pelo Estado aptos a viver e outros marcados para a morte a partir de um determinante racial (ARAÚJO; SANTOS, 2019, p.3026).

---

<sup>9</sup>Apresenta-se somente a violência do Estado, por estar se tratando dos conceitos biopoder e necropolítica. Contudo não se fecha aos olhos a violência disseminada pelo crime organizado, nesses espaços citados, e/ou em qualquer outro espaço.

A este ponto, cabe evocar um importante conceito que contribui para o entendimento da sociedade brasileira atual: Estado suicidário, de Paul Virilio. Esse foi discutido pelo filósofo Vladimir Safatle, segundo o qual o Estado suicidário é mais perverso que a necropolítica. Em suas palavras:

Engana-se quem acredita que isso é apenas a já tradicional figura do necroestado nacional. Caminhamos para além da temática necropolítica do Estado como gestor da morte e do desaparecimento. Um Estado como o nosso não é apenas o gestor da morte. Ele é o ator contínuo da sua própria, ele é o cultivador de sua própria explosão. Para ser mais preciso, ele é a mistura da administração da morte de setores da sua própria população e do flerte contínuo e arriscado com sua própria destruição (2020, n.p.).

Safatle considera ainda que isso só correu anteriormente na Alemanha nazista. Ao pensar no Brasil, o autor pondera que o Estado suicidário está sendo conduzido pelo atual presidente do Brasil Jair Bolsonaro, que, além de negar o coronavírus, ainda empurra a população à morte através de exemplos e de falas que incentivam constantemente a volta ao trabalho, negligenciando as recomendações mundiais de cuidados durante a pandemia.

É preciso, dado o exposto, refletir o quão ledó é o engano de que essa população, abandonada a própria sorte, não tenha casta, de certo modo semelhante ao sistema escravocrata brasileiro; todavia, em vez de senhores de engenho e escravizados, tem-se agora a divisão entre patrões e empregados. Mudam-se as nomenclaturas, mas as relações entre opressor e oprimido permanecem; dentre essas novas configurações, as “senzalas” ganharam novos contornos, atingindo quase toda a população trabalhadora do país, não só de pele negra, mas esta é a que continua a sofrer mais.

Essas “senzalas” aparecem quando os moradores das “casas-grandes”, vestidos de empresários, discorrem sua retórica dizendo que pior que a pandemia é o desemprego ou que a segunda onda da pandemia é a falta de trabalho; dito de outra forma: o engenho não pode parar. Para exemplificar o

máximo da desumanização, pode-se mencionar falas de empresários que dizem<sup>10</sup>:

“5.000 pessoas ou 7.000 pessoas que vão morrer”, números que seriam baixos perto das mortes provocadas por homicídio ou desnutrição no país. “O Brasil não pode parar dessa maneira. O Brasil não aguenta. Tem que ter trabalho. As pessoas têm que produzir, têm que trabalhar. O Brasil não tem essa condição de ficar parado assim. As consequências que nós vamos ter economicamente, no futuro, serão muito maiores do que as pessoas que vão morrer agora com coronavírus (sic)”, afirmou (UOL, 2020, s.p.)

São essas abissais narrativas que têm o propósito de levar do engenho à morte para garantir o conforto da casa-grande. E essas falas contam com o aval e com a concordância de quem tem por obrigação cuidar do povo.

A introdução até aqui realizada, sobre a questão racial, aponta para sua disseminação nos vários setores da sociedade. Todavia, tendo em vista a necessidade de se fazer um recorte com vistas a realizar o devido aprofundamento, optou-se por situar nosso estudo no âmbito futebolístico, a partir da visão dos próprios jogadores, considerando o histórico racismo no futebol brasileiro e a insuficiente produção sobre o tema, do ponto de vista daqueles que o vivenciam.

A complexidade dessa temática e sua reverberação no futebol levou-nos a assumir como problema de pesquisa o entendimento sobre o racismo no futebol brasileiro no olhar de jogadores e ex-jogadores negros.

Nesse árduo caminho, a pesquisa tem como objetivo geral: compreender o significado de atos racistas para jogadores negros que já sofreram essa violência ou não, em uma partida de futebol.

Foram também definidos os seguintes objetivos específicos: a) saber o que sentiram os jogadores quando foram alvo de racismo; b) entender qual o significado do racismo para o jogador (interlocutor) que nunca sofreu essa

---

<sup>10</sup>Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/24/empresarios-coronavirus-o-que-dizem-criticas.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

violência; c) dar voz a esses atletas, com o intuito de demonstrarem para a sociedade as consequências do racismo para essas pessoas.

A pesquisa consiste em estudo com jogadores e ex- jogadores de futebol, todos negros, que já sofreram ou não, com racismo em campo. Essas pessoas puderam contribuir, por meio da apresentação de seu histórico de vida, dizendo o que é ser negro na sociedade brasileira e, além disso, puderam falar sobre racismo no futebol, entre outras questões sobre a temática racial. Diante disso, aqueles que participaram do estudo tiveram suas identidades preservadas, sendo identificados por: sujeito 1 por Barboza, sujeito 2, Vozão, já o sujeito 3 de alcunha Cruzeirinho, o sujeito 4, Carioca, sujeito 5 por Didi e para finalizar sujeito 6, Lusa,. Essa classificação foi atribuída conforme a ordem em que as pesquisas ocorreram.

A ideia de convidar ex-jogadores para o debate tornou-se importante para a compreensão de diferentes épocas, conforme mencionado por muitos deles durante a pesquisa, constantemente utilizando a expressão “na minha época era diferente”, algo encontrado nas declarações de Cruzeirinho, Carioca, Didi e Lusa. Vozes que foram trazidas para enriquecer a discussão, conforme descrito por Lusa:

[...]eu acho que você deveria procurar alguns ex-jogadores para fazer matéria eles têm tantas coisas boas, bonitas que ele se abre muito mais do que aquele que ainda jogando por que eles são muitos mais retraídos mais os ex-jogadores você vai explorar muito mais o que você quer.

Além de pesquisa bibliográfica sobre os temas essenciais que foram abordados no trabalho, a coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas. Estas não tinham um número específico de interlocutores e foram realizadas até quando os dados começaram a ser repetir.

As entrevistas semiestruturadas, que combinam perguntas abertas e fechadas, seguem as orientações metodológicas de Minayo (2008). Mesmo dando maior liberdade para os nossos sujeitos de pesquisa responderem às

questões, todas as perguntas tinham seu direcionamento. Ademais, neste trabalho, as questões foram todas abertas.

Por meio desse instrumento, foi possível deixar espaço para que a trajetória de vida aparecesse no trabalho, assim como o resgate da memória dos pesquisados, desde a infância até se tornarem atletas profissionais. Isso enriqueceu a pesquisa, pois a retomada desse passado mostrou a peculiaridade de cada entrevistado e como a vida do negro se assemelha desde a época da escravidão.

Para as entrevistas, foi utilizado gravador com objetivo de registrar o maior número de informações possíveis. Sobre a técnica de utilização de gravador para realização de pesquisa, esclarecemos que:

O gravador também abre a possibilidade para generalizar a utilização de dados, ou, mais precisamente, torna possível o registro sistemático e exaustivo de dados que, de outra maneira, restringir-se iam ao uso de um único pesquisado e suas finalidades específicas (BERNARDO, 2007, p. 37-38).

Em acréscimo, o uso desse instrumento “[...] abre caminho à construção e ao registro da própria fonte” (QUEIROZ, 1983 *apud* BERNARDO, 2007, p. 38).

Quanto à forma de abordagem do problema, utilizou-se a pesquisa qualitativa, partindo do seguinte princípio:

Pesquisa-qualitativa: considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (SILVA; MENEZES, 2005, p. 20).

Acrescente-se que:

[...] a pesquisa qualitativa corresponde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. [...] O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos (MINAYO, 2008, p. 21).

Essa mesma autora defende que, no âmbito das Ciências Sociais, os objetos são históricos, possuem consciência histórica e existe identidade entre sujeito e objeto (MINAYO, 2008).

Esclarecido esse aspecto da pesquisa, é importante mencionar que houve grande dificuldade para chegar aos interlocutores. Por serem jogadores ou ex-jogadores de futebol, o acesso a eles é muito dificultoso, em especial com relação aos que estão na ativa. Logo, tornou-se necessário buscar constantemente novos caminhos que levassem a esses jogadores e ex-jogadores.

Dos seis sujeitos da pesquisa, dois continuam exercendo a profissão e quatro já se aposentaram. Dos dois jogadores em atividade, um joga atualmente em um time do Vale do Paraíba paulista, na posição de goleiro. Barboza iniciou sua formação na Sociedade Esportiva Palmeiras e, até chegar ao profissional, exerceu sua profissão em vários clubes do Brasil; esteve também nas categorias de base da seleção brasileira.

O segundo jogador na ativa, Vozão, defende um clube do município de Fortaleza, no Ceará, que disputa a série A do campeonato brasileiro. Ele nasceu no fundo do Vale do Paraíba paulista, passou toda a infância nessa mesma cidade e nela teve sua formação enquanto jogador; diferente da maioria dos atletas profissionais de futebol, ele não foi para nenhum clube nas categorias de base: tentou entrar no clube do São Caetano Esporte Clube e no Racing Club de Lens-França; não obtendo sucesso, continuou a jogar nos campos de várzea em seu município. Dedicou parte de sua adolescência ao trabalho para poder ajudar financeiramente a família, mas, aos 18 anos, conseguiu a profissionalização na Associação Esportiva Araçatuba. Esse jogador também já passou por vários clubes brasileiros.

Cruzeirinho é um ex-jogador, está aposentado há 3 anos e também é natural de uma cidade do fundo do Vale Paraíba paulista. Em sua adolescência, foi para o Sport Club Corinthians Paulista, tendo toda a sua formação e profissionalização nesse mesmo clube. Atuava na posição de meio-campo e teve passagem por vários clubes brasileiros e também por times internacionais, como México e Espanha. Conquistou vários títulos de expressão pelos clubes em que atuou no Brasil.

Carioca nasceu em São Luiz do Maranhão- MA, mudando-se logo cedo para o Rio de Janeiro, onde vive até hoje. Jogou profissionalmente de 1990 a 2006 e atualmente, é taxista no aeroporto internacional do Rio de Janeiro – RIO Galeão. Iniciou sua vida no futebol durante a adolescência no clube América Football Club, jogando posteriormente no Fluminense Football Club, ao que se seguiu uma ampla carreira internacional em modestos clubes.

Didi carrega consigo a honra de ser neto de um grande jogador da seleção brasileira (bi-campeão mundial de seleções, em 1958 e 1962). Esse sujeito iniciou a trajetória no Clube Regatas do Flamengo, na adolescência, chegando à equipe principal do clube, exercendo sua profissão entre 1992 e 2007. Além do Flamengo, atuou em outras equipes brasileiras, jogando também em um clube da Malásia. Atualmente trabalha no Banco do Brasil em um município do Estado do Rio de Janeiro.

O último entrevistado, Lusa jogou durante a década de 70 do século passado, começando sua carreira em um clube da capital paulista, equipe essa que já foi considerada um clube “grande” do Estado de São Paulo. Entretanto, o sujeito 6 da pesquisa, Lusa alcançou o auge da carreira em outro grande clube da mesma capital, sendo o responsável por fazer o gol do título de um campeonato estadual, feito que acabou com o jejum de conquistas dessa equipe.

Após a introdução e essa breve apresentação dos sujeitos da pesquisa, considera-se pertinente demonstrar, em termos organizacionais, como o trabalho foi pensado.

No primeiro capítulo, traz-se a luz a discussão sobre algumas expressões do racismo no século XXI, tendo como o ponto de partida o emblemático caso “Grafite”, onde pode-se considerar o marco da ruptura do silenciamento do

jogador negro, diante a violência racista em campo. Trazendo alguns outros casos que tiveram repercussões com isso a voz negra começaram a ecoar, finalizando com o caso do jogador do Clube Regatas do Flamengo, Gerson.

No segundo, traz para o debate as falas dos sujeitos da pesquisa, iniciando-se com a abordagem do histórico de vida do jogador: como foi a infância, a família e a escola até se tornarem jogadores profissionais, abordando também a questão racial sobre o que é ser negro na sociedade brasileira.

Na mesma linha, no decorrer do trabalho, abordou-se o tema central da tese, o significado do racismo em campo, pelo olhar do jogador negro. O capítulo elucidou a complexidade de se discutir a questão racial no Brasil, opiniões divergentes, dentre elas, denúncia, relativização e até mesmo a negação do racismo, contribuíram para o enriquecimento do capítulo 3. Como racismo estrutural, que se manifesta pelas instituições, também se fez presente, a partir da questão sobre o auxílio dos clubes aos jogadores vítimas da violência racial, no exercício da sua profissão.

Outro caminho percorrido na tese para compreender o olhar dos pesquisados sobre o racismo no futebol, foi a questão da escassez de técnicos negros nas equipes do Brasil, em especial nos clubes da elite. Essa ampla discussão passa pelos racismos institucional e estrutural e pelo mito da democracia racial, posto ainda que há pessoas que defendem a inexistência de racismo no Brasil, sendo esse último também objeto de investigação. Encerrando o capítulo 4; em uma perspectiva colonialista, foi abordado a questão da concentração dos jogadores antes dos jogos.

Ou seja, a tese objetivou trabalhar com a história de cada jogador e com seus entendimentos sobre racismo, tanto dentro quanto fora de campo, a fim de ser possível formular uma concepção de racismo a partir dos sujeitos que o vivenciam.

Por fim, são apresentadas as Considerações Finais e as Referências

## **1. EXPRESSÕES DO RACISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO DO SÉCULO XXI**

Neste capítulo, a questão racial será analisada a partir de alguns episódios ocorridos no futebol nas últimas duas décadas deste século XXI.

### ***1.1. Episódios de racismo no futebol do século XXI***

Inicialmente, cabe lembrar um episódio de racismo explícito envolvendo jogadores de dois países, o que, de imediato, indica também que o racismo não tem fronteiras geográficas. Nesse episódio, ocorrido no dia 13 de abril de 2005, em jogo válido pela Copa Libertadores da América entre o São Paulo Futebol Clube e o Club Atlético Argentino de Quilmes, no Estádio Cícero Pompeu de Toledo (popularmente chamado de Morumbi), em São Paulo- SP, envolveram-se um jogador brasileiro e dois argentinos. Após disputa de bola entre o jogador brasileiro Edinaldo Batista Libânio (Grafite) e o argentino Arano, pós-lance, outro jogador da equipe argentina, o zagueiro Leandro Desábato, aproximou-se do atleta são-paulino e teria proferido a seguinte frase: “Negrito de mierda, enfia la banana enelculo”. Ao ser xingado, Grafite revidou empurrando o rosto do argentino. Na confusão, o árbitro expulsou o brasileiro e o argentino Arano. No final da partida, o delegado da Polícia Civil de São Paulo, Osvaldo Gonçalves, entrou no gramado, perante todo o público e a imprensa, para dar voz de prisão a Desábato sob a acusação de crime de injúria com agravante de racismo.

Nesse episódio, observam-se duas ações: a da autoridade de campo, o juiz da partida, que expulsou os dois jogadores envolvidos na disputa da bola; outra da autoridade policial da cidade sede do jogo. Essa medida policial poderia significar um avanço formal e real no combate ao racismo?

O delegado de polícia valeu-se da Lei nº no artigo 140, § 3º, do Código Penal brasileiro, por injúria qualificada com agravante de preconceito racial, que prevê pena de reclusão de um a três anos e multa, para aplicar a medida. Nesse caso, o que pareceu diferir de tempos passados foi a autoridade policial tomar conhecimento do fato e agir de imediato. Essa ação poderia ter sido o indicativo

de alguma mudança no racismo institucional, mas parece não ter se concretizado, posto que outros episódios dessa natureza continuaram a acontecer sem que houvesse a mesma diligência por parte das autoridades competentes.

Cabe lembrar que o racismo institucional é entendido como atos gerados pelas instituições que são responsáveis pela condução das várias políticas públicas do país, o qual constitui um dos pilares de efetivação e de manutenção do racismo estrutural.

O racismo institucional é a “[...] falha coletiva de uma organização em não prover um serviço apropriado e profissional às pessoas por causa de sua cor, cultura ou origem étnica” (CFEMEA; GELEDÉS, 2013, p.11). Em relação ao racismo estrutural, assim o descreve Silva (2017, p.130): “No plano estrutural, o racismo consiste no sistemático acesso desigual a bens materiais entre os diferentes segmentos raciais”.

Uma outra vertente dessa questão diz respeito a forma como cada jogador vivencia e enfrenta o racismo. Nesse sentido, Tonini (2012) relata que o jogador Grafite já havia sido alvo do racismo do time argentino, em partida realizada em Buenos Aires, datada de 16 de março daquele ano, quando o jogador manifestou que fora ofendido com o termo depreciativo “macaco negro”, o que sugere que o jogador estava atento às manifestações de racismo contra si. Mas será que essa consciência está presente no conjunto dos jogadores negros?

Para Serrano (2018), o “caso Grafite” é um marco na discussão do racismo no futebol. Para o autor, além da repercussão na mídia, o episódio em si e a ação do juiz da partida e do delegado de polícia tiveram como agravante a prisão do jogador argentino, fazendo com que as autoridades brasileiras começassem a ter alguma atenção relacionada a esse tipo de acontecimento.

Entende-se que isso ocorrera de forma tímida. Com base nos relatórios do Observatório da Discriminação Racial<sup>11</sup>, que monitora os casos de racismo

---

<sup>11</sup>Disponível em: <<https://observatorioracialfutebol.com.br/observatorio/relatorios-anuais-da-discriminacao/>>. Acesso em 21 ago. 2020.

no futebol, considera-se que há poucas punições aos agressores e que, quando ocorrem, dão-se de forma branda. Quando o clube é penalizado, seus dirigentes se rebelam contra a pena imposta, o que o faz recorrer e, quase sempre, conseguem ao menos a diminuição da pena imposta. Quando agressor é preso, paga a fiança e é liberado pela justiça.

Giglio, Tonini e Rubio (2014) e Serrano (2018) apontam que esse episódio com o jogador Grafite não ficou restrito somente aos envolvidos, mas estendeu-se ao jogador Dermival Lima, de alcunha “Baiano”. Este, na época do ocorrido com o jogador do São Paulo, defendia o clube argentino Club Atlético Boca Júnior e viu sua vida se transformar no time, conforme suas palavras, “do céu ao inferno”, passando a sofrer racismo com frequência, até por parte dos jogadores da própria equipe:

Acabei disputando a Libertadores pelo Boca Juniors, marcando dois gols. Foi muito legal no Boca Juniors até acontecer o episódio do Grafite. O Desábato xingou o Grafite, de “negro”, alguma coisa assim. Ele foi preso dentro do Morumbi, e a minha vida que estava no céu... Eu tinha chegado no Palmeiras na Série B, conquistamos o título e eu fui eleito o melhor lateral do campeonato[...]. No final do ano, me transferi para o Boca Juniors, no centenário do clube, e fui morar em Porto Madero. Eu falei: “Cheguei no céu” porque um clube como Santos, Palmeiras, Atlético Mineiro e Boca Juniors, eu não preciso mais nada, né?! Então, é daqui pra voltar à seleção novamente. Infelizmente, após sete meses que eu estava lá, minha vida começou... saiu do céu ao inferno em pouco tempo, porque o Desábato ficou preso aqui sete dias. Todo mundo começou a me comparar com o Grafite, me chamavam de “negro de m...”, “negro disso”, “negro daquilo”, cuspiam na minha cara... Escarraram muitas vezes na minha cara, meus próprios adversários. Dentro do vestiário do Boca Juniors, quando eu chegava, alguns jogadores cuspiam no chão, me chamando de “negro disso”, “negro daquilo”, “irmão do Grafite”. Aí, eu perdi a vontade de jogar no Boca Juniors e retornei ao Palmeiras no final de 2005 novamente (GIGLIO; TONINI; RUBIO, 2014, p. 267).

A questão racial entre brasileiros e argentinos perdura há tempos. A utilização da expressão “macaquitos”, por parte dos Argentinos, rotineiramente aparece nos confrontos, o que foi iniciado em 1920, quando um jornal argentino de grande circulação publicou a foto da seleção brasileira representada por macacos. (GUTERMAN, 2010)

Lusa relata a discriminação sofrida quando jogava na Argentina contra uma equipe da casa. Ao mencionar a expressão “macaquito” e sua utilização em jornais, esse sujeito demonstra que isso não se restringiu somente a 1920 e, para ele, essa manifestação racista tem como propósito a desestabilização dos jogadores e da equipe. “[...] eu já cheguei a jogar na Argentina. Você abre o jornal, está escrito os ‘macaquitos’. Vai fazer o quê? É para tirar você do seu equilíbrio”.

Representar os jogadores da seleção como macacos revelava o lugar que a nação brasileira deveria ocupar na hierarquia das nacionalidades. Naquele episódio, o jornal argentino tentava estabelecer uma distinção entre a qualidade racial do seu povo e a do povo brasileiro. Como o progresso de uma nação poderia ser pensado pelas supostas características superiores da “raça” branca, a Argentina estaria um passo à frente do Brasil, em caso de se pensar numa correlação entre uma suposta hierarquia das “raças” e seus respectivos estados nacionais.

Meses depois do caso “Grafite”, ocorreu outro episódio de racismo, também de grande repercussão: em jogo envolvendo times do Rio Grande do Sul, Esporte Clube Juventude contra o Sport Clube Internacional, quando o jogador Paulo César do Nascimento, mais conhecido como Tinga, tocava na bola, ouvia urros simiescos da torcida adversária. Esse episódio também ficou marcado pelo fato de que “[...] o Juventude se tornou o primeiro clube de futebol do país a receber punição resultante de um ato de racismo [...]” (SERRANO, 2018, p. 125).

Além desses episódios, outros atos racistas ocorridos em nossos estádios exemplificam a permanência desse comportamento no século XXI. No ano de 2006, a mesma equipe de Caxias-RS teve um jogador novamente envolvido em caso de racismo, agora dirigido a outra equipe de Porto Alegre, o Grêmio Football Porto Alegrense. O zagueiro Antônio Carlos, do Juventude, atingiu com uma cotovelada o jogador Jeovânio, do Grêmio; o primeiro foi expulso, mas, ao sair do campo, estendeu um dos cotovelos e passou dois dedos sobre sua pele, insinuando-se sobre a cor de pele do rival.

Como, no Brasil, há o “preconceito de ter preconceito” (FERNANDES, 2007), Antônio Carlos se defendeu dizendo: “Se querem me acusar de algo, que façam. Mas estou tranquilo. Estava mostrando meu corte no braço” (SERRANO, 2018, p.127). Já o agredido proferiu as seguintes palavras sobre o ocorrido: “O Antônio Carlos foi maldoso. Fiquei chateado com que aconteceu, mas isso tem de ser coibido pelas autoridades. Não quero mais falar sobre o assunto (SERRANO, 2018, p. 127)”. Esse tipo de ato é “[...] ultrajante (para quem sofre) e degradante (para quem o pratique)” (FERNANDES, 2007, p.41).

Na Copa Libertadores, quando o Cruzeiro Esporte Clube, de MG, e a Asociación Civil Real Atlético Garcilaso (atua I Cusco Fútbol Club), da cidade peruana de Cuzco, enfrentaram-se na cidade peruana de Huancayo, a torcida local imitava um macaco quando o meio-campista cruzeirense, Tinga, tocava na bola.

Ao recapitular o ocorrido, fazemo-lo para relacionar com outros episódios semelhantes abordados por Martins (2014), como o do zagueiro Paulo Marcos de Jesus Ribeiro, o Paulão, do Sport Club Internacional, que foi chamado de macaco por um grupo de torcedores rival Grêmio Foot- Ball Porto Alegre.

O caso, Paulão, contraria a tese dos racistas de que as ofensas de cunho racial são exclusivamente para desestabilizar o adversário, e não para a consolidação do racismo, pois o jogador foi vítima dessa violência quando a partida já havia se encerrado e estava deixando o campo em direção ao vestiário da sua equipe. Algo similar ocorreu com o Vozão, que foi ofendido racialmente quando deixava o campo de jogo por motivo de substituição, assunto que será discutido ainda nesta tese.

Identificando o agressor, o jogador Paulão proferiu as seguintes palavras para ao seu algoz: “Tá fugindo moleque?! Vem cá fazendo o que estava fazendo! Volta aqui!” (SERRANO, 2018, p. 150).

No entendimento do jogador, não era só o atleta Paulão que estava sendo ofendido, mas, sim, a pessoa Paulo Marcos de Jesus Ribeiro, simplesmente porque jogava em um time que não era o clube pelo qual seu agressor torcia, um ato torpe (SERRANO, 2018).

Anos mais tarde, esse mesmo jogador voltaria a sofrer racismo, mas agora pelas redes sociais. Ele defendia o Clube de Regatas Vasco da Gama, que é reconhecido por ter um dos maiores históricos de enfrentamento do racismo. O ato desse Clube, em 1924, de não excluir 12 jogadores (pretos e pobres) do seu elenco, que havia sido campeão carioca no ano anterior, como exigido pela recém-liga que organizava o campeonato do estado, a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos- AMEA, ficou conhecido como “Resposta Histórica e é considerado por alguns, como [...] a Lei Áurea do futebol” (CORRÊA, 2015 apud SERRANO, 2018, p. 201- 202).

O ocorrido elucida o quão complexo é o racismo no Brasil, mesmo em um local em que, historicamente a discussão racial sempre se fez presente, as manifestações racistas ocorrem, evidenciando assim que mesmo nas “zonas moles” (SANZONE, 2007), o jogador negro não é imune à violência racista.

Já nessa última década, vimos que episódios dessa natureza se repetiram com alguma frequência. Por exemplo, em 5 de março de 2014, cerca de 20 torcedores do Esportivo, time gaúcho de Bento Gonçalves, exibiram suas verdadeiras faces. O grupo atacou o árbitro Márcio Chagas da Silva por causa da cor de sua pele. “Macaco”, “negrão imundo” e “vagabundo” foram apenas alguns dos impropérios ouvidos por Chagas. Ao chegar ao estacionamento privativo do estádio, encontrou seu carro coberto de cascas de banana. Ao dar a partida no veículo, duas frutas caíram do cano do escapamento.

No dia seguinte, o volante Arouca também foi agredido, em um jogo contra a equipe do Mogi-Mirim, time do interior de São Paulo. O jogador do Santos foi chamado de “macaco” por um torcedor enquanto concedia entrevistas (MARTINS, 2014)<sup>12</sup>.

O jogador Arouca, na época em que vestia a camisa do Santos Futebol Clube, quando indagado sobre esse fatídico acontecimento, conscientemente, declarou que “o futebol é um espelho da nossa realidade, e isso não se resume apenas a xingamentos racistas”. O árbitro Márcio Chagas da Silva declarou que

---

<sup>12</sup>Disponível em: <<https://www.amambainoticias.com.br/geral/artigos/o-racismo-entra-em-campo>>. Acesso em 06 jan. 2019.

“Entre os agressores, havia homens, mas também crianças e adolescentes. Esses meninos, nada mais são do que reflexo dos seus responsáveis. Assim se constrói futuros racistas”<sup>13</sup>.

Tão grave quanto esses acontecimentos, porém com maior repercussão, foi o fato ocorrido em Porto Alegre no dia 28 de agosto de 2014, na Arena Grêmio. Na primeira partida das oitavas de final da Copa do Brasil, entre Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Santo Futebol Clube, a torcedora gremista Patrícia Moreira foi flagrada pelas câmeras de transmissão gritando a palavra "macaco" para o goleiro santista, Mário Lúcio Duarte Costa, de alcunha Aranha. Além dessa participante, outros torcedores do mesmo time insultaram o goleiro santista com gestos e palavras de cunho racista. Esse triste episódio ficou conhecido como “caso Aranha”.

Na época, Patrícia foi rechaçada, recebeu ameaças e teve até a casa incendiada. Para evitar uma possível prisão, os envolvidos aceitaram um acordo: durante dez meses, em dias de jogo do Grêmio de Porto Alegre, tinham de se apresentar na Delegacia de Polícia da capital Gaúcha uma hora antes dos jogos da equipe do Grêmio Foot- Ball. Logo depois do ocorrido, a diretoria do Grêmio Porto Alegrense soltou nota em solidariedade a Aranha, repudiando a postura criminosa de seus torcedores. Porém, contraditoriamente, durante o processo, posicionou-se contra o goleiro e disse diversas vezes que, por conta da expulsão do Campeonato, a “verdadeira” vítima era o clube. Ainda hoje, quando retorna à cidade, Aranha é tratado como “pessoa perigosa”.

Esse caso teve repercussão importante e, em 2017, o periódico global El País<sup>14</sup>, em matéria publicada no Brasil, afirmou que “[...] dirigentes gremistas chegaram ao ponto de destacar uma câmera no estádio para acompanhar cada movimento do goleiro no decorrer da partida. Nestor Hein, diretor jurídico do clube, justificou a postura dizendo que Aranha se trata de “uma pessoa perigosa e difícil” (PIRES, 2017, on-line).

---

<sup>13</sup>IDEM.

<sup>14</sup>Disponível em:

<[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/17/deportes/1500309484\\_868649.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/17/deportes/1500309484_868649.html)>. Acesso em 04 jul. 2019.

Aparentemente, temos, nesse último episódio, atitudes ambivalentes do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense em relação ao racismo, ora em defesa do goleiro ora considerando-o “uma pessoa perigosa e difícil”. Que significado isso pode ter?

Refletindo a partir do que postulam teóricos do racismo estrutural e do racismo institucional, pode-se considerar que o futebol é parte da engrenagem racista que permeia o país, onde os cargos de liderança estão nas “mãos” de pessoas brancas. A falta de representatividade negra na direção dos clubes faz com que suas vozes fiquem silenciadas e, conseqüentemente, com que tenham menos poder para decidirem em favor de si. Nesse contexto, observa-se que, quando o jogador se rebela contra essa violência e contra o clube, é, de algum modo, punido, pois a manifestação do time se dá contra a vítima. Assim, o discurso antirracista, que emerge em decorrência de um episódio de racismo no futebol, perde força ou se desfaz perante a possibilidade de uma punição que se dá em relação a pessoas brancas e não em relação a pessoas negras.

Para Almeida (2019), ações como essas ocorrem, por exemplo, quando um diretor jurídico de uma equipe acusa a vítima de ser perigosa porque, na sociedade, o “[...] racismo é regra e não exceção” (ALMEIDA, 2019, p.50).

Sobre essas estruturas racistas que permeiam a sociedade em geral, esse mesmo autor afirma que:

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural (ALMEIDA, 2019, p. 50).

Percebe-se que, no Brasil, o racismo é um tabu. Ninguém nunca se considera preconceituoso ou opressor, mas todo mundo diz ter um amigo que é... Isso leva a crer que aqui existe uma democracia racial, o que é um mito que dá “[...] sustentação a uma etiqueta e uma regra implícita de convívio social pela qual se deve evitar falar de racismo, já que essa fala se contrapõe a uma imagem enraizada no Brasil como nação” (HASENBALG, 2005, p. 244).

Acrescente-se que “[...] a mensagem ideológica que parece ter ficado em termos culturais, é que não admitimos racismo no Brasil da ‘democracia racial’ embora o racismo esteja na esquina, nos vizinhos, nos parentes... nunca em nós mesmos” (ABRAHÃO; SOARES, 2009, p.15).

Indivíduos pautados pelo discurso negacionista poderiam alegar que esse tipo de caso é motivado pela paixão na disputa por uma vaga nas quartas de final da Copa do Brasil e que a ideia central das ofensas era desestabilizar o goleiro Aranha, já que o Grêmio perdia o jogo por dois a zero.

Os sujeitos de pesquisa também refletiram sobre o significado de episódios como esses, inclusive no que se refere a seu intuito: se é um insulto de conteúdo racista como manifestação de racismo ou se é uma tentativa de desestabilizar o jogador. A discussão será apresentada adiante.

Sobre ser manifestação de racismo ou tentativa de desestabilizar o jogador, em relação ao episódio ocorrido no jogo entre Grêmio Foot-Ball Porto Alegre e Santo Futebol Clube, após vinte e um dias, o time da baixada santista voltou a enfrentar o mesmo time da capital gaúcha. Novamente em seu estádio, mas participando do Campeonato Brasileiro de 2014, o que se viu foi a mesma cena: os torcedores do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre propagando frases racistas contra o jogador Aranha, só que, dessa vez, esses indivíduos se atentaram e colocaram as mãos em frente à boca, na tentativa de não serem flagrados pelas câmeras de televisão. O goleiro santista saiu do campo indignado, dizendo que as vaias eram sinal de que os torcedores gremistas concordavam com as ofensas racistas sofridas por ele.

Outro episódio semelhante ocorreu na disputa entre o Sport Club Corinthians Paulista e o Danúbio Fútbol Club, na Copa Libertadores da América, em 2015, em que torcedores uruguaios insultaram o jogador corintiano Elias de diversas formas, além de imitarem macacos, de maneira ofensiva, para ofenderem o jogador. Os insultos foram percebidos por todos e o jogador do time paulista chegou a discutir veementemente com o zagueiro Cristian González. As imagens da televisão mostram o volante acusando o uruguaio de tê-lo chamado de macaco.

O jogador Marinho do Santos Futebol Clube, ao ser expulso de campo em jogo contra a equipe da Associação Atlética Ponte Preta pelo campeonato paulista de 2020, foi vítima de racismo pelo comentarista Fabio Benedetti, da Rádio Energia 97. Fabio Benedetti ao ser questionado por seu companheiro de trabalho sobre o que diria ao jogador Marinho se estivesse no grupo de *WhatsApp* com ele, proferiu a seguinte resposta: “Você é burro, você está na senzala, você vai sair do grupo uma semana para pensar sobre o que você fez”.<sup>15</sup>(RÍMOLI, 2020)

A ideia de desqualificar o negro ao irracional perdura há tempos e subsidiou a escravidão pelo mundo; no futebol, tal prática é recorrente, o que se nota por xingamentos como “macaco” e, nesse caso específico, “burro”. Percebe-se a brutalidade do comentarista ao dizer que o jogador estava na senzala, esse comentário remete ao passado violento a que a população negra foi submetida e, sem o mínimo de pudor em sua retórica, Benedetti termina sua fala racista colocando-se como superior, um “dono de engenho” que penaliza o negro, o escravizado, dizendo que o tirará do grupo para pensar, ou seja, o homem branco punirá o homem negro.

No dia posterior ao ocorrido, o jogador Marinho gravou um vídeo se pronunciando:

Passo por isso na pele. A gente não pode deixar passar isso. É horrível”. “Eu sei o que eu sou. Sei o valor que eu tenho. Eu brigo pela causa porque tenho voz. E isso só mostra que quem não tem voz passa por coisa pior. A gente tem aceitado muito ainda. Justiça não pune os preconceituosos, vermes. Mas Deus perdoa, cara. Fica em paz.

Como salientam Barreto e Ceccarelli (2018, p.145-146): “O racismo se apresenta como um campo ideológico que violenta e nega a condição de sujeito diante da relação com o outro”.

No dia 20/12/2020 em jogo válido pela 26ª rodada do campeonato brasileiro de futebol, jogo entre o Clube de Regatas do Flamengo contra o

---

<sup>15</sup>Disponível em: <https://esportes.r7.com/prisma/cosme-rimoli/comentario-racista-a-marinho-custou-caro-radialista-demitido-04082020>. Acesso em 10/11/2020.

Esporte Clube Bahia, após o gol da equipe baiana, o jogador da equipe carioca Bruno Henrique se desentendeu com o atleta Ramírez, na sequência o jogador da equipe do Flamengo, Gerson, aproximou para falar com Ramírez, houve outro desentendimento, mas o jogo transcorreu normalmente até ao fim. Na saída de campo, o jogador rubro-negro desabafou:

Quero falar uma coisa: tenho muitos jogos como profissional e nunca vim falar nada porque nunca sofri esse preconceito. Quando tomamos um gol, o Bruno Henrique ia chutar uma bola, o Ramirez reclamou e fui falar com ele, que disse: "Cala a boca, negro". E o Mano precisa aprender a respeitar as pessoas", disse Gerson.

Referência feita ao técnico do Bahia, Mano Menezes, foi motivado pelas falas ofensivas proferidas por ele, captada pelos áudios da transmissão do jogo. Gerson ao tentar explicar o ocorrido para o Mano Menezes, acabou sendo chamado de "malandro" pelo técnico.

Esse episódio merecem três destaques: 1) a expressão "cala a boca" retoma a ideia do silenciamento da população negra, e ao estreitar essa ideia ao futebol, marca-se 2005, com o caso "Grafite" o basta do silêncio do jogador negro contra o racismo em campo; 2) a expressão "negro", embasa-se ao entendimento de Guimarães (2002), que ela por si só, já vem embutidas de sentidos pejorativos que demarcam o racismo e; 3) a vinculação do negro a malandragem, é remeter a ideia de uma vida de ilicitudes. E retomar o passado escravocrata, onde os escravizados para sobreviverem tinham que utilizar de estratégias para ludibriar os capitães dos matos e evitar a morte no "trabalho", ou seja, a luta negra pela sobrevivência foi vinculada ao não trabalho. O racismo é imperativo.

Em suas redes sociais Gerson publicou a mensagem que segue<sup>16</sup>

"Amo minha raça e luto pela cor. "O "cala boca, negro" é justamente o que não vai mais acontecer. Seguiremos lutando por igualdade e respeito no futebol - o que faltou hoje do lado contrário. Desde os meus

---

<sup>16</sup>Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/gerson-apos-ser-vitima-de-racismo-o-cala-boca-negro-e-justamente-o-que-nao-vai-mais-acontecer.ghtml>.

Acesso em: 12/02/2021.

8 anos, quando iniciei minha trajetória no futebol, ouço, as vezes só por olhares, o “cala a boca, negro”. E eles não conseguiram. Não será agora[...]. “Não vou “calar a minha boca”. A minha luta, a luta dos negros, não vai parar. E repito: é chato sempre termos que falar sobre racismo e nada ser feito pelas autoridades. Racismo é crime. E deve ser tratado desta maneira em todos os ambientes, inclusive no futebol. Não me calaram na vida, não me calaram em campo e jamais vão diminuir a nossa cor”

Na direção da fala do jogador Gerson, no que pese “Não adianta ter o discurso, fazer campanha, e não colocar em prática em todos os aspectos da vida, inclusive dentro de campo”, o clube do Bahia, manifestou ação pioneira, e na noite do ocorrido, emitiu comunicado informando sobre o afastamento do jogador Ramirez. Segue o comunicado:

O Esporte Clube Bahia vem a público se manifestar sobre a denúncia de racismo feita pelo atleta Gerson, do Flamengo, ocorrida na noite deste domingo (20). O atleta Indio Ramírez nega veementemente a acusação e a ele está sendo dada a oportunidade de se defender de algo tão grave. O clube entende, porém, que é indispensável, imprescindível e fundamental que a voz da vítima seja preponderante em casos desta natureza. Assim, decidiu afastar imediatamente o jogador das atividades da equipe até a conclusão da apuração. O presidente Guilherme Bellintani ligou para Gerson a fim de prestar solidariedade.

Esse movimento do clube nordestino não teve longevidade, quatro dias após o ocorrido, o clube reintegrou o jogador ao elenco. Segundo o Bahia, os peritos em leituras labiais, contratados pela entidade, não comprovaram falas racistas do jogador. Em carta aberta, o Esporte Clube Bahia, anunciou a implantação de medidas<sup>17</sup> de enfrentamento ao racismo em campo.

Essas medidas se saírem do campo das ideias e adentrarem a prática, e fizerem parte da rotina do clube, pode-se tornar um avanço na luta antirracista, por enquanto o que se teve, foi apenas esboço de uma tentativa em dar voz as vítimas, mas que ao final encerrou-se no “mais do mesmo”. O Esporte Clube

---

<sup>17</sup>Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/ba/futebol/times/bahia/noticia/bahia-afirma-que-pericia-contratada-nao-aponta-injuria-racial-e-decide-reintegrar-ramirez.ghtml>. Acesso em 12/02/2021

Bahia, acabou demitindo o técnico Mano Menezes, porém afirmou que a demissão não teve vínculo com o acontecido, mas sim, por questões técnicas.

Cabe ressaltar que não é intuito desta tese discutir todos os casos de racismo ocorridos com jogadores brasileiros atuando no Brasil no século vinte e um (até mesmo por ser quase inviável para esta tese, pois, segundo o Observatório da discriminação Racial, somente entre os anos de 2014 a 2019, ocorrerem 223 casos de racismo envolvendo o futebol brasileiro), mas, sim, abordar alguns casos de maior repercussão, a fim de elucidar porque questões dessa magnitude têm de ser denunciadas e discutidas. Deve-se permitir que essas vozes que sempre foram silenciadas ganhem o direito de falar.

Nesse sentido, retomando a questão inicialmente colocada neste tópico, quanto a um possível enfrentamento do racismo, em termos institucionais, os episódios aqui relatados indicam que os clubes, quando se deparam com algum caso de racismo, prontamente lançam notas de repúdio ao ocorrido. Contudo, quando a pena imposta os atinge, as instituições não a aceitam e recorrem a sanções estabelecidas pela justiça, conseguindo, assim, na maioria das vezes, a diminuição da pena.

Percebe-se, dessa forma, a fragilidade das ações de combate ao racismo no futebol tomadas pelos clubes. Entende-se que, a mensagem deixada ao não aceitarem a condenação é: sou contra o racismo desde que ele não me prejudique. Em outras palavras, as notas de combate ao racismo publicadas pelos clubes, em casos pontuais, são vazias de significados para o real enfrentamento do racismo, podendo as ações do Esporte Clube Bahia, ser o marco na mudança de postura dos clubes no que tange o racismo no futebol.

Feitas as considerações sobre alguns casos de racismo no século XXI, passa-se agora para a interpretação das falas dos jogadores e ex-jogadores, interlocutores da pesquisa.

## **2. O NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA**

Neste capítulo, foram apresentadas e analisadas as falas dos seis sujeitos que participaram da pesquisa. Iniciou-se com a abordagem do histórico de vida do jogador: infância, família e escola, entre outros, até se tornarem jogadores profissionais, discutiu-se também sobre os desafios de ser negro na sociedade brasileira.

Retomando o que foi apresentado na introdução desta tese, para uma maior clareza relacionada à identificação dos pesquisados, foram definidos os seguintes pseudônimos: sujeito 1 (Barboza), sujeito 2 (Vozão), sujeito 3 (Cruzeirinho), sujeito 4 (Carioca), sujeito 5 (Didi) e, por fim, sujeito 6 (Lusa).

### ***2.1- Contextualização dos sujeitos da pesquisa***

Observou-se que são histórias muito ricas, mas, para a presente tese, as partes das narrativas que têm elementos raciais ganharam destaques. Como o contato com os entrevistados foi realizado por meio de agendamentos via WhatsApp, com exceção dos sujeitos Vozão e de Cruzeirinho, com os quais ocorreu por intermédio de terceiros, a estratégia de iniciar as entrevistas retomando seus históricos de vida mostrou-se produtiva para que se ganhasse a confiança deles a fim de, em seguida, poder abordar o assunto principal da tese: o racismo no futebol. Foi perceptível a facilidade e o gosto com que narraram suas histórias enquanto atletas e certa dificuldade de fala quando o assunto era o racismo.

Barboza nasceu e passou boa parte de sua infância no Vale do Paraíba paulista; aluno de escola pública, deixou os estudos para se dedicar ao futebol. Com sete anos de idade, seus pais se separam e ele ficou com a mãe. O pai também fora jogador de futebol e seu grande incentivador. Sobre sua infância, lembra-se pouco: só de alguns momentos em que jogava futebol na rua; para ele, essa fase da vida ocorreu já dentro da Sociedade Esportiva Palmeiras, sua primeira equipe, já aos quatorze anos. “Mas a minha infância mesmo foi dentro do Palmeiras”, afirmou. Sobre a questão financeira, ele relata que, logo que

chegou ao clube, já começou a receber ajuda de custo, no valor de R\$ 450,00 aproximadamente, e que, às vezes, a mãe e o pai lhe enviavam algum dinheiro se precisasse.

**Barboza:**

[...] a questão econômica minha lá no Palmeiras eu já tinha uma ajuda de custo. Se não me engano eu ganhava 450 reais na época. Que era a ajuda de custo da base, não tinha contrato profissional porque não tinha idade.

[...] era meio apertado, mas minha mãe de vez em quando mandava um dinheiro, o meu pai também mandava. Dava para viver tranquilo.

Em relatos posteriores, o sujeito da pesquisa fala sobre seu processo de formação até se profissionalizar no futebol e ingressar nos clubes pelos quais jogou.

Algo importante de sua história inicial é o retrato de uma vida, de certa maneira, confortável, sem problemas, em especial do ponto de vista econômico, situação contrária da grande parte da população negra brasileira. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019), em 2019, 72,7% da população brasileira mais pobre eram formadas por pretos e pardos; em números absolutos, isso constituía 38,1 milhões de pessoas<sup>18</sup>. Mesmo que os dados apresentados sejam posteriores a época de infância de Barboza, a condição do negro sempre foi mais precária em relação ao branco.

Outro ponto que chama a atenção é a questão racial, não foi em nenhum momento mencionada pelo pesquisado.

Vozão também nasceu no Vale do Paraíba paulista; de família humilde, morava com a mãe e o pai faleceu no ano de 2009, tem mais três irmãos e sempre sonhou ser jogador de futebol.

É bastante interessante a fala do pesquisado em relação a isso:

---

<sup>18</sup>Disponível em:

<<http://cee.fiocruz.br/?q=node/1076#:~:text=Dados%20da%20S%C3%ADntese%20de%20Indicadores%20Sociais%20do%20Instituto%20Brasileiro%20de,%C3%A9%20recorde%20em%20sete%20anos>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

**Vozão:**

E sempre tive esse sonho de ser jogador, **acho que a maioria dos homens e ainda mais quando você cresce em bairros humildes assim, a primeira coisa que apresentam para gente é uma bola de futebol** e você vai nutrindo esse desejo, eu comecei a ter esse desejo de jogar futebol, quando criança não entendia que futebol era uma profissão, não entendia o que o futebol proporciona, era gosto pelo jogo (grifo nosso).

Ao interpretar a narrativa do Vozão, percebe-se que, em “bairros humildes”, as possibilidades, por vezes, restringem-se ao futebol, encarado numa perspectiva de um jogo de bola na rua. O poder público não implementa políticas públicas, inclusive na área esportiva<sup>19</sup>, desse modo, a população que vive em situação de maior vulnerabilidade social resta a rua como espaço de convívio das crianças em seus contrarturnos escolares.

Dentro de estruturas racistas, crianças pretas e pobres, correndo pelas ruas atrás de bola ou de pipa, podem ser vistas com naturalidade e sem a reflexão de que, embora isso signifique um modo de interação social de camadas populares, é, muitas vezes, a única possibilidade de entretenimento, e sem a devida proteção social.

No que se refere ao aspecto cultural e a esse modo de interação social de crianças e adolescentes de camadas populares, verifica-se um efeito positivo no que tange a aquisição de habilidades para o esporte. Todavia, essa condição de subalternidade em que vive a maioria dos negros é negligenciada no discurso racista, que direciona sua fala para a aptidão dessa população para o esporte. O futebol, visto através dos estereótipos que o circundam (o sucesso, a fama, o dinheiro, entre outros), faz com que, em especial para os meninos negros, esse imaginário seja construído como uma das poucas possibilidades de mudança da situação socioeconômica. Entretanto, as dificuldades desse percurso ficam, quase sempre, invisíveis.

---

<sup>19</sup>Políticas públicas na área esportiva foram estudadas por este autor na dissertação de mestrado. Com base no referencial teórico utilizado, considera-se que o poder público promove poucas políticas públicas, inclusive na área do esporte. Cf. Pereira (2014).

Sobre as dificuldades de início de carreira como jogador profissional, que, para o Vozão, ocorreu aos 18 anos, e sobre a ilusão do que seria o futebol, ele relata:

**Vozão:**

[...] disputava a segunda divisão do Paulista, eu lá e disputei três meses a Copa Paulista foi lá onde me profissionalizei e o clube com uma condição financeira que não era boa, fui lá fiquei três meses não recebia, dormia embaixo de arquibancada as dificuldades que o futebol tem. Então o futebol as pessoas olham mais o glamour que o futebol pode proporcionar, existe um preço e o preço para você ser bem sucedido no futebol é muito caro tem que se dedicar tem que ter cabeça.

Vale a menção desses dois momentos porque retratam a realidade do futebol brasileiro e elucidam as adversidades vivenciadas pelo jogador, e aqui leia-se o jogador negro (sujeitos dessas entrevistas). Em busca de uma vida mais digna, estes enfrentam muitas e difíceis situações e, quando conseguem passar por esses vários percalços da profissão, muitos ainda se deparam com o racismo.

Sobre a questão escolar, Vozão informou ter cursado até o segundo ano do Ensino Médio, época em que se tornou jogador profissional. Junto com a profissionalização, veio o aumento significativo de treinos e de jogos, impedindo-o de conciliar trabalho e estudo.

Cruzeirinho, também vislumbrou em sua infância tornar-se jogador profissional de futebol. Logo no início de sua fala, relatou sobre as dificuldades econômicas vividas pela sua família, sendo que essas, tinham implicações diretas na sua formação, enquanto atleta.

**Cruzeirinho:**

Primeiro que eu não tinha condições de pagar academia e muito menos, para pagar transporte de Lavrinhas- SP, para vim para cidade (Cruzeiro-SP) que era o único lugar que tinha treinamento, que na época era o Fabriva, que era um clube da cidade, tinha o pessoal do Sesi, que treinava lá também, então era difícil eu vim lá de Lavrinhas-SP.

A questão econômica principalmente transporte, alimentação a gente não tinha condição de ter uma alimentação para treino para eu poder exercer uma função de um atleta, mas toda essa superação eu

passava e ultrapassava porque eu tinha um sonho em ser um jogador de futebol.

O entrevistado ficou órfão de pai aos três anos de idade e foi criado pela mãe, numa família que era constituída por onze irmãos. A situação econômica era tão grave que tinha implicações na segurança alimentar, em estágio mais grave, passava fome. O esforço da mãe para tentar amenizar essa situação, vivida por ela e pelos filhos, pareceu emblemático para Cruzeirinho. Recorda ele:

**Cruzeirinho:**

Deus me abençoou tanto eu falo Deus é tão maravilhoso na minha vida porque eu já passei fome demais minha mãe deixou de comer para dar o alimento para a gente.

Carioca, ao ser questionado sobre a sua história de vida, infância, família e o processo de formação profissional, logo se remeteu à carreira, a sua vida no futebol. Apresentou informações que nos levaram a interpretar ser mais uma pessoa que teve reduzidas suas possibilidades de escolha.

Quando Carioca abordou o assunto da família, a dificuldade financeira e a morte do pai, ainda quando o era criança, também apareceram nessa narrativa, ficando sua criação e a de seu irmão inteiramente sob responsabilidade da mãe, assim como ocorreu com Vozão. Mas, nesse caso, como sua mãe era enfermeira e trabalhava em demasia, trouxe uma pessoa do Maranhão para auxiliá-la com os filhos.

Carioca nasceu no Maranhão, mas, recém-nascido, mudou-se para o Rio de Janeiro- RJ. A seguir, algumas falas do pesquisado sobre sua infância.

**Carioca:**

Você sabe que a gente que não vem de uma família rica teve que ralar muito né eu perdi meu pai quando tinha 3 anos de idade automaticamente minha mãe foi meu pai e minha mãe ao mesmo tempo e ela me levava a para todo e qualquer time, todo qualquer treino.

Minha mãe me levava para tudo quanto é lado, minha mãe era separada, me leva para tudo quanto é lado, minha mãe foi meu grande alicerce.

[...] sempre estudei em colégio público, é muito difícil você sabe para a minha mãe criar dois crianças sem um pai é muito complicado, veio

uma pessoa do Maranhão para cuidar da gente, porque minha mãe trabalhava em dois hospitais, as vezes até em três para trazer o pão de cada dia, então a vida não foi fácil não.

O resto da sua história se resume ao futebol. Aposentado, trabalha hoje como taxista no aeroporto Internacional Tom Jobim no Rio de Janeiro.

Didi tem uma história com algumas nuances em relação aos outros pesquisados, sua trajetória no futebol começa por influência familiar, visto que tanto o avô quanto o pai foram jogadores; o primeiro, um dos grandes nomes do futebol brasileiro, bicampeão mundial de seleções nos anos de 1958 e 1962.

Esse sujeito de pesquisa tem clareza que essas influências, atreladas ao fato de sermos o “país do futebol”, foram os fatores preponderantes para sua vida trilhar também esse caminho.

**Didi:**

Eu sou de uma família que muita gente jogou futebol, sou neto do Didi, meu avô é o Didi folha seca a gente tinha em casa na verdade essa herança muito forte, que pese muito, meu pai jogou bola também jogou no Atlético– MG, jogou em vários times no Brasil, então eu sempre carreguei isso, essa coisa de futebol no meu sangue, a vida foi me encaminhando mesmo, na verdade foi me encaminhando mais por conta de ver que a família era, os papos, os amigos do pai eram todos do futebol o ambiente eu vivi quando era pequeno. E a gente em um país que é apaixonado pelo futebol, isso acabava me levando mais ainda para o futebol e isso te leva para uma situação de paixão pelo futebol e aí você acaba jogando um pouquinho acaba tendo aptidão para aquilo, no colégio também quando você gosta você vai participar acaba tendo uma participação bacana, você vai se treinando mais ainda porque as pessoas vão te levando vão te colocando em situações para jogar e você vai indo daqui a pouco você está no futebol e é algo que é até difícil sair.

Didi passou a infância junto dos pais e, sendo o patriarca também jogador de futebol, isso fez com que tivesse uma boa condição econômica desde pequeno.

Sobre um possível auxílio financeiro do seu avô, importante nome do futebol brasileiro, Didi lembra que, na época em que este era atleta, os ganhos não eram elevados como o que se paga hoje para jogadores do mesmo nível de importância. Atrelado a isso, Didi menciona a separação do seu avô e a constituição de uma nova família por ele.

**Didi:**

Meu pai jogava bola jogava em clubes médios, mediano, chegou a jogar em clube grande, mas por pouco tempo, mas em grande parte da minha vida o meu pai jogou em clubes médios, se a gente for pensar em média salarial comparado com a grande maioria da sociedade, meu pai tinha uma vida até confortável, então a gente não teve dificuldade em relação a isso, mas a gente sempre teve aquele negócio do futebol, futebol se vive de contrato, então se chega perto do fim do contrato, não sabe se vai conseguir outro contrato., mas na época ele sempre conseguia.

Didi menciona que alguma dificuldade financeira ocorreu quando seu pai se aposentou do futebol e precisava continuar inserido no mundo do trabalho. Como a vida do pai foi dedicada ao esporte, o mesmo não tinha nenhuma qualificação profissional em outras áreas de atuação.

[...]dificuldade a gente teve depois que ele parou, porque não tinha estudo naquela época, não tinha qualificação, até para a média do jogador de futebol ele tinha (qualificação), porque ele tinha o segundo grau, mas não tinha nenhuma experiência com nada fora, mas quando você não ganha dinheiro para manter ou trocar a sua vida por algo independente, depois que acaba o futebol, você não tem qualificação fica uma vida muito difícil de manter, aí passamos uma certa dificuldade nessa transição do meu pai mas quando ele jogava bola não.

Em relação ao seu avô, declara:

Dizer que meu avô teve uma situação difícil, não teve, teve muito confortável, mas não dá para fazer nenhuma comparação com o jogador de hoje em dia, principalmente no patamar que ele teve. Ele tinha o conforto dele, mas assim, eu não peguei esse conforto de meu avô, até porque, a gente com uma situação familiar diferente, na época meu avô separou da minha avó, então eram família que havia separado, meu pai ficou com a minha avó, famílias separadas naquela época não é igual de hoje em dia, que é algo amistoso [...] meu avô casou de novo, teve outros três filhos, era uma família grande, então o conforto que ele tinha, era um conforto que podia ter para ele, para outra família dele, não para isso ser ampliado para todo mundo, não tinha essa condição.

Importante salientar a relevância do futebol na vida do negro. Ao nos deparar com as histórias de vida dos pesquisados, encontra-se na fala de Didi a situação mais confortável em detrimento das encontradas nas outras narrativas, reafirmando o entendimento sobre racismo estrutural, que se organiza, por vezes de forma velada, determinando os espaços do negro na sociedade.

Nesta direção, Corrêa (2020)<sup>20</sup>levanta alguns questionamentos sobre o local do negro no campo profissional. Interroga ele:

Qual a representação dos negros nos espaços de decisão como Legislativo, Executivo e Judiciário? Qual a representação dos negros nas instituições públicas, e privadas, em ocupações como presidência, diretoria, gerência e liderança? Qual o número de empresários negros no Brasil? Em espaços televisivos, revistas e jornais, onde certamente tem importante influência na construção de consensos, qual a representação e o papel desempenhado pelos negros? (CORRÊA, 2020, on-line)

Devido a carreira do pai, a mudança de cidade foi rotineira em sua vida, mas, apesar disso, conseguiu um bom desempenho na escola, o retrato disso pôde ser visto quando se aposentou do futebol: como não tinha adquirido estabilidade econômica, prestou concurso para um banco do qual hoje é gerente.

**Didi:**

[...] eu parei jogar bola com 33 anos e aí quando você não fica rico no futebol você tem que voltar pra a realidade e voltar a trabalhar e aí eu fiz um concurso e hoje eu sou gerente de relacionamento do Banco do Brasil.

O sexto pesquisado, o Lusa, atuou no futebol brasileiro em meados da década de 1960, encerrando sua carreira no início da década de 1980. Sendo ele o pesquisado mais velho desta tese, seu entendimento sobre o racismo e, principalmente, sobre racismo no futebol diverge em alguns pontos em relação ao dos pesquisados mais novos, reafirmando o entendimento de que discussões

---

<sup>20</sup>Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-relacao-de-poder-e-o-vitimismo-branco/>. Acesso em: 12/10/2020.

raciais devem estar presentes em todos os setores da sociedade. Não obstante, essa divergência de opiniões enriquece esta tese.

Ao falar sobre sua infância, conta com alegria sobre suas brincadeiras de rua, das quais surgiu o início do gosto pelo futebol. Em relação a família, viveu com pai e mãe e mais dois irmãos (uma irmã e um irmão). Relata também que ele e o irmão estudaram em escola particular, enquanto a irmã mais velha estudara em escola pública. Todos reconheceram os esforços dos pais para mantê-los em escola particular.

**Lusa:**

Eu sou nascido na Casa verde, aqui em São Paulo- SP uma infância boa eu sou daqueles garotos de rua brincava de bolinha, empinava pipa corria atrás de balão fazia tudo aquilo que uma criança e um adolescente faz gostava por demais de jogar bola acho que desde que tomei ciência que era gente eu sempre quis uma bola e pedia para o Papai Noel e nessa vida aí o gratificante é assim que a gente começou a jogar bola na rua.

Eu estudava em uma escola particular era assim quem estudava em escola pública era minha irmã, eu e meu irmão estudávamos na escola paga que era ali na Dr. Bernadino de Campos, que era ali na Casa Verde, onde eu fui nascido, foi prazeroso por que a gente sabia das dificuldades que o meu pai e minha mãe tinha, mas sempre procurando dar um certo conforto para nós principalmente na questão do estudo a cobrança que meu pai e minha mãe me deram sempre foi em relação ao estudo e com isso você já começa a atender os pedidos dos pais que era sempre ter que passar de ano.

Dos seis entrevistados, Lusa foi o único que abordou os estudos como prioridade da família, exigência para uma boa educação.

O pai era marceneiro e a mãe cuidava dos afazeres domésticos. Lusa relata que teve certo conforto em relação a vida financeira durante a infância, mas reconhece que isso também se deu devido aos esforços de todos: a irmã e o irmão trabalhavam e Lusa, relembra, começou a fazer “bicos” na feira, trabalhando na venda de banana e de revistas. Posteriormente, também começou a receber por conta da atuação no futebol, os jogos na várzea rendiam o “[...] dinheirinho que ajudava em casa. Aí você começa jogar também na várzea, porque você com o dinheirinho ajudava dentro de casa, tudo começou dessa forma”.

**Lusa:**

minha mãe era dona de casa, só tomava conta da casa, quem trabalhava era só a minha irmã, depois meu irmão, depois comecei a fazer uns bicos, eu ia trabalhar na feira, vender banana, depois vendia revista também de feira, meu pai sim, meu pai era marceneiro.

Sobre a questão financeira e a educação, afirma:

**Lusa:**

Ele (o pai) administrava, ele pagava o aluguel de casa, hoje a gente pode falar que a gente é conhecedor porque é o mesmo caminho do meu pai, então meu pai pagava nossos estudos, meu e do meu irmão e pagava aluguel da casa, apertadinho, apertadinho, mas a gente não pode se queixar não, porque a minha mãe sempre procurou nos dar o de melhor, e o melhor para nós sempre foi chamado de educação, pois é a educação que nos faz falar que sempre fui rico, fui rico de sabedoria pelos os meus pais.

Nos seus relatos, pobreza e fome nunca se fizeram presentes em seu cotidiano, mas a “luta” para se manter sempre foi árdua. Lusa narra, com certa emoção, quando um dirigente de seu primeiro clube foi a sua casa e falou sobre contrato (nada oficial) e que, com o dinheiro que receberia, poderia ajudar a família na aquisição de uma casa.

**Lusa:**

Já no segundo ano, estava com quinze para dezesseis, dezesseis anos já, você começa a chamar a atenção e dentro dessa atenção, fomos fazer um contrato, aquele contrato de gaveta, que era na época, o diretor vai na minha casa e fala com meu pai e minha mãe: - vocês moram de aluguel? Vocês têm terreno? Vocês têm alguma coisa para dar de entrada? Porque o clube se interessou, vai dar umas “luvas” aqui para ele, vocês guardem essa “luva”, esse dinheirinho, depois lá na frente vocês veem para dar de entrada em um apartamento, um terreno, uma casa, isso aí é com vocês, mas a gente gostaria de instruir vocês a forma que irão começar uma vida, que irão administrar a carreira do seu filho. Nossa fiquei muito feliz, porque ali foi meu primeiro passo, eu fico até emocionado de lembrar, porque o meu sonho já começou... praticamente o segundo estágio que seria futuramente dar uma entrada, comprar um apartamento.

Na tentativa de responder a pergunta de pesquisa, que versa sobre o significado do racismo no futebol brasileiro para os jogadores negros, iniciou-se

esse mapeamento sobre a autoidentificação da cor de pele dos sujeitos da pesquisa e de seu entendimento sobre o que é ser negro na sociedade brasileira.

## ***2.2 O que é ser negro na sociedade brasileira pelo olhar do jogador de futebol***

Antes de indagar os sujeitos da pesquisa, sobre o que é ser negro na sociedade brasileira, foi perguntado aos mesmos, como eles se veem, em relação a cor da sua pele. Todos os seis pesquisados se declararam negros de forma contundente. Isso faz refletir que ao menos esses não passaram pelo processo de branqueamento, com exceção do Barboza, pois relatou que nunca sofrera racismo na vida. “[...] quando alguém afirma “sou negro”, se afirmar com uma identidade, ele nega as outras possíveis identidades não pertencentes a ele” (SILVA, PAULA, 2020, p.124).

Os seis sujeitos da pesquisa se posicionaram em alguns momentos de formas diferentes em relação a pergunta sobre o que é ser negro na sociedade brasileira e sobre a vivência do racismo. Um deles, Barboza, diz: “[...] na minha vida igual eu converso muito com a minha esposa, eu nunca tive nenhum caso de racismo até hoje, graças a Deus”. Fala ainda que:

### **Barboza:**

Fiquei isento sempre tanto que eu no Sul, o pessoal é bem branco lá, lá quase não tem negro nas ruas, negro lá é uma coisa quase de outro mundo, lá no Sul, no Rio Grande do Sul, mas lá foi muito tranquilo, mas na vida em geral esse lance do racismo foi muito tranquilo, nunca tive nenhum tipo de preconceito, eu vejo o que falam na televisão, que é uma coisa que hoje em dia não existe mais que não tem espaço para esse tipo de coisa.

Em suas incursões pelo futebol, foi jogar em um clube do Rio Grande do Sul, permanecendo nesse estado por dois anos. Foi no sul do país que o Barboza casou-se, sendo sua esposa loira, descendente de alemães. Ainda em sua fala, enfatizou que nunca teve problema de cunho racial com a família da sua companheira. Segue o trecho da fala sobre sua esposa e da família dela em relação a ele.

**Barboza:**

Minha esposa é loira branca de descendência alemã, ela é lá do sul mas foi bem tranquilo a família dela também é bem tranquilo comigo sempre me trataram bem.

Esse relato remeteu-nos ao que diz Costa (2003) sobre o indivíduo desistir de tentar embranquecer o corpo, mas assumir o modelo branco. Boicotam-se os estereótipos negros para se viver os dos brancos.

Domigues (2002), ao parafrasear Hofbauer (1999) também contribui para a questão do branqueamento

Embora seja tido como um conceito-chave para a compreensão das “relações raciais” e/ou do racismo no Brasil, há relativamente pouca reflexão teórica sobre aquilo que vem sendo chamado de branqueamento. [...] Nos trabalhos mais recentes, a maioria dos autores usa a expressão “ideologia do branqueamento” para enfatizar o fato de que, com esse termo, querem descrever um discurso ideológico. Mas também é comum pesquisadores que insistem nesse refinamento conceitual recorrerem ao mesmo termo para expressar um “branqueamento concreto” da cor da pele da população. Ou seja, ocorre com frequência que as reflexões sobre essa temática carecem de uma distinção rigorosa entre análise do discurso ideológico e análise da realidade empírica (DOMINGUES, 2002, p. 565).

Munanga (2004) apresenta outra perspectiva que reafirma o ideário do embranquecimento. A partir dela, pode-se compreender como a ideologia do branqueamento presente no processo de miscigenação conformou no Brasil à construção de uma identidade nacional baseada na herança branca europeia, negando qualquer possibilidade de se pensar em alguma identidade alternativa, fundamentada na herança negra de origem africana (MUNANGA, 2004).

O racismo é uma violência tão sensível que, por vezes, nem a própria vítima a percebe, mesmo sendo alvo de preconceito e de discriminação. Não são raras as vezes em que ocorrem narrativas na linha do “[...] não percebia que estava sendo vítima de racismo” ou outras similares. As falas de Barboza indicam que ele, por ora, não percebera nada nessa direção.

Essa questão, observada na fala de Barboza, também lembra-nos, conforme apresentado na introdução desta tese, que os racistas utilizam-se das microrrelações de poder (FOUCAULT, 2006) para reafirmar seus atos e que, sob

a égide do mito da democracia racial, saem intactos das consequências de sua violência, pois essa propagação de poder, por vezes, é imperceptível “a olho nu”.

Observa-se, ainda, que Barboza jogou em vários clubes do Brasil, em diferentes regiões, mas que o foco de sua fala se deteve em uma região, o Sul do país. Segundo Observatório da discriminação racial, o Sul, em especial o Rio Grande do Sul, é o local onde há maior incidência de caso de racismo no Brasil; dados levantados pelo Observatório<sup>21</sup>, através de monitoramento entre os anos de 2014 e 2018, evidenciam 167 casos de racismo no futebol brasileiro, desses, 27 ocorreram no Rio Grande do Sul; 17, em São Paulo; e 9, em Minas Gerais. São esses os três estados com maior número de casos. No ano de 2019 ocorreram 56 casos de racismo no futebol brasileiro, sendo 14 no Rio Grande do Sul, desde futebol amador, categorias de base e profissional.

Pode-se verificar que, nos anos em que Barboza jogou e viveu nessa região, o estado também teve o maior número de caso de racismo; em 2014, foram registrados cinco casos e, em 2015, nove. Assim, possivelmente, ele teve oportunidade de presenciar manifestações racistas ocorridas no futebol, segundo os dados do Observatório, todavia, provavelmente não as assimilou.

O segundo sujeito de nossa pesquisa, Vozão, sobre sua cor de pele, foi enfático ao dizer: “Negro, 100% negro”. E quando lhe foi perguntado o que é ser negro na sociedade brasileira, ele encaminhou sua fala de forma oposta ao primeiro entrevistado, reconhecendo as dificuldades que o negro sofre em uma sociedade racista: “[...]você encontra ainda algumas restrições”.

Quando lhe foi perguntado sobre o que seriam essas restrições, ele destacou o preconceito, mas, como forma de defesa, tentou minimizar sua relação com o racismo pelo viés econômico, possibilitado pelo futebol, mesmo já tendo sido vítima dessa violência no exercício de sua profissão.

**Vozão:**

---

<sup>21</sup>Disponível em:

<[https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2018/RELATORIO\\_DISCRIMINACAO\\_RACIAL\\_2018.pdf](https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2018/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIAL_2018.pdf)>. Acesso em 27 ago. 2020.

O tratamento em alguns lugares é diferente, eu como jogador de futebol já consegui alcançar um patamar financeiro bom, que me dá condições de ir em um bom restaurante, viagens hotéis, então você consegue chegar em um padrão legal. Você que está no meio dessa área da sociedade, negros eles associam assim ou é jogador de futebol ou é pagodeiro, mas o negro assim em outras profissões ele é um pouco discriminado. Eu acho assim cara claro que é meu ponto de vista isso aqui é um preconceito que vai demorar um pouco mais de tempo para que a gente vença por que é uma luta muito grande.

A fala do Vozão merece alguns apontamentos, em especial quando afirma: “O tratamento em alguns lugares é diferente”. Nessa situação, merece destaque a discussão sobre o racismo estrutural, que é gerador de preconceitos. É relevante a problematização quanto a ter locais que estabelecem diferença na forma de tratamento com base na cor de pele; o silenciamento dessa questão produz o efeito da naturalização dessas práticas. Sendo assim, as estruturas se mantêm consolidadas, assim como o racismo, dentro da sua lógica, nesse *apartheid* à brasileira. A existência de locais determinados para negros e para brancos faz-nos retroceder ao passado escravocrata, rememorando as casas-grandes e as senzalas.

Esse “tratamento diferente” mencionado por Vozão é preconceito racial, segundo Wieviorka (2007, p. 59), “[...] preconceito racial é uma das formas mais elementares do racismo”. Este ainda está vigente na vida do nosso segundo entrevistado, mesmo que ele tenha ascendido socialmente, conforme sua própria avaliação: “[...] eu como jogador de futebol já consegui alcançar um patamar financeiro bom, que me dá condições de ir em um bom restaurante, viagens, hotéis, então você consegue chegar em um padrão legal”. Mas será que seu novo lugar social o isenta dessa violência?

Quando Vozão entende estar mais isento da violência racial devido ter ascendido socialmente, esse entendimento do jogador, faz transparecer a ideia que somente o negro em vulnerabilidade social é vítima de racismo, no entanto, isso não é verdadeiro, pois esta violência se faz presente em todos os lugares, manifestando-se de maneiras distintas.

Dentro das estruturas racistas, os locais de acesso do negro já estão pré-determinados, e os “bons restaurantes”, “bons hotéis” citados por Vozão, espaço

majoritariamente branco, pode colocá-lo diante dos racistas. Consequentemente, é posto em posição de sofrer racismo, como descrito por Vozão, mas também por outros sujeitos da pesquisa, a exemplo de Carioca, Didi e Cruzeirinho.

Apesar disso, no entendimento do pesquisado, a condição de ser jogador de futebol, uma figura pública, faz com que seja reconhecido e, de certa maneira, aceito em diversos lugares. Contudo, em sua fala, Vozão remete-nos, também, ao racismo científico ao determinar os locais dos negros: “Você que está no meio dessa área da sociedade, negros eles se associam assim ou é jogador de futebol ou é pagodeiro”.

O racismo científico, nasce com o propósito de inferiorizar o negro para poder explorá-lo e escravizá-lo sob a égide de que o contato com a civilização branca pode civilizá-lo, como explicita Wieviorka (2007, p.19): “[...] o negro africano é um selvagem, mas que pode ser ‘civilizado’”. Para tanto, eram determinados seus locais e funções, sempre restritas ao campo físico. Nessas novas roupagens, o negro bem-sucedido tem o seu local, seja jogador de futebol ou o “pagodeiro” (devido a esse estilo musical ter origens africanas), ressignificado nas favelas brasileiras, as quais originaram-se para “acomodar” a população negra no pós-abolicionismo (RIBEIRO, 2006).

Para tratar dessa “simbiose” entre racismo científico e cultural, Tonini (2016) explicita dois pontos de relevância para a construção do preconceito contra o negro. No que se refere ao aspecto biológico, determina-se que o negro é bom para o esporte; no âmbito cultural, vemos o atrelamento do indivíduo ao estilo musical designado ao negro. Nesse contexto, o autor entende que “As pessoas preconceituosas acreditam na existência de raças humanas e, sobretudo, na hierarquização das mesmas” (TONINI, 2016, p.41).

Por fim, Vozão, aborda a questão do negro que não é jogador de futebol, o que leva a entender que o entrevistado está se referindo a grande parcela da população negra do país, mas de forma ambígua. Isso está representado numa narrativa que ora pondera “[...] que o negro em outras profissões ele é um pouco discriminado” ora considera que “[...] aqui é um preconceito que vai demorar um pouco mais de tempo para que a gente vença porque é uma luta muito grande”.

Essa fala retrata bem a complexidade assumida pelo racismo no Brasil, o que pode fazer com que essa discordância entre narrativas se torne elemento essencial para o racista alimentar a ideia de uma democracia racial. Quando vários indicativos sociais demonstraram a forma flagelada como vive o negro no Brasil, a fala “[...] negro em outras profissões ele é um pouco discriminado” ganha peso por representar um negacionismo em relação a discriminação racial no país. Como explica Munanga (2016, n.p)<sup>22</sup>:

Esse mito (da democracia racial) já faz parte da educação do brasileiro. E esse mito, apesar de desmistificado pela ciência, a inércia desse mito ainda é forte e qualquer brasileiro se vê através desse mito. Se você pegar um brasileiro até em flagrante em um comportamento racista e preconceituoso, ele nega. É capaz dele dizer que o problema está na cabeça da vítima que é complexada, e ele não é racista. Isso tem a ver com as características históricas que o nosso racismo assumiu, um racismo que se constrói pela negação do próprio racismo”.

A partir disso, também se pode pensar na questão econômica em que o negro vive, pois, dentre os indicadores mencionados anteriormente, está a desigualdade social. Para Ribeiro (2006, p. 202): “A distância social mais espantosa do Brasil é a que separa e opõe os pobres dos ricos. A ela se soma, porém, a discriminação que pesa sobre os negros, mulatos e índios, sobretudo os primeiros”.

Ao mesmo tempo em que, nas falas, denuncia-se a dificuldade de ter uma sociedade não racista, por ser “uma luta muito grande”, retoma-se historicamente essa luta, que nos remete ao século XVI, com a chegada dos primeiros escravizados no Brasil, tendo em vista que aqui é o local com maior contingente dessa população. Segundo Alencastro (2018), cerca de 4,8 milhões de escravizados foram trazidos ao país, perfazendo um total de 46% de toda a população africana que foi retirada de seu continente. Dito de outra maneira, o Brasil foi o país que mais recebeu escravizados no mundo e o último a abolir a escravidão, algo feito sem sequer implementar políticas de reparação ou de inclusão dessas pessoas. Devido a isso, os “recém-libertos” foram deixados à

---

<sup>22</sup>Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mito-da-democracia-racial-faz-parte-da-educacao-do-brasileiro-diz-antropologo-congoles-kabengele-munanga/>. Acesso em: 13/09/2020.

margem da sociedade, resultando no panorama do que foi e do que é a condição do negro no Brasil. Pode-se assim interpretar Vozão quando diz: “[...] aqui é um preconceito que vai demorar um pouco mais de tempo para que a gente vença porque é uma luta muito grande”.

O terceiro entrevistado da pesquisa, Cruzeirinho, de forma enfática, disse ser negro e aprofundou bem a discussão no que se refere ao que é ser negro na sociedade brasileira, falando sobre o preconceito sofrido rotineiramente. Muitas vezes, a forma com que o preconceito racial se manifesta torna-se invisível aos olhos da sociedade, mas muito explícito aos olhos da vítima, mostrando, assim, a complexidade e a força dessa forma de discriminação.

Cara ser negro na sociedade brasileira é ser uma pessoa que se supera todos os dias, porque você tem a pele negra você é vítima de vários tipos de preconceito a gente sofre no... eu falo com toda propriedade por que eu sou negro e segundo porque já passei por várias situações como essa você chegar em lugares e as pessoas te olharem de um uma forma que você consegue identificar que ela tá tendo um preconceito pela tua cor de pele.

A eficácia desses atos está na complexidade: o agressor age de forma minuciosa, subjetiva e dentro de uma sociedade racista, de modo que, por vezes, qualquer negação do acusado é o suficiente que seja inocentado. Esse preconceito, que é quase cotidiano, manifesta-se através de um olhar quando o negro se aproxima, como descrito por Cruzeirinho, pela ação de segurar com mais veemência a bolsa quando um indivíduo negro está perto, no metrô. Esses são exemplos sutis de ações fundamentadas numa postura racista, mas há muitas outras. Como dito, são atos invisíveis à sociedade, mas explícitos e brutais para a vítima. No entanto, cabe o questionamento: como denunciar essas quase imperceptíveis manifestações? Como ensina Wieviorka (2007, p.64): “[...] o preconceito não se estende automaticamente à prática”.

Considerando a linha que diferencia preconceito e discriminação, Cruzeirinho aborda a questão da violência, que ora se manifesta na forma de preconceito ora se estende à prática e se consolida com a discriminação, ou seja, “[...] a discriminação racial pode ser considerada a prática do racismo e a

efetivação do preconceito” (MUNANGA; GOMES, 2006 apud TONINI, 2010, p. 37)

**Cruzeirinho:**

Logico que hoje vivemos em uma sociedade bem complicada o mundo hoje em termo de segurança está difícil nem todo negro nem toda pessoa branca que seja que esteja caminhando pela rua ela é um bandido ou marginal então as pessoas hoje eu não sei se é o medo que tomou conto geral e o negro sofre em relação a isso [...].

A construção subjetiva do “bandido” que reverbera e que, ao mesmo tempo legitima a violência do Estado sobre determinada população, constitui o racismo institucional, assumido pelo Estado e efetivado pela polícia. Sobre isso, com base em Foucault, Araújo e Santos (2019, p. 3042) entendem que:

[...] para matar é preciso invocar a enormidade do crime, a monstruosidade do criminoso, sua incorrigibilidade e a salvaguarda da sociedade, desta maneira, a morte se constituiria legítima, por se tratar de um perigo biológico para os outros.

Retomando a fala do Cruzeirinho sobre a violência que se inicia pelo preconceito, podendo transitar para a discriminação, percebe-se que há uma construção subjetiva idealizada sobre o comportamento de determinada população, a negra foco do nosso estudo. Isso solidifica e legitima o racismo pelas ações institucionais em um país cujo racismo é estrutural, a exemplo do Brasil, e a violência da polícia contra a população negra é um dos exemplos mais marcantes.

Isso pode ser pensado a partir do que Foucault (2008), descrito sobre o biopoder, que segundo o autor é “[...] o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais, vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral do poder” (FOUCAULT, 2008, p. 3). Dessa maneira, entende-se o racismo como um sistema que se retroalimenta e que se reinventa.

Cruzeirinho, mesmo mencionando o indivíduo branco, sabe que essa manifestação, que se inicia com preconceito, pode se transformar em

discriminação que recai frequentemente sobre o negro. Conforme abordado anteriormente, a mídia, em geral, tem sua parcela de responsabilidade perante isso, pois, na maioria das vezes, ao noticiar algum tipo de contravenção, o corpo negro ganha visibilidade, o que contribui para uma construção subjetiva que atrela a população negra à violência. Outros exemplos de disseminação de uma construção subjetiva do racismo são novelas e filmes nos quais a personagem do ator negro vincula-se ao tráfico de drogas ou a outros atos ilícitos. Há de se mencionar também os papéis de empregados e o fato de que, raramente, vemos negros como protagonistas.

Sobre essa questão, Carioca, o quarto sujeito da pesquisa, disse:

[...] se você ver na televisão hoje, hoje os negros estão se destacando um pouco mas pelo talento pelo talento do negro não é porque ele é bonitinho ou não sei o que a maioria das coisas no passado se você visse o negro fazia... se passasse alguma coisa na televisão ou ele era empregado, ou ele era criado naquelas novelas de época, ele era da senzala, você não via nenhum negro se destacando o único que se destacou e se destaca para mim.

Sobre a representatividade, Carioca, traz para discussão a figura de Pelé afim de demonstrar a potencialidade da população negra. Com isso, ao mesmo tempo, demarca o racismo vigente na sociedade brasileira ao fazer referência à escassez de técnico negro.

**Carioca:**

[...] eu falo em relação profissional nós temos o melhor negro que é o Pelé, que é negro nós temos o melhor brasileiros que são negros passaram por diversos clubes países e fizeram história, mas a gente consegue identificar na nossa classe técnica de futebol o mínimo de negro comandando um time.

Em relação a questão do técnico negro, a discussão será ampliada mais adiante. Sobre a importância social de alguns jogadores negros, Carioca também faz referência a Pelé, como “rei” do futebol, na mesma perspectiva do que Cruzeiroiro, afim de demonstrar a relevância do negro no cenário mundial.

Carioca menciona, ainda, a jornalista da Rede Globo de Televisão Glória Maria com o mesmo propósito de salientar a relevância do negro no cenário social. Todavia, parece não se dar conta de que pessoas negras, mesmo com grande relevância social, não estão isentas de racismo.

**Carioca:**

Se você parar para analisar a Gloria Maria que está em uma rede e de certa idade, e o Pelé, e a Gloria Maria se manteve se manteve e ali, entre os brancos, e o Pelé por ser o rei do futebol e as pessoas respeitavam ele e além de ter uma cor negra mas é o que ele foi, pelo talento dele.

Questionado sobre o silêncio de Pelé em relação ao racismo, Carioca responde:

O meu entendimento sobre isso o porquê ele nunca se manifestou porque ele é o Pelé cara, o que ele vai falar porque nunca foi nada contra ele, ele sempre foi o número 1, então as pessoas na verdade tinham medo de falar dele, tinham medo de falar sobre o racismo com o Pelé, porque ele é o Pelé, é pelo talento dele, o que ele representava, como você vai chegar no Pelé e falar assim:- eu não gosto de negro não gosto da raça negra. Esse é o meu ponto de vista, mas se chegar em mim e falar é diferente que se chegar em um Pelé em uma Gloria Maria.

Sabe-se que tanto Pelé quanto Glória Maria não estão livres do racismo por serem pessoas de “destaque social”, o que pode ser exemplificado pelos relatos seguintes.

Em relação a Pelé, Angélica Basthi, em sua obra “Pelé: estrela negra em campos verdes”, apresenta reportagem do jornal O Cruzeiro, que evidenciava como as moças loiras e brancas europeias se encantavam pelos jogadores negros. Faz referência, ainda, ao episódio de uma mãe e de sua filha em que, vendo Pelé, a menina fala a sua mãe: “mamãe, ele fala”. Esse comentário da criança parece uma clara alusão a ideia de que o sujeito negro se equiparava ao macaco, o irracional, o não civilizado, concepção construída pelo racismo científico para subsidiar o processo de escravidão e de hierarquia social.

Essa ideia de atrelar o negro ao macaco na construção do irracional mantém-se e está muito presente na sociedade atual, em especial no futebol. Os

urros simiescos e os xingamentos de macaco objetivam a desqualificação do negro, uma busca dessa hierarquização social; e essas são manifestações recorrentes do racismo no futebol brasileiro.

A construção sobre Pelé no que tange a ausência do seu enfrentamento ao racismo e sua subserviência a ditadura militar, começa a ganhar novos contornos a partir de textos de Florenzano (2019), que apresenta elementos demonstrando os conflitos encarados pelo “Rei do futebol” quando decide se aposentar da seleção brasileira e começar a galgar seu espaço no ramo empresarial.

Sobre Pelé e ditadura militar escreve Florenzano (2019, on-line)<sup>23</sup>

O atleta de futebol mais identificado com o sistema repressivo foi, também, o que teve com ele um dos enfrentamentos mais duros, com direito a ameaças, críticas e represálias, formuladas com o propósito deliberado de jogar contra ele a opinião pública e, por essa via, forçá-lo a voltar ao selecionado nacional.

No que tange a questão racial<sup>24</sup>

Todavia, à medida que Pelé migrava da esfera do futebol para o campo empresarial, a identificação postulada pelas celebrações oficiais e midiáticas sofria um inesperado abalo. Isto ocorria porque ele deixava uma atividade vista como própria aos negros, deslocando-se para uma área de atividade considerada, a priori, reservada aos brancos. [...] Pelé se posicionava fora da ordem prescrita pela democracia racial. Eis o paradoxo. A personagem designada para representar, no teatro da nação, a convivência harmônica entre negros e brancos, colocava-se em movimento, descortinando o quadro da mitologia nacional sob um prisma inesperado. (FLORENZANO, 2019, on-line)

---

<sup>23</sup>Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/a-cerimonia-do-adeus-a-nacao-traida-parte-1/>. Acesso em: 14/10/2020.

<sup>24</sup>IDEM.

Glória Maria, em um programa de televisão, relata episódio em que foi vítima de racismo quando adentrou em um hotel. Relata a jornalista<sup>25</sup>:

Fui barrada em um hotel por um gerente que disse que negro não podia entrar. Chamei a polícia e levei esse gerente aos tribunais. Ele foi expulso do Brasil, mas se livrou da acusação pagando uma multa ridícula, porque o racismo para muita gente não vale nada.

No dia 13 de outubro de 2020 ocorreu um caso de racismo com o jogador brasileiro Neymar<sup>26</sup>, em confronto válido pelo campeonato Francês, durante o jogo entre Paris Saint-Germain Football Club-PSG e Olympique de Marseille. Neymar relatou ter sido, nesse jogo, xingado de “macaco, filho da puta” pelo jogador espanhol Álvaro Gonzáles, da equipe de Marseille.

Esse caso reverbera a ideia de que mesmo o negro em ascensão social (“em destaque”, como se refere Carioca) não está livre da violência racista, conforme defende Costa (2003)

Carioca se autodeclara negro e, sobre ser negro no Brasil, ele direciona sua narrativa para o entendimento de que a nossa sociedade é racista, por isso a dificuldade de ser negro em solo brasileiro. Mas o pesquisado inicia sua fala sobre o racismo apresentando outro aspecto que faz parte dessa subjetivação: o negro também pode ser racista. Em seguida, elucida a questão relacionada a negação do racismo: Carioca, traz, ao seu modo, um conceito de Fernandes (2007), o “preconceito de ter preconceito”, quando afirma que os racistas negam ser preconceituosos, todavia “[...] a vergonha do brasileiro de demonstrar o próprio preconceito não significa que a discriminação racial não exista [...]” (FERREIRINHA, 2019, p. 476).

---

<sup>25</sup>Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/gloria-maria-lembra-de-discriminacao-e-fala-sobre-racismo-no-globo-reporter>>. Acesso em 14 out. 2020.

<sup>26</sup>Disponível em:<<https://hugogloss.uol.com.br/esportes/neymar-sofre-racismo-de-alvaro-gonzalez-durante-jogo-e-e-expulso-apos-dar-cascudo-em-espanhol-arrependimento-e-por-nao-ter-nado-na-cara-assista/>>. Acesso em 14 out. 2020.

**Carioca:**

Vou te falar da minha análise, é muito difícil o próprio negro é racista e a sociedade fala, eu não sou racista, mas é racista, infelizmente não era para acontecer isso, mas infelizmente a sociedade brasileira é racista isso para mim é uma coisa que eu não aceito de jeito maneira a grande população brasileira é mestiça e as pessoas sempre dizem que não é racista [...].

Outro importante elemento apresentado por Carioca é a mestiçagem. Sua referência ao mestiço retrata, na verdade, a população negra, que é constituída por pretos e pardos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2019 evidencia que 56,10% da população brasileira se declara negra, isto é, dos 209,2 milhões de habitantes do país, 19,2 milhões se consideram pretos e 89,7 milhões pardos.

Esses dados merecem ser apreciados, pois, mesmo sendo a população negra a maioria em números, isso não se manifesta na promoção da igualdade de oportunidades em relação a população branca. Aqui é importante demarcar que, quando se fala em oportunidades, isso significa acesso aos melhores empregos e profissões, a bens e serviços, entre outros, que possibilitem uma vida digna.

Considerando que a fala do Carioca sobre o mestiço pode nos remeter a questões relativas ao racismo científico e ao mito da democracia racial, no que se refere as teorias científicas racistas mundiais e nacionais, é preciso admitir mais uma vez o fracasso dessas perspectivas. No Brasil, obras de Thales de Azevedo, de Nina Rodrigues, de Silvio Romero, de Athur Neiva, entre outros, indicam que eles acreditavam que a miscigenação seria o caminho para um Brasil branco, mas o que ocorreu foi o inverso, pois “[...] grande população brasileira é mestiça”; ao invés de haver o processo de branqueamento, houve a “morenização dos brasileiros [...] tanto pela branquização dos pretos, como pela negrificação dos brancos” (RIBEIRO, 2006, p.206).

Interpretar a visão do mestiço, apresentada por Carioca, pelo viés da democracia racial ganhou força por muito tempo, no Brasil, o que estava alicerçado na ideia do convívio das diferentes “raças”. Deflagrado há décadas, o

mito da democracia racial permanece vigente e o negacionismo do racismo brasileiro transparece ser perene.

Ao refletir sobre esse aspecto, concorda-se com Ferreirinha (2019) quando ela faz referência a mestiçagem, no entanto, temos ressalvas sobre o entendimento da autora, para quem o mito da democracia racial está em decadência. Vide citação a seguir:

Assim, a imagem que o país sempre buscou difundir, de nação mestiça, que superou o problema da discriminação racial e constituiu um modelo de integração para o mundo, hoje esbarra na decadência do mito da democracia racial. Aqui, a mestiçagem foi utilizada como escudo para evitar o reconhecimento da importância da população negra na história e na vida cultural brasileira, bem como para exaltar um dos grandes mitos da sociedade brasileira: o de que constituímos uma democracia racial (FERREIRINHA, 2019, p.477).

Retomando a fala de Carioca, o quarto sujeito de pesquisa, sobre o que é ser negro na sociedade brasileira, especificamente no que tange ao racismo do negro, ele diz: “[...] é muito difícil: o próprio negro é racista”. A esse respeito, é preciso ponderar que o negro torna-se racista, muitas vezes, quando nega sua “raça”; quando é consumido pelo processo de branqueamento, ele não se vê mais como negro e utilizar-se do racismo como forma fundante para reafirmar sua “branquitude”.

Essa é uma situação corriqueira entre os jogadores de futebol que ascendem socialmente e que só “vivem no mundo dos brancos”. A título de exemplo, tem-se os ex-jogadores Ronaldo Fenômeno, Ronaldinho Gaúcho e também Pelé, sempre enfatizaram que nunca foram vítimas de racismo, o que exemplifica a situação de o negro não se ver como negro.

Roger Machado, ex-jogador e técnico, descreve bem esse processo de branqueamento, a partir do futebol. Em suas palavras<sup>27</sup>:

---

<sup>27</sup>Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/tecnico-roger-machado-da-aula-sobre-racismo-e-diz-por-que-clareou-um-pouquinho-quando-virou-jogador/#-especiais>. Acesso em 14/10/2020.

O futebol embranquece o negro. Até os 19 anos eu era negro; quando comecei a jogar bola, eu comecei a clarear um pouquinho. Primeiro que, por uma ascensão social, pela visibilidade e por uma questão financeira, eu comecei a frequentar outros lugares que a maioria de nós não consegue frequentar. Segundo porque, em torno dessa habilidade artística com a bola nos pés, você é aceito. Esse seria o lugar de direito do negro, por suas habilidades artísticas — como costumam dizer —, como futebol, capoeira, ser cantor, no samba”. (VICO, 2020, on-line)

A fala de Roger torna-se importante na medida em que contribui para a conscientização sobre a questão racial. Ao assumir-se como negro, ele consegue ter voz para o enfrentamento do racismo, mesmo atuando no futebol, ou seja, participa de forma efetiva do combate a essa violência por dentro de uma instituição racista, que é estruturada nessa mesma ordem.

A dor, o sofrimento da vida negra, também é fator preponderante na busca do branqueamento, em especial quando envolve evitar que os filhos sofram o mesmo que os pais, conforme pode-se ver no relato do ex-jogador e técnico de futebol Lula Pereira, em entrevistas a Tonini (2010, p.150):

Eu acredito no amor, tá certo?! Acho que sem amor não tem razão de viver. Muitas vezes, o negro não tem coragem de dizer, mas eu tenho. O negro fica idealizando os filhos. Ele pensa: “Se me caso com uma branca, meu filho vem mulato e, assim, vai sofrer menos do que eu, vai ter mais oportunidade na vida. Se me caso com uma negra, o meu filho vai sofrer as mesmas coisas que eu sofro.” Isso é uma grande verdade...! Sei que muitos irmãos não vão ter coragem em dizer isso, mas, lá no fundo do coração deles, lá dentro da cabeça deles, eles sabem que eu tenho razão.

Os pontos levantados por Lula Pereira dialogam com Fannon (2008) no que diz respeito aos conflitos que envolvem as relações inter-raciais. Esses dois exemplos, as falas de Roger Machado e de Lula Pereira, evidenciam a dificuldade de ser negro. Cada caso tem sua particularidade, mas a cor da pele é o ponto que une esses e tantos outros exemplos sobre o racismo.

Ainda sobre o branqueamento, pode-se depreender que o racismo atinge sua máxima eficácia quando leva o indivíduo ao “estado de alienação”.

Sobre a tentativa de diminuir o racismo, a partir de um relacionamento inter-racial, por vezes se esbarra na mestiçagem, conforme relatou Didi, o quinto sujeito de pesquisa. Ele não declarou, na entrevista, que tem relacionamento com uma mulher branca com o propósito de embranquecer sua filha por causa do racismo, mas essa questão racial aparece na fala da filha. Outro aspecto que emerge na fala da criança, e que é comum na relação entre famílias negras ou inter-raciais, é o tema do preconceito, que é trazido pelos filhos para discussão na família:

**Didi:**

[...]vejo isso pela minha filha, a minha esposa é uma mulher branca, de pele branca e a minha filha é morena, a minha filha um dia chegou da escola e perguntou para mim: papai, porque eu sou morena? Porque na minha escola só tem eu de morena na sala papai?

O negro, quando consegue romper com essas estruturas racistas que determinam seu espaço na sociedade e adentrar ao “mundo dos brancos”, causa abalo nas estruturas, o que faz com que essa forma de manifestação racial, que age de forma velada, torne-se explícita através de denúncias, como a apresentada pela filha do Didi. Entende-se isso como algo explícito, uma vez que se enxerga a falta de representatividade do negro em determinados espaços.

Com base na fala do Didi, nota-se que o futebol não lhe propiciou uma condição econômica extremamente favorável, por isso, após a aposentadoria dos gramados, ele buscou outro emprego, possivelmente para manter-se como pertencente a classe média. A fala dele demonstra também, além da desigualdade racial, a vulnerabilidade da população negra, que não está representada em um espaço de classe média, mesmo constituindo a maioria da população brasileira. Em outras palavras: “Falar sobre raça e economia é essencialmente falar em desigualdade” (ALMEIDA, 2019, p.154).

Didi também se declarou negro e, sobre a questão do negro na sociedade brasileira, fez um longo e importante apontamento, relatando o sofrimento por ser negro. Entretanto, de igual forma aos demais entrevistados, acredita que o futebol foi fator relevante para que tenha sofrido menos com o racismo. Sua fala

também indica que tanto ele quanto sua filha eram os únicos não brancos na escola particular na qual estudaram, o que os levou a sofrer racismo.

**Didi:**

Rapaz, é difícil ser negro na sociedade brasileira, só quem é negro de fato sabe o que é ser negro na sociedade brasileira. Ou sou um negro que ainda posso... como é que vou te dizer, que sofri um pouco menos, do que vi colegas sofrerem, o futebol sempre me abriu portas, o futebol sempre me trouxe possibilidades para além do que o negro tem, o futebol me levava para alguns lugares, eu não via negros irem, o futebol me trazia condições de estar em lugares que não via meus pares negros, da minha rua, da minha convivência normal estarem, eu tive essa oportunidade por conta do esporte [...].

O entrevistado, apesar de minimizar sua relação com o racismo, tem consciência da sua situação relacionada ao futebol, demonstrando, mais uma vez, a importância desse esporte para a vida de muitos negros. Apesar disso, a crítica deve sempre existir sobre a questão do racismo. Em uma população majoritariamente negra, as possibilidades de trabalho qualificado e de ascensão social não podem se reduzir ao esporte e a música.

Há de se considerar também que, pelo menos no futebol, essa possibilidade de ascensão social da população negra não é tão significativa. O relatório lançado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF)<sup>28</sup>, no ano de 2016, mostrou que 96,08% dos jogadores filiados ganham até R\$ 5 mil. Considerando-se que a profissão de jogador de futebol, quase sempre, consiste numa carreira de curta duração, o esporte representa uma possibilidade de ascensão social que parece ter mais a ver com o *glamour* do que com a efetividade socioeconômica.

Aparentemente o futebol é um espaço de fácil mobilidade social para jovens oriundos das camadas sociais mais desfavorecidas, entre as quais se encontra grande parte da população negra deste país. Investigações sociológicas recentes mostram que, mesmo no futebol, o negro é discriminado no mercado de trabalho, pois é a parcela de profissionais que recebe menores salários (RODRIGUES, 2007, p.181).

---

<sup>28</sup>Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2016/02/em-relatorio-cbf-aponta-que-96-dos-atletas-ganham-menos-de-r-5-mil.html>>. Acesso em 16 set. 2020.

Mas como apresentado pelos entrevistados, a profissão lhes permitiu menor contato com racismo se comparados a pessoas negras em outras profissões. Nesse sentido, Didi relata que:

Mas sempre percebi que mesmo assim, quando o esporte saía fora e sempre percebi uma dificuldade muito grande de estar, de permanecer em certas situações que não fosse o esporte. Sempre muito difícil se não fosse o esporte eu estar por exemplo em lugares que não fossem ... como posso te dizer, eu não seria convidado.

Essa fala de Didi, assim como a seguinte, registra esse entendimento de um “menor” racismo sofrido estritamente por causa do futebol e de que, em outros espaços sociais por ele frequentado, quando não vinculado a prática esportiva, sente certo desconforto.

**Didi:**

Eu era convidado de estar, eu tinha a oportunidade de estar em um clube, morava na Ilha do Governador, eu tinha a oportunidade de estar em um clube, onde era um pessoal que era de uma classe social melhor, era convidado para estar ali, participava de eventos ali, mas de eventos esportivos, quando saía de eventos esportivos os convites para mim não era tão cordial, não era algo assim... não era confortável para mim, sentia um desconforto, eu tinha a oportunidade de estar, mas via que quando estava na beira do campo era um e o tratamento que quando a gente estava fora era outro, em outra situação fora de beira do campo, sem chuteira, era uma situação de comportamento um pouco diferente[...].

Tomando esse exemplo da fala do Didi, reafirma-se o entendimento de que o racismo no Brasil é imperativo, mesmo que, por vezes, haja alguma trégua em determinados espaços, nas “zonas moles” (SANZONE, 2007). Contudo, ao saírem dessas zonas, os corpos negros voltam a ser controlados com mais intensidade, o que, na lógica da disciplina de Foucault (2006), manifesta-se de forma efetiva, como relatou o entrevistado: “[...] quando saía de eventos esportivos os convites para mim não era tão cordial, não era algo assim... não era confortável para mim”.

O não conforto pode induzir o comportamento do indivíduo, que se manifesta através do seu corpo, o qual vai sendo dominado (um corpo dócil é um corpo útil) para ser explorado com o propósito de manutenção da hierarquização social. O racismo é pautado pela relação de poder. (FOUCAULT, 2006)

No trecho apresentado a seguir, Didi busca um entendimento sobre a questão do desconforto que sente em determinados locais. Sua fala indica que ele se depara com o racismo estrutural, o qual se manifesta pela falta de representatividade.

**Didi:**

[...] é muito difícil a gente estar em um lugar que você não se sente representado e que você se sente diferente entendeu. Para o negro é muito difícil de estar em um lugar, isso em qualquer situação, isso na escola desde pequeno[...] quando você consegue ter noção das coisas, você olha para o lado e vê assim, só eu preto nessa sala, por que eu sou diferente? É uma situação que você se sente diferente, mesmo sem as pessoas falarem que você é diferente. [...]Você vê, agente no Brasil um país que nós temos uma maioria negra, em muitas situações, quando estamos em uma situação que o negro está em uma situação melhor ele não se vê, ele se vê estranho, ele não se identifica, está entendendo o que estou querendo dizer.

Permeada por essa falta de representatividade, o pesquisado buscou isentar as pessoas que agem de forma preconceituosa.

E as pessoas, não é maldade das pessoas, na grande maioria, a gente fala que vivemos em um país racistas, em um racismo velado, mas eu acredito que na maioria das pessoas eu não vejo maldade nelas, o que vejo, porque é estranho, é estranho, você olha ao seu redor você muita pouca gente em situações melhores, de situações mais confortáveis, de situações de posições melhores, e você olha para o lado e você vê muito pouco negro, e em um país que a gente tem a maioria da população negra. Então o negro acaba se sentindo estranho e as pessoas acabam achando estranho o negro está ali. Isso é sentido pelo negro e pela própria pessoa que olha, acaba deixando isso transparecer, essa, essa .... esse estranhamento que as pessoas naturalmente deixam transparecer, isso acaba trazendo para a gente uma sensação de estranheza.

Essa fala retrata o sofrimento de quem vive os efeitos do racismo, além do risco de minimizar o racismo individual, que está diretamente vinculado ao estrutural. Pode-se, assim, incorrer no erro de naturalizar o não acesso do negro a determinados espaços sociais, “Ou seja, pensar o racismo como parte da estrutura não retira a responsabilidade individual sobre a prática de condutas racistas e não é um álibi para racista” (ALMEIDA, 2019, p.51).

O racismo está nas estruturas sociais em *modus operandi* de extrema eficácia, o que faz com que seja regra, e não exceção (ALMEIDA, 2019). A normalização dessas estruturas perpassa a hierarquização social (leia-se racial), de modo que os locais de cada indivíduo, na sociedade, têm de ser respeitados para que haja fluidez nas relações. Quando ocorre alguma ruptura dessas normativas, as estruturas reagem para o retorno da ordem social, o que é nítido em relação ao técnico negro.

As estruturas da engrenagem do país operam subsidiadas pela lógica capitalista. Destarte o racismo, por seu *modus operandi*, trabalha com poder de eficácia que naturaliza a exclusão do negro em diversos setores.

Segundo Guimarães (1995, s/p)

O desafio mais crítico para aqueles que lutam contra o racismo no Brasil está justamente em convencer a opinião pública do caráter sistemático e não-casual dessas desigualdades; mostrar a sua reprodução cotidiana através de empresas públicas e privadas, através de instituições da ordem pública (como a polícia e os sistemas judiciário e correcional); através de instituições educacionais e de saúde pública. Só assim pode-se esperar levantar o véu centenário que encobre as dicotomias elite/povo, branco/negro na sociedade brasileira.

O sexto sujeito da pesquisa, Lusa, também se declara negro, mas percorre, em sua fala, caminhos um pouco diferentes em relação ao dos outros entrevistados, mas com sentidos que se assemelham em alguns momentos. Ao ser indagado sobre o que é ser negro na sociedade brasileira, ele também o aborda em sua relação com o futebol, mas atribuindo sentido depreciativo a isso,

ao menos em sua época. O esporte é colocado em patamares iguais aos da polícia e ao dos cantores. Diz ele:

**Lusa:**

Na época que iniciei como jogador eu era o negro bandido, porque futebol, cantor e polícia era tudo vagabundo, hoje não hoje o futebol te possibilita estar na sociedade, no futebol hoje você é recebido de braços aberto, mas nem por isso posso te dizer que não existe um preconceito, principalmente quando você não é reconhecido nem nada.

Como nas entrevistas em pesquisa qualitativa não existe propriamente certo ou errado, mas, sim, a versão dos sujeitos nela envolvidos, compreende-se a fala de Lusa quanto a diferença no tratamento dado a jogadores do passado e do presente. Contudo vale a menção de que, quando o pesquisado iniciou sua carreira profissional, nos anos de 1966, o Brasil já era bicampeão mundial de seleções e o mundo já conhecia Pelé e Garrincha; ou seja, o futebol no Brasil já estava consolidado. Mas, em consonância com o pesquisado, entende-se que, na época do seu início, o esporte bretão tinha menos visibilidade (*glamour*) que na atualidade.

A sua fala se assemelha a dos outros entrevistados no que tange a ideia de que, a partir do futebol, o indivíduo alcança um status que lhe blindava, de certa forma, contra o racismo. Isso fica claro quando diz: “hoje não, hoje o futebol te possibilita estar na sociedade, no futebol hoje você é recebido de braços abertos”. Contudo, termina sua fala reafirmando a existência do racismo.

O conjunto das entrevistas mostrou-nos que os sujeitos dessa pesquisa têm histórias que quase sempre se repetem: menino negro periférico que vislumbra ser jogador de futebol, seja pelo gosto por essa prática esportiva seja por desejo de redefinir sua condição de vida.

Além disso, as falas dos sujeitos de pesquisa indicaram que, por vezes, essa é uma das poucas possibilidades que o menino negro periférico tem de ascensão social. Como é corriqueiro ouvir, o negro em ascensão social ou é pagodeiro ou é jogador de futebol.

O sonho de ser jogador de futebol, no Brasil, é alimentado pela família. Desde cedo, meninos ganham de seus pais bolas de futebol e camisas de seu time de coração. Desse modo, o esporte exerce uma forte influência no cotidiano da criança (meninos). Entretanto, com o passar do tempo, o contato com outras áreas profissionalizantes deveria também fazer parte da vida de todos, inclusive para que as escolhas pudessem ser mais bem refletidas. Como, em geral, isso não ocorre, o contato com outras áreas fica restrito ou, ao menos, sua visibilidade é tornada maior apenas para determinados públicos, ficando o futebol para os “subalternos”: raros são os futebolistas de classe social mais elevada; e a maioria dos que pertencem a ela são brancos.

Nesse sentido, é importante ter a dimensão de como as estruturas racistas vetam as possibilidades de escolha e, como já visto, o futebol é vendido como a profissão que irá mudar a vida do indivíduo. Mas essa não é única profissão que tem em seu bojo a “promessa” do sucesso; áreas como medicina, engenharia, direito, entre outras, também possibilitam uma razoável condição socioeconômica, porém essas são apagadas do imaginário do menino negro da periferia. Para o negro, profissão e trabalho corporal continuam atados, essa é uma “herança cultural” da escravidão brasileira.

O racismo é pautado pela relação de poder, na qual os racistas ditam qual é o local dos negros. Sobre isso, alerta-nos Safatle (2012, p. 33): “[...] devemos lembrar que a verdadeira mola do poder não é a imposição de uma norma de conduta, mas a organização das possibilidades de escolha”.

Importa frisar também, que a ascensão pelo futebol pode reduzir a violência racial, mas não isentar os indivíduos dela. Esse ponto emerge da fala de todos os entrevistados, indicando o entendimento de que os locais frequentados por eles (como restaurantes e hotéis), devido a suas carreiras de futebolista, tanto em razão das concentrações como em decorrência da condição econômica conquistada através da sua profissão, fazem-nos sofrer menos racismo, se comparado ao sofrido por outras pessoas negras, que sequer podem frequentar esses espaços.

Evidencia-se, assim, a amplitude do racismo. Com a ascensão social, o negro pode mudar seus espaços de convívio, mas isso pode levá-lo a sofrer

racismo de forma individual. Mas, quando não ascendem, permanecem em locais de vulnerabilidade, sendo vítimas do racismo institucional e estrutural.

A questão do racismo científico como determinante das possibilidades de escolha do negro também é um aspecto a ser considerado. Manifesta-se nitidamente e, ao mesmo tempo, de forma velada na transição de dentro para fora de campo. Dito de outra forma, é difícil passar de jogador negro a técnico ou dirigente. Nessa hierarquização social, o racismo científico determina que o negro é apto para as atividades corporais, de modo que o pensamento, a racionalidade e a civilização são interpretados como de domínio do homem branco.

A referência à manifestação de forma explícita e, igualmente, à subjacente, reflete a discrepância entre o número de técnicos e de dirigentes de futebol negros e brancos. A estatística torna a questão explícita, mas, ao se adentrar ao debate dessa questão, tangencia-se o teor da discussão para a meritocracia, expressando, de qualquer modo, o racismo presente no debate.

Da mesma forma, isso pode ocorrer com as pessoas com pouco “letramento racial”, que não conseguem capturar esse mecanismo de ocultação do real, que, dessa maneira, permanece subjacente. Esse aspecto emergiu na fala de vários dos sujeitos da pesquisa.

O projeto de auxílio à família é recorrente na retórica dos jogadores de futebol, conforme vimos nas entrevistas realizadas. Em virtude disso, levanta-se a hipótese de que, sendo a maioria dos jogadores negros oriundos de classes populares, a dificuldade socioeconômica vivenciada por eles e o reconhecimento do esforço da família, sobretudo da figura materna, faz com que o futebol seja visto como forma de vencer as adversidades da vida por representar uma possibilidade de ascensão social para os mais pobres, um caminho possível para oferecer “dignidade” à família, em especial, às mães.

A complexidade que envolve as questões centrais desta tese está presente nas falas dos sujeitos da pesquisa. O futebol é composto, majoritariamente, por pessoas negras e pobres e a conquista desse espaço sócio-ocupacional se dá a partir de muita resistência, em especial face a discriminação sofrida. Desse modo, tem-se na figura do jogador negro os

maiores exemplos de sucesso no futebol, mas, mesmo assim, o racismo perdura em nossos campos.

Quando foi perguntado para Lusa sobre a cor da sua pele, como já descrito, respondeu ser negro. Mas retomo esse momento pelas falas subsequentes do pesquisado.

Nas palavras de Lusa:

Eu me considero negro eu tive um problema sim até por intermédio do colégio que a minha filha estudava, minha filha Roberta, mas sempre procurei administrar, por que veja bem, por que como jogador em muitos lugares que você ia você era chamado de negrinho, de preto, mas não é da forma que você vê hoje. Hoje eles têm a pachorra de jogar banana em você dentro de campo te chamam de macaco, mas sinceramente eu tenho uma forma muita tranquila de receber tudo isso que eu enfrentei hoje a gente vê aí esses problemas raciais; o último agora foi o Marinho (jogador do Santos-SP) semana passada. Eu vejo com muita tristeza a pessoa que o chama de preto, de negro, de um monte de coisa fazer uma distinção justamente por causa da sua expulsão. Isso não dá direito a pessoa fazer um comentário e ser ofensivo e principalmente na forma como ele fez. Eu fiz uma série de críticas ao Marinho (jogador do Santos-SP) mas chegando em casa a noite que eu fui ver o que ele tinha passado, mas nem por isso eu ia mudar uma vírgula do que falei: ele foi antiprofissional, ele faltou com respeito com os companheiros dele; ele já tinha tomado um cartão amarelo, jamais deveria ter tomado aquela iniciativa de querer pressionar o jogador- deu um tapa no pescoço no jogador da Ponte Preta- SP, problemas que infelizmente a gente vai ter que conviver mesmo que eu partir dessa para outra isso vai continuar existindo.

Nesse longo trecho, o entrevistado elucida vários pontos de análise. Em primeiro lugar, ele relata o problema do racismo sofrido pela filha na escola, apesar de não ter prolongado o que teria a dizer sobre isso; a escola está, mais uma vez, no centro da discussão, o que se percebe pela dúvida apresentada pela filha de Didi por ser a única “morena” da sala.

Diante disso, é preciso levar em consideração que a escola poderia ser um importante local de enfrentamento do racismo, mas o que se percebe é a negligência nesse espaço e a reprodução da violência racista. Ainda hoje, o ambiente educacional, por vezes, desqualifica o racismo, negando sua existência e reduzindo-o ao bullying. Essa é também uma forma pela qual o racismo se manifesta dentro das instituições.

A esse respeito, Bernardo; Maciel; Figueiredo (2017) apresentam significativas contribuições sobre como a questão racial é levada em conta quando o racismo se manifesta em alguns colégios da rede pública do Estado de São Paulo. Descrevem as autoras:

Nas escolas pesquisadas, a negação do racismo por professores e gestores educacionais, como já foi aqui destacada, constitui-se em forte indicativo para ilustrar um duplo movimento: a persistência e a força ideológica do mito da democracia racial brasileira e a forma como os brancos dos estratos médios da sociedade paulista se imaginam dentro das relações raciais (p.33).

Como descrito, a escola seria um importante local de enfrentamento do problema, mas, ao negar sua existência, corrobora a falácia de que se vive uma harmonia racial aqui no Brasil e, apesar de essa falsa ideologia ter sido desmentida em meados do século XX, mas ainda se faz presente em locais-chave para a luta contra essa violência. E sendo a escola elemento nevrálgico para qualquer mudança comportamental, discussões antirracistas devem fazer parte do cotidiano dessa instituição. O segundo ponto apresentado pelas autoras consiste na denúncia da hierarquização social, que é elemento fundamental do racismo.

Sobre racismo e futebol, historicamente a violência racista sempre se fez presente nos gramados brasileiros, mas que era negada e tratada pelos racistas como algo corriqueiro, naturalizado por narrativas que apregoam que no futebol sempre houve inúmeras ofensas, inclusive a raciais, mas que isso é inerente ao jogo, como se o esporte fosse um local a parte da sociedade, que tivesse regras sociais próprias.

Nessa linha, Lusa discorre evidenciando que sempre houve manifestações racistas no futebol, mas, como autodefesa, relata que, em dias atuais, o racismo mudou. Lusa relembra o episódio em que um torcedor da equipe do Villarreal Club de Fútbol arremessou uma banana no jogador Daniel Alves, quando este defendia o Fútbol Club Barcelona, ambos da Espanha.

**Lusa:**

[...] sempre procurei administrar, por que veja bem, por que como jogador em muitos lugares que você ia você era chamado de negrinho

de preto, mas não é da forma que você vê hoje. Hoje eles têm a pachorra de jogar banana em você dentro de campo te chamam de macaco, mas sinceramente eu tenho uma forma muito tranquila de receber tudo isso que eu enfrentei [...].

Essa relativização do racismo é muito recorrente aqui no Brasil, como se houvesse formas mais brandas da violência racial. Mas, apesar da distinção, deve-se considerar que a violência baseia-se na mesma ideia, algo perceptível mesmo quando Lusa busca relativizar o racismo ao comparar o que sofria em sua época de jogador com os ocorridos em dias mais atuais, considerando que antes a violência racial era menos abusiva. Também fica evidente, na fala, a relativização ideologizada em terras nacionais, algo feito afim de negar o racismo, ao realizar uma comparação com os Estados Unidos. Destarte, nota-se o reverberar do mito da democracia racial ao se comparar “[...] as relações raciais no Brasil e nos Estados Unidos para mostrar que no primeiro vivia-se uma verdadeira democracia racial” (BERNARDO, 2007, p.77).

Sobre ser chamado de “negrinho”, como discutido anteriormente pelo viés do “homem cordial” (HOLANDA, 2014), é possível chamar a atenção para o sufixo “-inho”, dentro da construção dessa “cordialidade”, por se tratar de uma semântica afetuosa, uma vez que “[...] serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo” (HOLANDA, 2014, p.178). Não obstante, o racismo, sendo imperativo, contido na forma “negrinho” não propõe uma afetuosidade, mas, sim, objetiva difamar o indivíduo, tendo em vista que quase sempre vem acompanhado de complemento depreciativo, a exemplo de: negrinho safado, negrinho sujo, entre outras maneiras de exalar o racismo.

Segundo Guimarães, (2002, p.171), “A função ou a intenção do insulto podem variar, mas ligadas a uma relação de poder”. O autor ainda salienta que os insultos raciais servem também para estigmatizar os indivíduos. Nessa linha, os estigmatizados historicamente se encontram em situações mais desfavorecidas, em especial os negros. Isso faz com que os insultos possam ser resumidos nas palavras negros, pretos. As quais já estão imbuídas de valor pejorativo, ou seja, quando se tem o propósito de ofender alguém, em tons

raciais, não se faz necessário xingar a pessoa de “negra safada”, só a palavra negra (ou “negrinho”) já contempla toda a ofensa.

Lusa retoma o caso recente de racismo no futebol brasileiro, sofrido pelo Jogador Marinho do Santos Futebol Clube, caso que foi mencionado no capítulo 1 desta tese.

Dito isso, é preciso retomar a questão central do trabalho, o racismo dentro de campo e o significado da violência racial para os sujeitos da pesquisa e de forma complementar o questionamento sobre o suporte dos clubes aos jogadores que sofrem racismo em campo.

### 3. OS SIGNIFICADOS DO RACISMO EM CAMPO PELO OLHAR DO JOGADOR NEGRO

Neste capítulo ficou evidente que as falas dos sujeitos pesquisados ora divergem, ora aproximaram-se. Como já descrito, apenas Barboza disse nunca ter tido contato com o racismo; e Cruzeiroirinho e Carioca relataram casos de racismo sofridos por eles apenas fora de campo, o que os deixa isentos dessa violência no exercício de sua profissão. Contudo Cruzeiroirinho emitiu opinião sobre o significado do racismo dentro de campo; Carioca abordou o significado apenas fora de campo; e Vozão, Didi e Lusa relatam que foram vítimas de racismo dentro de campo, com destaque para o primeiro destes que ainda exerce sua profissão e percebe que sua análise tem certa distância em relação ao entendimento do Lusa. Isso leva a refletir sobre a importância das discussões atuais sobre o racismo.

No que tange o suporte dos clubes quando o jogador sofre racismo em campo, de forma unânime, mas com abordagens distintas, os entrevistados responderam que os clubes auxiliam e apoiam os atletas.

As discussões raciais não só encorajam as pessoas a denunciarem a violência racial, mas podem fazer com que o indivíduo negro perceba que está sendo vítima de racismo, que as “piadas” de cunho racista, não são brincadeiras, mas racismo recreativo e que o olhar “diferente” para o negro é preconceito, e não apenas coincidência, ou que o racismo é sutil (NUNES, 2010). Se a questão racial está em pauta, isso pode levar os jogadores e a sociedade em geral a entenderem que o futebol pertence a instituições racistas que são permeadas por estruturas da mesma ordem e que o xingamento “macaco” não é proferido tão somente para desestabilizar o adversário, mas, sim, uma demonstração de racismo, o qual deve ser combatido.

Barboza, como já mencionado, disse que nunca sofreu racismo, tanto dentro, quanto fora de campo, e, diante da pergunta, assim respondeu:

**Barboza:**

Nunca senti diferença em nada, tranquilo, até converso com a minha esposa, meu pai que é negro também, mas até no dia de hoje, nunca tive uma diferença disso.

Com base na fala do pesquisado, perguntou-se a ele se o racismo no Brasil é brando ou inexistente. Segue sua resposta:

**Barboza:**

Eu acredito que tenha racismo, mas igual eu te disse, felizmente não vi isso ainda comigo, pode acontecer para frente que é uma coisa normal, está todo mundo passando por isso, mas no mundo de hoje não existe mais espaço para isso, a gente vê o pessoal fora do país ou até mesmo aqui no Brasil eu acho que já está meio ultrapassado.

Ao ser indagado se já presenciou alguma manifestação racista contra algum companheiro de clube, Barboza disse que “[...] não, nada que eu me lembro de cabeça, assim não aconteceu nada”.

Essa fala contraditória, com teor negacionista e permeada pela história de vida descrita pelo Barboza, conduz a pensar sobre o processo de branqueamento, bem como a respeito do mito da democracia racial e de como este ganha força com narrativas nessa perspectiva.

Sobre essas ponderações, Bernardo; Maciel; Figueiredo (2017, p.33) entendem que “Os desdobramentos desse mito podem ser perceptíveis na negação do racismo e na busca pelo ideal de branqueamento como fator de ascensão social”.

Dentro dos estereótipos construídos no Brasil, Barboza se enquadra neste entendimento citados pelas autoras: menino negro que se torna jogador de futebol e casa-se com uma mulher loira de descendência alemã. Outra hipótese percorre o caminho que considera que Barboza sofreu racismo ao longo da sua carreira profissional por ocupar o posto de goleiro, visto que essa é a posição do futebol mais sensível à questão racial desde que o Brasil perdeu a final da Copa do Mundo, no dia 16 de julho de 1950 para a seleção Uruguia no estádio do Maracanã-RJ. Esse caso ficou conhecido de “maracanazo”.

Como de praxe, após derrotas, costuma-se buscar culpados. Na ocasião, o Brasil elegeu três jogadores negros, dentre eles o goleiro Barbosa, que foi difamado por meio de xingamentos como “amarelões”, “acovardados”, expressões que atingem o caráter do indivíduo. Além disso, Huber et al. (2006) relatam que Mário Filho, ao falar desse jogador, afirmou que era um bom goleiro,

mas que, em um jogo contra a seleção da Argentina, teve de trocar o calção que usava por supostamente tê-lo sujado (“borrado”) durante a partida; o jornalista utilizou-se de senso comum para insinuar que Barbosa em algumas partidas amedrontava-se.

A questão do Barbosa não se restringiu a ele, proliferou-se para a posição de goleiro, fazendo com que os pretos que ocupavam a posição fossem colocados em xeque. Isso se concretiza quando se vê que o Brasil só voltou a ter um goleiro preto como titular da seleção em Copas do Mundo após 56 anos. Fala-se de Nelson de Jesus Silva, o Dida, que disputou a Copa do mundo de 2006 na Alemanha. Conforme Huber et al. (2006), após a convocação de Dida, assim se pronunciou Chico Anysio: “Não tenho confiança em goleiro negro. O último foi Barbosa, de triste memória na seleção” (HUBER et al., 2006, n.p).

Barboza, o sujeito da pesquisa, pode estar sendo vítima dessa estrutura racista que permeia o futebol, posto que iniciou sua carreira nas categorias de base da Sociedade Esportiva Palmeiras, conquistando convocação para seleção brasileira quando ainda estava nesse posto. Ao se profissionalizar, sua realidade tornou-se outra, atuando sempre em clubes de pequena expressão do futebol brasileiro, como atualmente, em que é reserva de uma equipe que disputa a Série A2 do campeonato paulista<sup>29</sup>. Dito de outra forma, a sua não presença na elite do futebol brasileiro pode ser reflexo do racismo personificado na posição de goleiro. “No plano estrutural, o racismo consiste no sistemático acesso desigual a bens materiais entre os diferentes segmentos raciais” (SILVA, 2017, p.130).

Já o entrevistado Vozão relatou situações de racismo estrutural manifestada pelo preconceito racial fora de campo. Isso foi feito enquanto narrava que, devido a sua ascensão social possibilitada pelo futebol, atingiu certos “patamares” que lhe permitiram se apropriar de espaços que historicamente eram frequentados apenas por homens brancos. No caso

---

<sup>29</sup> Reafirma-se ser uma hipótese por não se conhecer com profundidade a carreira de Barboza a ponto de ser possível fazer uma análise técnica de sua performance ao longo da sua vida no futebol.

específico, relembra que, quando jogava no Internacional de Porto Alegre, percebeu certa indiferença quando foi a uma loja de carros importados.

**Vozão:**

Então dependendo do lugar que eu entre as pessoas me conhecem por causa do futebol, claro o tratamento muda, não tenha dúvida, mas assim já entrei em lojas automóveis no sul, quando eu ainda não era conhecido, lá em Porto Alegre- RS, quando cheguei no Inter o tratamento é diferente entendeu, não tenha dúvida, você entra em uma loja de carro importado uma pessoa negra assim as pessoas te olham dos pés a cabeça, o tratamento é diferente, eu já senti essa diferença, eu não me ofendo com isso mas eu sei que é um meio...

Mesmo reconhecendo já ter sido vítima de racismo em campo, Vozão, em seu entendimento, considera que o futebol blindava, de certa maneira, as pessoas contra a violência racista, como relatou. Considera que, se ficasse mais tempo em Porto Alegre, a ponto de ser mais reconhecido pela profissão de futebolista na condição de jogador da equipe do Sport Club Internacional, o tratamento seria outro e que não sofreria preconceito racial ao adentrar em uma loja de carros importados.

Traçando um paralelo entre a profissão de jogador de futebol e o racismo, o estado do Rio Grande do Sul-RS, em especial a cidade de Porto Alegre, é o local com maior número de incidência de casos de racismo no futebol segundo o Observatório da discriminação racial, como apresentado em linhas anteriores. Apesar disso, Vozão diz que não se ofende com esses acontecimentos por ter personalidade bem formada, construída pela religião, em especial pelos escritos da bíblia, e pela família.

Como descrito anteriormente, Vozão acredita que pessoas negras com menos status social sofram mais com o racismo, dando a entender que o futebol as isenta de maiores contatos com a violência racial. Isso parece um contrassenso, tendo em vista que ele mesmo relata ter sofrido racismo, em campo e fora, e que o preconceito é um dos elementos do racismo.

A relativização dessa violência tem suas particularidades, o que aparece com certa recorrência nas falas dos pesquisados. Essa busca por amenizar o ocorrido consigo em relação a outra pessoa sugere ser mecanismo de defesa contra a dor da violência racial. Como nas palavras de Vozão:

[...] eu imagino assim eu como jogador já fui menosprezado agora você imagina uma pessoa que não tenha uma profissão que tão notória como a de jogador de futebol, como ela é menosprezada como ela é mal tratada.

Essa postura, de certa forma defensiva, em relação ao preconceito racial apareceu algumas vezes na fala do Vozão – por exemplo, ao considerar o preconceito descrito na fala anterior não como uma ação de um racista, mas, sim, como “maldade que está no coração humano”, atrelando-a também à discriminação do negro.

**Vozão:**

E essa maldade está no coração do ser humano, está no coração do negro, está no coração do branco, do amarelo é o coração do ser humano, enquanto o ser humano não for sarado, tratada ela vai continuar ferindo as pessoas quem é ferido fere, quem é sarado sara.

Vozão minimiza também o racismo que sofreu em campo exercendo sua profissão e, de certa forma, relativiza o episódio ao mencionar o caso de xenofobia, transparecendo a ideia de que sofreu racismo, mas que não foi o único vitimado por essa violência. Em jogo válido pelo campeonato brasileiro de futebol do ano de 2019, Vozão, ao sair de campo após ser substituído, ouviu um torcedor da equipe adversária chamá-lo de “negão safado”:

**Vozão:**

[...] comigo mesmo no jogo Santos x Ceará eu sofri o cara me chamou de “negão safado”, um torcedor que estava ali ele estava cometendo até xenofobia xingando o pessoal do nordeste e tal. Claro que eu como negro os caras vão me chamar de negão não tenho problema nenhum com isso.

Esse caso explicita a brutalidade da violência racista. Vozão estava exercendo seu trabalho e o agressor se permite ofendê-lo simplesmente por ser de outra equipe. As alegações mais corriqueiras, quando o racismo entra em campo, não se manifestam nesse caso, pois assumem alegações que, geralmente, tangenciam para a ideia de desestabilizar o adversário em busca da vitória. No entanto, uma vez que Vozão estava sendo substituído, sua

desestabilização não surtiria efeito, além disso o clube do agressor estava ganhando o jogo, algo que se consolidou com a vitória por 2x1. Logo compreende-se que Vozão foi vítima de racismo e que seu agressor é racista.

A respeito da desestabilização do jogador, Vozão afirma que, no seu caso, isso não ocorreu, o intuito do seu algoz foi cometer o racismo.

**Vozão:**

Quando estou na partida não consigo ouvir o que a torcida fala, a concentração é muita e barulho. No meu episódio eu estava saindo, sendo substituído, na Vila Belmiro é muito perto da arquibancada, eu já estava saindo, não foi para me desestabilizar, por eu já estava saindo não ia entrar mais, então eu acredito que foi um preconceito dele para discriminar.

O xingamento, na tentativa de querer atrelar o negro ao que não “presta”, à ideia do “safado”, é uma forma de legitimar a construção do racismo que é pautada pela hierarquização social. Isso demonstra que essa herança escravista e colonialista se mantém.

Segundo Munanga (2003, pp.6-7) o racismo é:

Uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estes últimos suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas.

A fala de Vozão de que, por ser negro, será chamado de “negão” merece certas ressalvas para que o processo de naturalização do racismo não vigore. Sendo assim a não aceitação do ocorrido deve ser lida por duas vertentes: em primeiro lugar, trata-se de um crime e, em segundo, constitui-se preconceito quando ideias são construídas contra uma determinada população através de frases como “negão safado” ou quando a intencionalidade por trás da expressão “negão” compreende o que se encontra em Guimarães (2002).

Outro ponto a ser observado, parte da ideia de que a fala “negão safado”, dentro do senso comum, pode induzir ao entendimento de que todos os negros

são de índole duvidosa. Com isso, o preconceito ganha força a partir de frases como essa disseminadas entre a população. Como explica Lins Rodrigues (2013, p. 48):

Frases como: “a mulher dirige mal”, “homem que é homem não chora”, “a população da favela é perigosa”, “toda loira é burra”, “todo carioca já nasce com samba no pé”, “todo paulista é bairrista”, “os cariocas são folgados”, “os baianos são preguiçosos”, “os índios são indolentes”, etc... são frases incorporadas ao ideário popular, acolhidas de tal forma como verdades pelo senso comum [...].

Serrano (2017) apresenta em seu livro, “O racismo no futebol brasileiro”, o início e as alterações do crime de racismo no Brasil, bem como sua inserção no Código Brasileiro de Justiça Desportiva-CBJD.

A Lei 1.390/1951 foi a primeira, na legislação brasileira, a tratar da temática racial, e atos racistas eram considerados uma contravenção penal. Sua alteração ocorreu somente na Constituição Federal de 1988, com a Lei nº 7.716, tornando crime o que era tido como contravenção, definindo outros tipos de crimes raciais e endurecendo a pena aplicada a eles. Nove anos mais tarde, ocorreram outras alterações, algumas trazidas pela Lei 9.459, a qual incluiu no artigo 1º da Lei nº 7.716 a punição para crimes de preconceito, discriminação, contra etnia, religião e procedência nacional; e, no artigo 20, houve a alteração da pena. Além disso:

A Lei nº 9.459/1997 também modificaria o Código Penal Brasileiro ao prever um tipo qualificado de injúria (a injúria racial), por meio da inclusão do parágrafo 3º no artigo do Código (SERRANO, 2017, p.49).

Já em 2010 foi sancionada a Lei nº 12.288/2010, o Estatuto da Igualdade Racial, objetivando a garantia de igualdade de direitos e de oportunidades para toda população negra, além do combate a todas as formas de discriminação (SERRANO, 2017).

No âmbito esportivo, devido ao expressivo aumento do número de casos de racismo no futebol, o CBJD cria a Resolução ME nº29 de 10/12/2009, que,

em seu artigo 243-G, coíbe atos discriminatórios em várias esferas, não somente a racial (IDEM).

Levando isso em consideração, ao indagar Vozão sobre os motivos de não haver problema em ser chamado de “negão”, ele respondeu da seguinte forma:

**Vozão:**

Desde que as pessoas tenham liberdade com a outra eu não vejo problema algum, tipo esse cara que usou essa expressão comigo “negão vagabundo<sup>30</sup>”, chega para um negão, eu estou dentro do futebol, tipo assim, agora chega para um negão na fila de um banco e chama ele de vagabundo você vai a atitude da mesma maneira que é os homossexuais eles brincam entre eles assim de “bicha”. Agora chega em um homossexual que você não tem intimidade e chama ele de “bicha” “viado” da mesma maneira que você chama uma outra pessoa de um determinado apelido que ela não goste sem que você tenha intimidade vai se sentir assim menosprezada, eu acho então que tudo é questão da intimidade se você tem liberdade para brincar comigo e eu com você eu não vejo problema algum. Agora na questão da discriminação dependendo do ambiente que você frequenta se as pessoas não te conhecem (...).

O pesquisado trata, em sua narrativa, de alguns pontos que geram atenção. Novamente tenta amenizar a questão racial apresentando outros exemplos na pretensão de mostrar similaridades com as questões raciais, em especial nas quais está envolvido, buscando analogia com a homossexualidade e com apelidos de cunho depreciativos relacionados a esta. Sua fala também demonstra que tipos variados de preconceitos são aceitáveis, desde que haja relação de intimidade entre as partes envolvidas. Todavia, cabe aqui o entendimento de que as relações de amizade devem ser pautadas pelo respeito.

Um ponto de convergência que atravessa toda a sua fala pode ser notado quando menciona que é chamado de “negão”, mas num contexto futebolístico, o que induz ao entendimento de que há certa permissividade diante de algumas condutas no universo do futebol. Como já analisado nesta tese, o futebol não

---

<sup>3030</sup>Menciona-se a título de esclarecimento que, anteriormente, o entrevistado descreveu que havia sido chamado de “negão safado”, mas que agora cita a expressão “negão vagabundo”. Contudo, entende-se que, indiferentemente da expressão usada, é a violência do ato que deve ser sempre combatida.

tem regras sociais próprias, isto é, o esporte bretão não é um mundo paralelo e, sim, a reprodução fiel da sociedade. Vozão, que ao longo de sua fala defende a ideia de que sua profissão, de certa forma, o blindava contra o racismo, agora reconsidera esse posicionamento ao mencionar que: “agora chega para um negão na fila de um banco e chama ele de vagabundo, aí você vai ver a atitude”; ou seja, o indivíduo que, na concepção de Vozão, é mais suscetível ao racismo é o mesmo que se rebela contra atos do tipo, mas o entrevistado, enquanto jogador de futebol que está mais distante dessa questão, “deve” aceitar com certa naturalidade a violência racista.

Quando foi perguntado a Vozão sobre que significado atribuía ao racismo no futebol, ele respondeu da forma que segue:

**Vozão:**

“Negão vagabundo” é o cara que não trabalha, ali eu estava trabalhando né, mas isso aí representa muito um pouco da sociedade atual, você vale não aquilo que você é mas aquilo que você tem. Eu sou bem consciente disso, nos lugares que eu chego algumas pessoas se aproximam de mim por aquilo que posso proporcionar a elas, em um restaurante ou qualquer lugar que eu chegue, as pessoas querem uma foto ou alguma coisa, mas a gente tem que saber separar essas coisas entendeu eu sei muito bem separa isso.

A fala de Vozão conduz a interpretação de que há certa complacência com a expressão “negão vagabundo”: além de não ser combatida com veemência, é tratada como algo possível de entender em certos casos, sendo possível sua utilização, como observa-se em “‘Negão vagabundo’ é o cara que não trabalha”.

Importante a compreensão de que o ato de xingar, não é um movimento isolado de uma única pessoa, que se sente acobertada pela multidão, no caso a torcida da sua equipe, mas sim manifestações que são inerentes a uma sociedade que tem em seu pilar o racismo estrutural. Dito de outra maneira “Na ideologia dominante, em geral não se reconhece que o racismo seja um problema estrutural” (ESSED, 1991 apud ROSEMBERG; BAZILLI; SILVA, 2003, p.128).

No decorrer da sua fala, alguns pontos ambíguos aparecem, por exemplo, quando diz que o racismo “representa muito um pouco da sociedade atual” de

um país racista, como o Brasil, onde a violência racial se manifesta em diversas formas e locais. Como abordado pelo Observatório da Discriminação racial, somente no ano de 2020 ocorreram 67 casos de racismo no futebol brasileiro.

Dentro da ambiguidade da narrativa aparece também a metáfora “ser ou ter”, deixando a dúvida sobre o reconhecimento que tem em locais públicos, algo manifestado pelas fotos que as pessoas querem ter com ele. Além disso, lança dúvida se esse reconhecimento se dá porque ele é (sua representatividade enquanto jogador de futebol) ou porque ele tem (a condição econômica adquirida pelo futebol, ideia muito presente no imaginário social das pessoas).

Entende-se que, independentemente de qual seja a resposta dada à dúvida do entrevistado, a fala do Vozão se afasta da ideia central da pergunta, embora sustente a coerência de sua narrativa em abrandar a temática racial. Sendo possível entender que essa forma de encarar o racismo pode ser umas das inúmeras maneiras de amenizar a dor produzida por essa violência.

Segundo Lima e Vala (2004, p. 402):

O racismo constitui-se num processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra um indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física externa (real ou imaginada), a qual é ressignificada em termos de uma marca cultural interna que define padrões de comportamento.

Dito de outra forma, o negro é violentado por motivos torpes, e Vozão manifestou-se nas redes sociais<sup>31</sup> um dia após o ocorrido. Disse ele:

Venho expressar meu sentimento de tristeza e revolta não contra o Santos Futebol Clube o e os demais torcedores santistas, mas sim contra uma pessoa que foi muito infeliz em seus insultos como foi presenciado pelo Tiago Galhardo, a repórter Aline Astari e seus companheiros de transmissão. Estou no futebol profissional a 14 anos, e já vivi diferentes circunstâncias que faz parte do futebol, todas as vezes que um time joga fora de casa é normal os torcedores dos times

---

<sup>31</sup> GE. Vítima de injúria racial, volante do Ceará pede ajuda para achar autor de insultos. Disponível em:<<https://globoesporte.globo.com/ce/futebol/times/ceara/noticia/vitima-de-injuria-racial-volante-do-ceara-pede-ajuda-para-achar-autor-de-insultos.ghtml>> Acesso em: 05/10/2020.

rivals nos provocar, tentar nos intimidar, tirar nosso foco tudo isso é normal, embora alguns ainda passam do ponto. Mas ser xingado de (Negão vagabundo enfia o dedo no C#%# desse negão), isso não é normal, eu sou chamado de negão por amigos, mas com um intensão totalmente diferente desse cara que se diz torcedor, e ainda menosprezar a cultura Nordestina isso é ainda pior. Sou Marido de uma nordestina, sou Pai de uma nordestina tenho amigos nordestinos represento dando a vida dentro de campo um dos maiores clubes do Nordeste, e não aceito como normal uma atitude como essa com o povo guerreiro do Nordeste, inadmissível isso [...].

Outro entrevistado, Cruzeirinho, relatou que nunca sofreu racismo dentro de campo: *“Não, eu graças a Deus nunca passei por isso, mas amigos meus e colegas de trabalho, sim”*. A consciência sobre a temática demonstrada no decorrer da sua fala faz insurgir que Cruzeirinho realmente não sofreu qualquer manifestação de cunho racial, entretanto a autodefesa demonstrada na fala de alguns dos pesquisados em relação a um racismo mais “sutil” (NUNES, 2010), devido a serem jogadores de futebol, em relação a outros sujeitos negros que se ocupam de outros trabalhos, pode levar à negação do racismo em campo. Afinal todos os pesquisados enxergam o futebol como a grande realização de suas vidas.

Quando perguntado ao Cruzeirinho sobre o significado do racismo em campo, com base no ocorrido com amigos e colegas de profissão, ele direcionou sua fala ao entendimento de que pessoas que cometem o racismo ou qualquer outra forma de discriminação são “vazias”. Para demonstrar essa perspectiva, o entrevistado apresenta exemplos de discriminação não só de cunho racial:

**Cruzeirinho:**

Aquilo na verdade só demonstra quem é a pessoa que está do outro lado; eu vejo que a pessoa é totalmente vazia. Acho que a pessoa que tem essa atitude é vazia é pessoa que falta algo para preencher o coração dela, porque alguém tentar humilhar alguém porque falta algo em você para preencher, não é porque eu tenho uma condição melhor que a sua que eu sou melhor que você, não é porque você é branco que você é melhor do que negro, não é porque você tem patamar mais elevado ou conhece pessoas de patamares mais elevados, que conhece mais do que eu que não conheço, então assim, eu posso estar andando com um mendigo ele pode ter mais sabedoria do que eu, mas a gente não sabe o que ele passou para estar naquele estado. A gente tem que aprender a respeitar as pessoas pelo o que elas e não por aquilo que elas têm, ou status que elas conquistaram. Então eu acredito que as pessoas que agem assim são vazias porque elas não têm a sensibilidade, são vazias.

Sobre discriminação, Lins Rodrigues (2013, p. 49), parafraseando Sant'Ana (2005), define esse conceito da seguinte forma:

Modo de agir transgressor dos direitos de cidadãos e cidadãos, fundamentado, para tanto, em critérios injustificados eleitores da raça, da opção religiosa, da opção sexual, do sexo, do comportamento cultural, da classe social e etc., como parâmetros de aceitação ou rejeição social.

Cruzeirinho remete-se as pessoas “vazias”, expressão subjetiva que leva a considerar que se refere ao indivíduo racista, no sentido de não ter pudor, capaz de vilipendiar, de violentar o outro, em busca de hierarquização social. Isso pode ser depreendido do fato de que, a todo momento, o entrevistado evoca em sua fala um comparativo entre dois tipos pessoas, diáde em que um lado sempre busca sobrepujar outro.

Quando perguntado para Cruzeirinho sobre a ideia do uso de atos racistas como propósito de desestabilizar os atletas, ele entende não ser isso verdade. Para ele, o jogador consegue ter elevado nível de concentração no jogo e, por isso, a única situação capaz de desestabilizar alguém seriam ofensas direcionadas à família do jogador.

Outro ponto importante apresentado por Cruzeirinho refere-se a quem acha que o esporte, em especial o futebol, tem regras sociais próprias e que determinadas ações podem ser realizadas durante uma partida, como chamar o jogador de “macaco”. A expressão “isso é do futebol” deve ser combatida com veemência e a punição deve ser exemplar para que se desconstrua essa falsa compreensão de que, diante da multidão, o indivíduo está blindado e, assim, livre para vociferar insultos racistas.

**Cruzeirinho:**

Não acredito que seja para desestabilizar o jogador tirar a concentração do atleta por que isso é da pessoa mesmo. A pessoa que expressa isso, ela acredita que no estádio ela tem o total direito de expressar isso sem ser punido. Isso jamais vai tirar a concentração o foco do atleta. Isso não tira o foco do atleta. A única coisa que pode tirar o foco do atleta dentro de campo algo que se torna familiar quando é algo relacionado à sua família, quando é algo que aconteceu com a sua mãe, irmão, esposa ou algo assim; isso acaba em algum momento

tirando o seu foco, mas em relação a discriminação jamais vai tirar o foco do atleta [...].

Para Cruzeiroirinho, o indivíduo que comete racismo no futebol é racista e os jogadores vitimados devem se posicionar contra o ato. Mas, segundo ele, esse posicionamento deve ser feito de forma inteligente para que não perca a razão.

**Cruzeirinho:**

[...] acho que isso vai demonstrar quem é a pessoa que está do outro lado, e os atletas que passam essa situação têm que se impor mesmo, têm que se manifestar, lógico com sabedoria, para não perder a razão, mas eles têm que se manifestar e se impor diante dessa situação e não admitir que isso aconteça.

Impor-se com sabedoria para não perder a razão é algo que elucida a situação do negro, o qual, mesmo sendo vítima de uma situação, pode ter a situação voltada para si, o que pode transformá-lo de vítima em culpado em uma fração de segundo, dependendo da atitude tomada. O negro não pode errar. Como narrou Rodrigues Filho (2010), em “O Negro no Futebol Brasileiro-NFB”, jogadores negros tinham receio de cometer falta nos jogadores brancos com vistas a gerar certa cordialidade. Ademais, também o caso de “Francisco Carregal, elucida meus exemplos. Talvez por ser brasileiro e mulato, o único brasileiro, o único mulato do time, caprichou na maneira de se vestir. Era o mais bem vestido do time do Bangu” (RODRIGUES FILHO, 2010, p. 32).

A narrativa do autor retrata o ano de 1905 e a fala de Cruzeiroirinho, 2019 (114 anos depois), mas a situação enfrentada pelo negro é a mesma, e ela é evidenciada no racismo recreativo em “piadas” como “negro quando não c... na entrada, ele c... na saída”. Em outras palavras, espera-se que o negro erre.

Cruzeirinho narra o racismo sofrido por ele, em frente as filhas, em uma abordagem da polícia militar do Estado de São Paulo.

**Cruzeirinho:**

Mas eu estava com as minhas filhas eu estava no meu carro, um carro bom, assim independente de ser um carro bom. Eu passei em um bairro em Pinda (Pindamonhangaba\SP), na casa da tia delas. Passei e o vidro estava em meia altura e nisso a polícia estava vindo desse

lado (lado do motorista) e aí polícia olhou para dentro do meu carro, deram a volta e encostaram com a arma me apontando; só pedi tranquilidade por que as minhas filhas estavam no carro, daí eu encostei, desci aí eles perguntaram o que eu estava fazendo ali, eu respondi: trazendo as minhas filhas porque a tia delas mora aqui. Vim trazer para na casa da tia. A forma como eles me abordaram achei um pouco deselegante, não julgo todos porque eu tenho muitos amigos policiais, eu sempre falo com eles e eles falam que têm muitos caras que trabalham com eles que são totalmente despreparados e a gente vê isso todos os dias na sociedade né e aquilo me chamou muita atenção. Caramba! A forma que eles me trataram.

O corpo negro, historicamente marginalizado e que se depara com a violência policial, é mais uma clara demonstração de que o racismo está nas instituições, as quais deveriam organizar a sociedade e zelar por ela, mas que acabam reproduzindo o racismo. O Biopoder em Foucault (2008)

Sobre a violência do Estado contra a população negra, que, não raras vezes, o desfecho é a morte do negro, encontra-se em Mbembe (2016) o conceito de necropolítica. Este aproxima-se do biopoder, mas, para Mbembe (2016, p. 146), a “[...] noção de biopoder é insuficiente para explicar as formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte”. O autor entende que a análise deve ser mais ampla do que somente escrever corpos dentro de aparatos disciplinares.

Benício et. al., (2018) dizem que, para Mbembe (2016), a necropolítica é caracterizada como uma tecnologia de produção e de gestão da morte na atualidade. Essa compreensão decorre da releitura das noções de biopoder, de biopolítica e de racismo de estado apresentadas por Michel Foucault.

Quando perguntado a Cruzeirinho se ocorreria esse tipo de ação policial caso fosse uma pessoa branca, com o objetivo de entender se se trata de uma abordagem rotineira ou se era manifestação de racismo, ele deu a seguinte resposta:

**Cruzeirinho:**

Não ia ter, eu já presenciei várias vezes isso em São Paulo, mas ainda às vezes a gente vê uma situação assim e a gente se cala, mas não deveria se calar, deveria se manifestar mais. Em relação a isso porque são coisas que vem acontecendo de forma grave e hoje através de uma rede social, de uma comunicação, a gente tem mais força para se expressar sobre isso. Mas isso não me deixa coagido, não me deixa me sentir menos que ninguém pelo contrário, eu sei de tudo que eu alcancei, que eu conquistei e eu prezo tudo aquilo que eu valorizo. Mas

o cara ser de caráter, respeitar você independente da sua raça da sua cor e da sua sexualidade, daquilo que você pensa, da sua democracia, da sua forma de expressar, do seu jeito de ser. Eu sou uma pessoa que respeita muito isso, então mesmo as pessoas que não pensam como eu, mesmo assim eu respeito eles serem desse jeito.

Confirmando que aquela determinada ação sofrida teve um viés racista, o entendimento do entrevistado se dá base em experiências vividas, por isso entende ser importante a denúncia da violência racista utilizando-se das redes sociais. Cruzeirinho amplia sua análise trazendo a ideia do respeito entre as pessoas, abrangendo raça, sexualidade, pensamento político.

Para Almeida

O direito, portanto, apresenta-se aquilo que Michel Foucault denominou como “mecanismo de sujeição e denominação”, cuja a existência pode ser vista em relações concretas de poder que são inseparáveis do racismo, como revelam cotidianamente as abordagens policiais, as audiências de custódia e as vidas nas prisões (ALMEIDA, 2019, p.135).

Carioca também relatou que nunca sofreu racismo dentro de campo. Por essa razão afirma que, em seu tempo de jogador, não existia casos de racismo em campo, algo que contradiz as evidências já discutidas aqui. É válido relembrar que ele atuou nos gramados nacionais na década de 1990, época em que houve silenciamento sobre a questão racial no futebol, apesar de que o racismo sempre existiu no futebol brasileiro.

Um dos poucos trabalhos a abordar o racismo na década de 1990 é o de Silva (2002), em cuja tese de doutorado mostra-se como, em momentos de derrota, a imprensa busca um “bode expiatório”. Conclui ele que, na personificação das derrotas, quando estão envolvidos atletas negros, as críticas transcendem as esferas profissionais e adentram ao campo pessoal, inclusive o caráter do atleta, como foi o caso do ex-jogador Ronaldo Fenômeno, que, antes da final da Copa do Mundo de seleções do ano de 1998, sofreu um ataque epilético, convulsionando horas antes da partida final. Esse caso, segundo Silva (2002), foi abordado pela imprensa como se o atleta tivesse “amarelado” na final da Copa, expressão que objetiva atingir o ser humano ao fazer referência ao

medo do adversário sentido pelo indivíduo durante o jogo. Essa seria a razão para o baixo desempenho. Quando o atleta é branco, a exemplo de como foi tratado o jogador Dunga, na Copa do Mundo de 1990 na Itália. As análises ficam “dentro das quatro linhas”, ou seja, o que é evidenciado nas críticas são as limitações técnicas e táticas dos atletas.

A título de ilustração sobre a presença do racismo no futebol nacional, menciona-se os anos de 1982, quando o Sport Clube Corinthians Paulista constrói um movimento de viés revolucionário, denominado “Democracia Corinthiana”, que foi liderado pelo sociólogo e diretor de esporte da época, Adilson Monteiro, e pelos jogadores, em especial Sócrates, Casagrande e Wladimir.

Um movimento democrático dentro do futebol, em meio a ditadura militar, não poderia ter só aplauso. Reações contrárias, críticas com o propósito de esvaziar os significados, as ações, e de colocar em xeque a autenticidade do movimento eram inevitáveis.

Florenzano (2009) traz a tona uma fala de Casagrande sobre como a ala conservadora brasileira tentava atacar as lideranças da Democracia Corinthiana, De acordo com o ex-jogador, eram chamados de: “um drogado, um bêbado e um negro” (FLORENZANO, 2009, p.301). Já Wladimir “[...] era um negro que lutava contra o racismo” (FLORENZANO, 2009, p.302).

É importante entender que o jogador de futebol é um profissional como qualquer outro e que não cabe julgá-lo pelo que faz em sua vida particular. Mas as críticas a Sócrates e a Casagrande podem ter nível razoável ao se pensar que o abuso de álcool e o uso de cocaína poderiam ser prejudiciais tanto para sua vida particular quanto para a profissional. O consumo de álcool e de outras drogas não dialoga com ideia do esporte.

E Wladimir? Na tentativa de desqualificar um dos líderes da democracia corinthiana, o racismo aflora mais uma vez. Uma vez que o negro não pode ter voz, pensar ou criticar, o bom negro é aquele que aceita a ordem imposta pelo branco.

A esse respeito, concorda-se com Santos (1984, p.41): “Nosso preconceito racial, zelosamente guardado, vem à tona, quase sempre, num

momento de competição”. E o futebol (jogo) é um grande palco para os racistas. Mas, no caso em questão, as ações de Wladimir não se retratavam em uma relação de disputa de uma partida, mas, sim, consubstanciadas em algo maior.

Retomando a fala de Carioca, reitero a minha fala anterior: na entrevista, não existe certo ou errado, e sim a versão do entrevistado.

Dito isso, Carioca entende que o racismo no futebol começou quando jogadores negros foram atuar em clubes russos e começaram a se “destacar”. Esse argumento, envolvendo o “destaque” do atleta atrelado a práticas racistas, está interligado a ideia de ocupação do espaço do outro. Na tese de Tonini (2016), que estudou o racismo e a xenofobia sofridos por jogadores brasileiros que atuaram fora do país, narrativas como essa apareceram em alguns casos, ou seja, o racismo e a xenofobia teriam se iniciado a partir do momento em que os jogadores começaram a ter visibilidade (destaques) em campos internacionais, assim ocupando os espaços dos nativos.

Vale a menção de que a Rússia é um país com elevado índice de racismo, a ponto de haver certo temor na realização da Copa do Mundo de seleções de 2018<sup>32</sup>.

Retomemos a fala do Carioca:

Graças a Deus comigo nunca aconteceu. Vou te falar porque eu tenho o meu pensamento. Porque naquela época não tinha isso, esse negócio veio de uns tempos pra cá; vem sendo mais forte lá na Rússia. Impressionante, na Rússia começou jogadores negros ir para lá. Na Rússia, não tinha jogador brasileiro, os jogadores negros começaram a se destacar na Rússia, então começou a chamar a atenção e começou a ser uma coisa mais frequente porque antigamente não tinha isso não se tinha, nunca aconteceu nada.

Ao ser indagado se nunca havia sido “xingado” em campo, Carioca respondeu: *“Nunca de macaco, essas coisas nunca”*.

Mesmo sentindo-se blindado em campo, Carioca não ficou livre do racismo fora dele. O atleta relata o preconceito racial sentido quando frequentava

---

<sup>32</sup>OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO BRASIL. Disponível em: <<https://observatorioracialfutebol.com.br/o-racismo-na-russia-pode-destruir-a-copa-do-mundo/>>. Acesso em 24/09/2020.

espaços que, rotineiramente, eram ocupados por brancos, locais que requeriam maior poder aquisitivo.

Mais uma vez, tornou-se notória, nas entrevistas, certa amenização do racismo quando o alvo é o pesquisado. Os entrevistados relatam casos de violência, mas servem-se de sua profissão, futebolistas, para retratar um racismo mais ameno. Parece haver o entendimento de que o futebol, por torna-los figuras públicas, faz o racismo ser brando.

**Carioca:** Vou te explicar melhor, como eu fui uma pessoa conhecida, que eu fui por ter sido um jogador de futebol conhecido, porque joguei em time grande, as pessoas podiam falar até por trás porque pela frente não. Aí você chega em restaurante que só tem pessoas brancas, elas perguntam quem é aquele cara ali? ahh ele é o “Carioca” que jogou no Fluminense-RJ. Pela pessoa que eu representei no futebol. Mas muita coisa você sente, o próprio negro sente.

Ao ser questionado sobre o que sentiu, Carioca discorre:

**Carioca:**  
É um olhar diferente, um tratar de você diferente, um falar diferente. Até mesmo como eu posso explicar, até mesmo o modo de conversar com você, as vezes as pessoas tocavam em um assunto e aí você chegava você via que as pessoas mudavam... aí você pensava será que mudou por que eu cheguei, aí eu olhava para um lado para o outro e via que só eu estava aqui (negro). Pela pessoa que eu era, por ser conhecido não sentia tanto, mas eu via acontecer com as pessoas que não eram conhecidas, eu via quando uma pessoa de cor chegava em um restaurante em uma festa modo de me tratar de uma maneira e tratar de outra maneira a pessoa.

Os preconceitos “[...] amplificam as diferenças e desembocam em estereótipos suscetíveis de alimentar ou justificar atitudes discriminatórias” (WIEVIORKA, 2007, p.59). Novamente Carioca se valeu da profissão para explicitar que o racismo sofrido por ele era mais sutil em relação ao experimentado por outras pessoas negras que ocupavam outros postos de trabalho *“eu via quando uma pessoa de cor chegava a um restaurante, em uma festa. o modo de me tratar de uma maneira e de tratar de outra maneira a pessoa”*.

Didi também já foi vítima de racismo em campo, mas, para ele, o ato ocorria enquanto exercia sua profissão e objetivava sua desestabilização. Como já descrito nesta tese, algo muito corriqueiro na defesa do racista (ou do indivíduo que dissemina o racismo) é a tentativa de conceber a agressão como algo que visa apenas ao descontrole do adversário com o fim de se conquistar a vitória.

**Didi:**

Já, já, senti sim, mas é o que te digo, muito do que aconteceu comigo pode se dizer que é o que não se pode fazer, mas, eu vejo o que aconteceu comigo foi artifício para poder me irritar[...] Te chamar de macaco isso é coisa do futebol, o torcedor, o jogador em campo faz tudo para te irritar, te tirar do sério. Isso acontece demais, já sofri muito, isso acontece demais no futebol, não era para acontecer, para mim isso não é o pior.

É pertinente avaliar que a vitória não pode ser conquistada a qualquer custo, sendo assim, atitudes racistas devem ser coibidas. Dito isso, deve-se concordar com as ponderações de Vozão e de Cruzeirinho de que ofensas dessa natureza são, sim, racismo e que não necessariamente tem como único viés a desestabilização do atleta. Da mesma forma, não é admissível que isso seja considerado “coisa do futebol”.

O esporte está imbuído de valores sociais e da representatividade que tem para a sociedade brasileira, sendo assim, as manifestações que ocorrem dentro do esporte bretão devem sempre estar pautadas pelo correto. Se o racismo ou injúria racial são crimes, essa ilicitude não pode ser naturalizada; pelo contrário, tem de ser combatida.

Mesmo ciente de que há certa naturalização do racismo em campo, Didi discorreu sobre significado da violência racial quando exercia seu trabalho: *“Na hora você quer brigar mesmo, você se irrita, você quer brigar, você não pode ser ofendido em nenhuma situação”*.

Não obstante, o racismo tem suas complexidades: ao mesmo tempo em que Didi entende que atos racistas objetivam a desestabilização do jogador, ele compreende também que ninguém pode ser ofendido. Ora, se “você não pode ser ofendido em nenhuma situação”, o racismo não é algo do futebol.

Esse crime é manifestado pelos insultos raciais, isto é, a intencionalidade de xingar o negro de macaco passa pela ideia do irracional, do não civilizado. Afinal “[...] o insulto deve ser capaz de, simbolicamente: a) fazer o insultado retornar a um lugar inferior já historicamente constituído” (GUIMARÃES, 2002, p.194).

Com base em Guimarães (2002), enxerga-se o nível de violência que Didi sofreu quando chamado de macaco em campo, uma vez que esse xingamento visa a fazê-lo retornar a um lugar supostamente inferior e já historicamente constituído dentro do espaço geográfico que foi conspícuo para sua formação. Como descreve Didi ao tratar da importância do futebol para sua vida:

**Didi:**

O futebol foi importantíssimo na minha vida, importantíssimo. Como está falando da parte social do negro na sociedade, o futebol me ajudou muito de me colocar como pessoa na sociedade. O futebol me deu oportunidade de estar em lugar que provavelmente eu não teria oportunidade, o futebol me deu oportunidade de mostrar para pessoas que me convidaram por conta do esporte e me deram oportunidade de fazer amigos fora do esporte, de conseguir me mostrar, de me colocar de participar de uma situação que se não fosse o futebol eu não poderia ter uma oportunidade. O futebol foi excepcional na minha vida cultural, morar em outros países, viajar para muitos lugares, conhecer culturas completamente diferentes da minha. O futebol foi então para mim ... então como eu sempre falo Deus e Charles Muller, Deus por ter me dado a vida e Charles Muller por ter trazido a bola para o Brasil; esses dois foram maravilhosos para mim, para minha vida.

Didi também sofreu o racismo fora de campo, sendo possível enxergar paralelos entre o seu relato e o que ocorreu com Vozão, Cruzeiro e Carioca.

Lusa sofreu racismo em campo e sua narrativa aproxima-se da contada por Didi: também aquele entende a violência racial como forma de desestabilizar o jogador, e não como ato racista. Isso se percebe na justificativa contida em “calor do jogo”, a seguir.

**Lusa:**

Já tive sim jogando, mas não com colegas, já, já tive mas é aquele negócio, negro disso, negro daquilo, mas eu respondia negro... aí você xinga a mãe; é tudo no calor do jogo, mas essa distinção não mudou muito não, a gente vê aí ainda, mas hoje, hoje se tornou uma provocação de chamar de negro, de fazer algum comentário, e se a pessoa não tiver nenhum equilíbrio, ela vai sofrer uma provocação e

se não tiver com equilíbrio ela acaba revidando com ponta pé, cuspiando dando porrada nos outros.

Lusa se aproxima dos outros entrevistados, com exceção de Barboza, ao minimizar os efeitos do racismo ao se ver como alvo. Em sua fala, ele era xingado racialmente e revidava com outros xingamentos.

Cabe mediar a dimensão das ofensas, a de cunho racial e a de julgar a índole da mãe do seu adversário. Entende-se que, no primeiro caso – como discutido no decorrer desta tese –, estão embutidos sentidos e significados constituídos dentro de um contexto histórico de violência e opressão, mantendo-se intacto no decorrer de séculos. Importante frisar que, dentre as inúmeras consequências do racismo, está o extermínio de uma população.

Outro ponto que merece destaque encontra-se em Guimarães (2002), o qual salienta que os insultos raciais servem também para estigmatizar os indivíduos. Dessa forma, os estigmatizados historicamente encontram-se em situações mais desfavorecidas, em especial os negros. Isso faz com que os insultos possam ser resumidos nas palavras negros e pretos, já imbuídas de sentido pejorativo; ou seja, quando se tem o propósito de ofender alguém, em termos raciais, não se faz necessário “xingar” a pessoa de “negro safado”, pois a própria palavra negro já contempla toda a ofensa.

Em contrapartida, tem-se a ideia de que ao ofender a índole da mãe do seu adversário, o agressor, por vezes, sequer conhece o histórico de vida da ofendida. Sendo assim, manifestam-se insultos com o propósito de atingir o adversário.

Fazemos esse paralelo entendendo que são incomparáveis essas duas manifestações, mesmo que, para Cruzeiroiro, as ofensas contra os familiares sejam as que desestabilizam o jogador.

Na direção de minimizar o racismo na época que atuava nos gramados, Lusa conclui:

Sei lá, eu particularmente esse tipo de coisa, na minha geração era muito mais pela forma de provocação, não pelo jeito que está sendo hoje; olha que eu joguei várias vezes contra o time do Uruguai, da

Argentina, do México, jogava, havia essa provocação, mas a gente não estava nem aí.

Ao ser questionado se as manifestações raciais proferidas em campo objetivavam sua desestabilização ou se eram atos que deveriam ser tipificados como racismo, Lusa inicia sua resposta traçando, de forma contraditória, uma linha do tempo sobre as épocas de maior tensão do racismo no futebol. O ex-jogador, ora tangencia sua fala dizendo que, em dias atuais, o racismo é mais severo, retomando “o caso Grafite”, ora fala que hoje há certo receio dos indivíduos em relação a se manifestarem de forma racista devido ao maior número de câmeras de televisão que fazem a cobertura dos jogos. Para Lusa, a manifestação racista em campo não é oriunda de uma pessoa racista, o propósito é mesmo desequilibrar o jogador adversário.

**Lusa:**

Mas eu vivi dessa forma. Hoje eu vejo que as coisas são muito ostensivas, diretas à pessoa.... Então a gente já viu aqui em São Paulo a provocação do Argentino que ficou preso aqui; a delegação foi embora e ele ficou preso aqui e teve que responder...; lá dentro de campo era muito mais através de provocação, vejo que isso ainda continua, você vai jogar contra time Argentino, principalmente na libertadores. Hoje eu vejo que eles têm mais receio e hoje tem televisão em tudo que é ângulo. Eu já cheguei jogar na Argentina; você abre o jornal está escrito: os “macaquitos” vai fazer o que? É para tirar você do seu equilíbrio.

Essa compreensão da existência do racismo em campo, mas ao mesmo tempo certa negação, ou a tentativa de amenizar a violência racial, quando o indivíduo é o alvo, como apresentado no decorrer das falas, pode estar atrelado ao pensamento de Fernandes (2017, p. 35) que entende que “Na sociedade brasileira, as categorias raciais não contêm, em si e por si mesma, uma potencialidade revolucionária”.

Ou ainda pode-se considerar que devido a dor que violência racial produz, faz com que suas vítimas procurem mecanismos de defesa, com o intuito de amenizar essa dor, dentre esses mecanismos pode ser a negação, a relativização, dentre outros “gatilhos” de defesa.

Sobre a dor da violência racial, Costa (2003) traz o relato de uma menina negra:

Contavam que (quando era pequena) falava muito sozinha, tinha amigos invisíveis, falava muito na frente do espelho; era uma sensação de me sentir, de me reconhecer, de identidade minha. Falava comigo mesma, me achava muito feia, me identificava como uma menina negra, diferente; não tinha nenhuma menina como eu. Todas as meninas tinham o cabelo liso, o nariz fino. Minha mãe mandava eu botar pregador no nariz para ficar menos chato. Depois eu fui sentido eu aquele negócio de olhar no espelho era ruim. Um dia eu percebi com medo de mim no espelho! Tive uma crise de pavor. Foi horrível. Fiquei um tempo grande assim; não podia me olhar no espelho com medo de reviver aquela sensação. (p. 151).

Outro questionamento feito aos sujeitos da pesquisa, versou sobre o suporte dos clubes ao jogador que sofre racismo em campo. De forma unânime, os entrevistados responderam que os clubes auxiliam e apoiam os atletas. Atrelado ao respaldo dos clubes, alguns pesquisados abordaram também a questão da punição contra as pessoas que cometeram os atos racistas no decorrer de uma partida de futebol.

Para Barboza os clubes auxiliam os atletas vítimas de racismo, devido os jogadores serem patrimônio dos clubes e outro ponto levantado por ele, essa de caráter pessoal, relata ter sido jogador em clube que tinha pessoas negras na comissão técnica e diretoria.

**Barboza:** Acho que dariam um respaldo legal, porque até nas comissões e nas diretorias que eu trabalhei, tinham pessoas negras também, acho que seria bem tranquilo não iriam abafar o caso, acho que iriam dar todo respaldo para o atleta, podem defender o atleta, o atleta é o patrimônio do clube.

Vozão relata que no caso ocorrido com ele, o clube do agressor lhe auxiliou, inclusive identificando seu algoz e deixando Vozão responsável pelo processo contra seu agressor, o jogador não quis seguir adiante. Como de praxe, o clube se manifestou publicamente através de nota de repúdio.

**Vozão:** O presidente do Santos me ligou, o próprio Santos soltou uma nota na época que o torcedor que fosse xenofóbico, racista não precisasse torcer para o Santos. Semana passada eles entraram novamente em contato com o Ceará, as câmeras pegaram o cara que falaram isso e perguntaram se eu queria processar o cara eu disse que não queria processar o cara que cometeu esse episódio que eu não tinha a intenção de prejudicar os Santos eu pedi para que o próprio Santos punisse o cara. Porque a maior punição quando você já é exposto a vergonha. Eu iria processá-lo, ele iria pagar não sei o que, ele iria pagar, a pior consequência é aquela vergonha, a vergonha de você ser exposto em um caso assim, isso já é uma própria punição, eu acredito muito que Deus pode cuidar dele, que Deus pode cuidar do coração dele que ele não possa ficar ferindo pessoas assim.

Para Cruzeiroirinho, os clubes pautados pelo profissionalismo, auxiliam os atletas vítimas de racismo. Ele cita a punição ocorrida contra um indivíduo que ficou proibido de assistir jogos do seu clube nos estádios. Outro ponto de sua fala que merece atenção, foi quando mencionou a importância de punir o clube do agressor e não só o racista de forma individual.

**Cruzeirinho:** O clube que é profissional, independente quem esteja trabalhando lá dentro do clube, [...] eu acredito que sim. Eu tive agora no Atlético- MG, teve o episódio de um torcedor ofender o segurança do estádio, o clube se posicionou e se posicionou muito bem, com relação a atitude daquele torcedor. Primeiro que ele já não vai mais poder assistir os jogos do Atlético- MG, [...] os clubes deviam começar agir dessa forma, porque isso vai acabar com esse tipo de pessoa, que vai para o estádio para ofender você, ofender, discriminar uma pessoa e o rapaz estava trabalhando... Então eu achei bacana da parte do Atlético-MG essa punição e a lei tem que ser firme em relação a isso [...] porque quando um torcedor de clube se manifesta dessa forma e o clube for punido, ele vai pensar duas vezes antes de tomar uma atitude dessa, ele vai prejudicar o clube e as pessoas que estão sua volta sabendo que existe essa lei que puni, eles vão começar a se manifestar e não vão deixar isso acontecer ...

Para Carioca, atualmente o racismo no futebol se tornou uma manifestação mundial. Devido a expansão da violência racial, os clubes respaldaram seus atletas para o enfrentamento dessa violência, quando vítima. Em sua compreensão a punição contra o racista dever ocorrer de forma severa.

**Carioca:** hoje em dia os clubes estão, como te falei, naquele tempo passado não tinha isso não, mas hoje como está mundial, essa coisa de racismo está mundial, hoje o clube apoia sim o jogador negro, não posso falar que não apoia não, hoje o clube apoia sim. Não só o clube, até os próprios atletas, do convívio do dia a dia, até os próprios atletas hoje. Hoje está um negócio muito diferente e tem que ser daí para a pior, tem que ter punição, enquanto não tiver punição no Brasil e no mundo, uma punição severa, o racismo não acaba não, se não tiver uma punição muito severa. Severa, de prender, de ser algo assim, sem fiança, de prisão perpétua, para o nego começar a sentir na pele, porque se não, não muda não.

Didi traz o elemento das redes sociais como fator preponderante para o suporte dos clubes às vítimas de racismo. Para ele, devido a esse “Big Brother” vivido pela sociedade brasileira, os clubes tornaram-se obrigados a se manifestarem.

**Didi:** isso está melhor [...] muitas coisas ficam escondidas, mas hoje somos o país do Big Brother, todo mundo tem um celularzinho na mão, todo mundo tem uma câmera, um gravador na mão, com celular hoje você grava tudo, é assim, hoje os clubes nem podem esconder mais, porque não tem como esconder. [...] no meu tempo que jogava, no tempo que jogava as coisas eram... não mexe com essas coisas não, hoje não tem como não mexer, quando vê as coisas já está na internet, já está na mídia. [...] é uma preocupação dos clubes é imagem dele, eles vivem de imagem, então eles precisam dar voz a isso, precisam debater isso, precisam ser muito conscientes disso, hoje muito mais, na minha época, muito menos.

Para Luza os clubes através do seu departamento jurídico auxiliam os atletas que sofreram racismo exercendo sua profissão. No que tange a punição dos racistas, demonstrou certo descrédito.

**Lusa:** Hoje eu vejo que os clubes tomam iniciativas através dos seus advogados, primeiro de tudo tem que colocar na súmula, tentar mostrar que foi hostilizado essas coisas todas, mas quantas súmulas já foram feitas e quantas punições já teve.

Como já discutido no capítulo 1 desta tese, entende-se que os clubes fazem algum aceno, quando seus jogadores são as vítimas, mas quando algum membro da instituição é o agente agressor, o discurso muda, e a ideia “não foi bem assim” ganha espaço na retórica de sua defesa. Como já discutido também,

a diretoria do Esporte Clube Bahia, iniciou um movimento em defesa da vítima e contra o jogador da sua equipe, mas ação que não prosperou, reintegrando o jogador Ramírez (o acusado de racismo) ao elenco, quatro dias após o incidente com o jogador do Gerson, do Clube Regatas do Flamengo.

#### **4. PRETO EM CAMPO E O BRANCO NO COMANDO**

Outro caminho percorrido na tese para compreender o olhar dos pesquisados sobre o racismo no futebol, foi a questão da escassez de técnicos negros nas equipes do Brasil, em especial nos clubes da elite. Essa ampla discussão passa pelos racismos institucional e estrutural e pelo mito da democracia racial, posto ainda que há pessoas que defendem a inexistência de racismo no Brasil, sendo esse último, também objeto de investigação. Encerrando o capítulo em uma perspectiva colonialista, foi indagado aos pesquisados sobre a prática de se concentrar antes dos jogos.

##### **4.1- A escassez de técnico negro**

A escassez de técnicos negros ganhara holofotes nas discussões raciais dentro do ambiente esportivo, subsidiados pelo racismo estrutural, mas para tanto, vale a menção que esse tema não foi direcionado aos dois primeiros entrevistados da pesquisa, Barboza e Vozão, e seu surgimento ocorreu de forma espontânea na fala do terceiro pesquisado, Cruzeiroirinho. No momento em que falava o que é ser negro na sociedade brasileira, menciona a escassez dos técnicos negros: *“a gente não consegue identificar na nossa classe técnica de futebol o mínimo de negro comandando um time”*. A partir da afirmativa de Cruzeiroirinho, foi entendido ser pertinente a questão do técnico negro, por isso fez-se presente nas demais entrevistas. Feitas as considerações metodológicas sobre esse ponto, apresentam-se as falas dos pesquisados Cruzeiroirinho, Carioca, Didi e Lusa.

Segundo Cruzeiroirinho, há preconceito racial contra o técnico negro; ele faz alusão a dois deles, Roger Machado e Cristóvão Borges, os quais, no seu entendimento, realizam bons trabalhos. Vale ressaltar que, no momento em que é escrita esta tese, nenhum deles estava à frente de qualquer clube de futebol. Ressalte-se ainda que Roger Machado conseguiu certa notoriedade exercendo sua função de técnico, mas que Cristóvão Borges teve sua carreira apagada, como apontado por Cruzeiroirinho.

A carreira de desse último é o retrato do preconceito racial em relação ao posto de técnico. Mesmo após realizar bons trabalhos (iguais aos de muitos técnicos brancos), Cristóvão Borges esteve afastado do futebol desde 2017, dedicando esse tempo aos estudos, e só retornou aos campos no dia 25 de janeiro de 2020, defendendo o mediano Atlético Clube Goianiense, no comando do qual obteve bons resultados. Em sete jogos, conquistou quatro vitórias, dois empates e uma derrota, com aproveitamento de 66% dos pontos; apesar dos bons números, foi demitido exatamente um mês depois de assumir o cargo.

**Cruzeirinho:**

Eu acredito mais pelo fato do preconceito mesmo, preconceito com a raça negra, porque a gente consegue identificar bons trabalhos com técnicos negros, como do Roger do Bahia. Ele é um bom treinador, eu vejo porque outros treinadores que passaram em situações e sempre permanecem no mercado... o Cristovam treinador, ao meu ver ele é um bom treinador, mesmo que não seja um treinador da série A, que seja de série B. Por tudo que ele fez como jogador e por tudo que ele entende como técnico, o Cristovam foi bombardeado. E você vê a desproporção quando é um cara da pele escura da pele negra e quando é um cara da pele branca. Quando treinador os caras esqueceram do Cristovam, esqueceram de outros jogadores.

Outro exemplo apresentado por Cruzeiroirinho refere-se ao ex-jogador, agora técnico, Raimundo Ferreira Ramos Júnior, mais conhecido como Júnior Baiano. Este é uma das figuras mais populares do futebol brasileiro, pois, além de sua qualidade técnica, foi zagueiro vice-campeão mundial de seleções em 1998, na França. Ele também é lembrado por seu comportamento explosivo em campo.

Apesar de ter sido uma figura notável enquanto jogador, é quase invisível como técnico; em oito anos na carreira de “comandante”, teve apenas dois trabalhos, ambos em pequenas equipes :iniciou sua carreira em 2012, no clube Santa Helena Esporte Clube, do estado de Goiás, mas logo foi demitido. Após sete anos desempregado, foi contratado pelo Itumbiara Esporte Clube, ficando à frente do clube por apenas quatro jogos.

Sobre Junior Baiano, segue a fala de Cruzeiroirinho:

Estava conversando com Junior Baiano que é bem mais velho do que eu, o Júnior Baiano, hoje ele é treinador, ele é negro, ele sofre demais com isso, ele mesmo me falou: - a gente trabalha, a gente mostra o nosso potencial, a gente apresenta nosso trabalho para diversos clubes os caras...

Dentro das estruturas racistas, o corpo negro tem seu lugar determinado e, no futebol, isso significa ficar dentro das “quatro linhas”, apesar do anseio de transitar fora delas. Dessa forma, o racismo, em sua forma estrutural, age permeando as instituições. Na perspectiva colonialista, o negro fica restrito às manifestações corporais, leia-se aqui “o trabalho dos escravizados”, enquanto o ser civilizado, o ser pensante está no domínio branco dos senhores do engenho. Essa “herança cultural”, ao que tudo indica, permanece dentro da maior expressão popular do Brasil.

Cruzeirinho fecha sua fala sobre essa temática dizendo:

É bem nítido isso, o preconceito é escancarado. Acredito que eles não dão essa oportunidade para ser comandante, eles acham que o negro tem que ser sempre o comandado, mas não dão oportunidade para comandar; uma discriminação total.

A relação entre comandante e comandado acompanha o negro há tempos no cenário do futebol<sup>33</sup>, como relatou Florenzano (2010)<sup>34</sup>. O fato ocorrido com o antropólogo Roger Bastide, em um táxi na cidade de São Paulo, ilustra esta realidade. A narrativa do taxista trazia como personagem Lêonidas da Silva, técnico da equipe do São Paulo Futebol Clube.

O negro nada pode dar de bom. Não pode comandar, muito menos a brancos. Leônidas, como todos os negros, é desorganizado e insubordinado. Sobretudo considerando que o clube compreende brancos de boa família. Como é possível que aceitem ordens de um negro? (FLORENZANO, 2010).

---

<sup>33</sup>Foi especificado no futebol, por estar se tratando da questão do técnico.

<sup>34</sup>Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/comandante-negro/>. Acesso em 20/10/2020.

Já Carioca iniciou sua fala sobre a questão do técnico negro afirmando existir a necessidade de o negro ser melhor do que o branco para conquistar algum espaço.

**Carioca:**

Volto naquele ponto que falei: o negro para se destacar ele tem que ser cem vezes melhor que o branco, se ele bater de frente, o cara não vai contratar o negro. O negro vai pelo talento dele, ele tem que se destacar muito para ele conseguir vencer.

Entende-se que o racismo que implica o técnico negro é mais sensível do que ser “cem vezes melhor que o branco” com base nos ocorridos com os técnicos negros que fizeram bons trabalhos conquistando títulos pelos clubes e foram, de forma surpreendente, demitidos. Assim, levanta-se como hipótese que as estruturas racistas estão organizadas para que o negro não seja melhor que o branco e que, quando isso ocorre, o sistema, representado pelas instituições, age demitindo e invisibilizando o negro, como exemplo, cita-se os casos dos técnicos Cristóvão Borges, Andrade e Jayme de Almeida, sendo estes dois últimos, campeões nacionais pelo Clube de Regatas do Flamengo.

Almeida (2019) apresenta três teorias que objetivam explicar o racismo pela economia, dentre elas estão: *“teoria da discriminação por preferência ou da propensão a discriminação”*, elaborada pelo economista Gary Becker em 1957. Essa teoria é permeada pela “ignorância”, leia-se racismo, do dono do capital, que não emprega o negro por julgá-lo inferior ao branco em termos de produtividade. Em decorrência desse ato, por vezes, isso significa até perder capital por não se contratar a melhor mão de obra.

Carioca traçou um panorama sobre as reduzidas possibilidades de espaço para o negro entendendo que as oportunidades criadas no futebol, devido as constantes trocas de técnico, não chegam ao negro, ou seja, esse rodízio de vagas fica entre os brancos. Faz-se uma ressalva quando Carioca aborda essa hipótese, pois ele classifica o técnico Vanderlei Luxemburgo como branco.

Diante do cenário apresentado, Carioca tangencia sua análise para a desistência do negro ao tentar chegar ao posto de técnico. Essa dificuldade

imposta ao negro estruturalmente alimenta o mito da democracia racial. Dito de outra maneira, não se tem racismo no futebol, o negro é que não se esforça para ser vencedor. Como descreveu o ex-jogador Sérgio Bernardino, mais conhecido como Sérginho Chulapa, em entrevista para a revista Placar, no ano de 2003, conforme relatou Mamede (2018, p. 83):

Existem grandes ex-jogadores negros com capacidade para treinar. Mas falta interesse do negro. Se não se preparar, não vai ter espaço. [...] Não existe preconceito, mas sim uma preguiça do negro. O convite não vai chegar em casa. Não adianta fazer movimento. A classe é desunida. (PLACAR, 2003, n.p).

Mamede (2018) apresentou algumas histórias de técnicos negros que atuaram em clubes brasileiros. É interessante observar como as histórias se assemelham: ex-jogadores, com certo prestígio, que vislumbram transitar de jogador para técnico, ficam aquém do sucesso conquistado enquanto futebolistas.

[...] técnicos como Antônio Julião, Lula Pereira, Antenor Lucas - o "Brandãozinho" -, Agenor Gomes - o "Manga" -, Leônidas da Silva e Gentil Cardoso também têm semelhanças em suas trajetórias: a relação com o futebol em cargos distintos – jogadores e treinadores -, a exclusão, a estereotipagem, a falta de oportunidades. As características são muito parecidas e repetem um padrão: treinadores negros, eternos interinos e funcionários do clube, provaram a sua capacidade com a conquista de vitórias e títulos, mas não conseguiram ter prosseguimento em suas carreiras (MAMEDE, 2018, p. 12).

O mesmo autor ainda afirma ainda que:

Os treinadores negros, nessa dinâmica, viviam um mundo de contradições e exclusões. São muitos os exemplos de técnicos negros que não conseguiram atingir um patamar de destaque durante um longo período de suas carreiras (MAMEDE, 2018, p. 78).

Didi, de forma direta, começa a responder a questão sobre técnicos negros. Ele adota a lógica de que o cargo requer certo preparo.

**Didi:**

É fácil de você explicar porque um cargo de gestão, um cargo de tomada de decisão é para pessoas mais preparadas, e você tem poucos negros que conseguem esse preparo, como você vai ter muito negro, se o negro não consegue se preparar da mesma maneira.

Para Silva (2017,n.p), o racismo institucional é a “[...] falha coletiva de uma organização em prover um serviço apropriado e profissional às pessoas por causa de sua cor, cultura ou origem étnica”.

Consideramos importante a compreensão que Didi tem sobre o assunto; para ele está relacionado à necessidade e preparo. Para ele, não é porque a pessoa foi jogador de futebol que conseguirá com a mesma primazia ser treinador, cargo que envolve outras competências que extrapolam o que foi aprendido dentro das quatro linhas.

**Didi:**

É difícil, você ser treinador, você ser gestor, não é fácil, não é porque o cara jogou bola, tem toda uma bagagem, que o cara traz, que o cara passa. Para poder fazer gestão de grupo, gerenciamento, tem que estar preparado para isso.

Didi compreende que há diferenças de oportunidade para brancos e negros na aquisição desse preparo, assim como as sequelas que essas diferenças podem deixar. O entrevistado levantou, ainda, a discussão sobre a importância das cotas raciais, no que tange as possibilidades de construção de oportunidades para que, assim, diminua-se o hiato existente entre negros e brancos no comando das equipes.

**Didi:** Se você for pensar em futebol, a maioria dos jogadores de futebol são negros, mas a maioria dos treinadores são brancos, porque a maioria procura se preparar, tem oportunidades de se preparar, busca a preparação, e outra coisa também que o negro, aí vou te dizer um negócio, o negro por histórico, por histórico da sua vida ele não, ele não... porque é difícil para ele, sempre foi muito difícil para ele quebrar paradigma, sempre foi muito difícil para ele alcançar algo, sempre foi mais difícil para ele buscar uma situação melhor. Então os negros as vezes por mais que ele tente, ou as vezes ele sucumbe a dificuldade que é para ele se preparar, aí vai ser mais difícil ele chegar em uma posição dessa, porque é uma dificuldade muito grande. Então é assim, você vai dizer, não tem, não tem porque, primeiro porque eu acho que é preparação que falta, falta preparação, falta por quê? Porque ele tem menos oportunidade.

Essa desistência do tentar é denominada de “ameaça do estereótipo” por Almeida (2019). Ela é somatizada por grupos minoritários, no caso específico, pela população negra, e faz com que esses desistam de buscar melhores empregos, pois, ao se depararem com as estatísticas, enxergam que certos postos de trabalho estão nas mãos dos brancos. Esse efeito nocivo, essa violência simbólica, tem um duplo poder: além de tirar o negro de certas disputas, como já mencionado, o racismo consolida-se de forma velada sob a égide de que o indivíduo não conseguiu porque não tentou, uma vez que há igualdade de oportunidade e concorrência. “O que se observa nesse quadro é a reprodução do ciclo de preconceitos e o reforço aos estereótipos pelos quais o mercado se autorregula” (ALMEIDA, 2009, p.163).

Didi, ao falar sobre as cotas, pondera:

**Didi:**

Então apesar de ele ser maioria ele precisa de ajuda. Aí você diz assim: - por que que tem que ter cota para negro? Porque o negro tem dificuldade para chegar, ele precisa ser ajudado, porque ele tem o histórico de ter uma situação mais difícil mesmo, então é assim. Você tem que ajudar ele, você tem que dar oportunidade para ele, dando oportunidades, aí você vai ter negros mais preparados, você vai conseguir posicionar melhor o negro, aí você vai ter de fato uma democracia.

Entende-se que cotas raciais são ações afirmativas que têm em seu alicerce as políticas públicas que objetivam reparar as desigualdades produzidas historicamente pelo Estado (LOPES,2012).

Breiller Pires escreveu um interessante artigo para o jornal El País<sup>35</sup>, sobre cotas raciais para treinadores de futebol no qual apresenta dados que demonstram que as cotas geram oportunidades. Essa afirmação vai ao encontro do que disse Didi. “Cotas raciais representam o primeiro passo para iniciar o desmonte do racismo estrutural” (PIRES, 2020, on-line).

---

<sup>35</sup> PIRES, Breiller. **El País**. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/esportes/2020-02-17/cotas-raciais-um-caminho-para-melhorar-o-futebol.html>>. Acesso em: 22 out. 2020.

Para Didi, a oportunidade e o preparo devem caminhar pela “mesma via”, o que reitera a compreensão de que essa “ausência” representa a maior dificuldade dos negros na conquista do seu espaço. Didi trata disso ao recorrer a sua experiência.

**Didi:** [...] não é só dizer que não tem oportunidade. As oportunidades são dadas àqueles que se preparam, eu tive a oportunidade de estar no banco, mas eu busquei esse preparo, foi mais difícil para mim, eu sentia a estranheza, eu sentia a dificuldade, mas fui em busca de me preparar e estar em uma situação hoje que muitos negros não estão.

Lusa, ao ser indagado sobre a questão do técnico negro, direcionou sua fala para outros assuntos da temática racial, não abordando o tema.

#### ***4.2 O jogador de futebol e o mito da democracia racial***

É perceptível que há necessidade de se discutir racismo no Brasil, bem como o “mito da democracia racial”. Este segundo, cristaliza-se *no e pelo* futebol através da ocupação exitosa desse espaço, posto que os principais jogadores brasileiros são negros; podem ser citados como exemplos Jairzinho, principal jogador do Brasil na Copa de 1958, Garrincha, em 1962, Pelé, em 1970, Romário, em 1994, e Ronaldo<sup>36</sup>, que apesar de suas dúvidas em relação a própria cor de pele, é negro e foi o principal jogador da seleção brasileira na conquista do pentacampeonato em 2002, dentre tantos outros jogadores negros que contribuíram para a construção desse esporte no Brasil.

Abre-se parênteses para elucidar a construção da imagem do Romário, Helal (2003) apresenta reportagem do jornal “O Globo” (Edição de 13/09/1993, intitulada de “Um príncipe do futebol moleque”:

[...] inicia da seguinte forma: Irresponsável. Irreverente. Irrequieto. Egoísta. Debochado. Abusado. Explosivo. Quase uma bomba que tem pernas. Autoritário. Radical. Parece o dono do mundo. Talentoso.

---

<sup>36</sup>Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/se-voce-e-negro-ou-gay-te-defendem-diz-ronaldo-sobre-gordofobia-mais-uma-vez-ignorando-ser-negro/> Acesso em 17 jan. 2020.

Rápido. Craque. Artilheiro. Faz gol como quem brinca. Baixinho. Pernas arcadas. Língua presa. Biotipo plebeu para um príncipe do futebol-moleque: Romário (HELAL, 2003, p. 28).

Vê-se o enaltecer do mestiço, contrariando tudo aquilo que os racistas e suas teorias diziam sobre a inviabilidade do sucesso e da expansão do Brasil, por ter a mestiçagem fortemente presente em sua sociedade, como denunciou Schwarcz (2019). Em contrapartida, há a exaltação do pensamento Freyriano, seguido por Rodrigues Filho (2010), sobre o que de melhor havia no Brasil, a mestiçagem.

O biotipo do plebeu, com a genialidade de um príncipe. Mais uma vez, a sociedade brasileira rende-se ao negro, ao mestiço, mas não o suficiente para a erradicação do racismo. Levanta-se a hipótese de que, ao alardear o negro, o mestiço, o mito da democracia racial ganha fortes elementos para se manter intacto.

Um dia após a conquista do tetracampeonato, em 18/07/1994, o jornal “O Globo” traz outra reportagem sobre Romário, intitulada de: “Romário, o nome do tetra verde e amarelo”.

O tetracampeonato tem nome, sobrenome e origem: Romário de Souza Faria, de 28 anos, nascido no Jacarezinho e criado na Vila da Penha. Por isso mesmo, o tetra não poderia ser mais brasileiro, mais verde e amarelo. A trajetória de Romário é a cara do futebol do país. Dos campinhos de terra batida de um subúrbio do Rio até o Maracanã, a Europa, os EUA... o mundo. Ver Romário campeão é acreditar que o Brasil do jeito que a gente conhece pode ser mais. Pode ser campeão mundial (...) A fala cheia de gírias, os dribles que derrubam a lenda de que no futebol moderno não há lugar para a habilidade – dribles de uma petulância só admissível nos campinhos da Vila da Penha. Romário é assim. Já disse que, para ele, qualquer jogo é uma pelada em seu subúrbio. O que faz lembrar um atacante de pernas tortas, campeão do mundo, que chamava todos os laterais de João [...] (HELAL, 2003, pp.31-32)

A reportagem aborda a origem pobre de Romário. Como já descrito, em determinado momento, houve um silenciamento sobre a questão da raça no país e o futebol entrou na discussão de classe, a qual estava vinculada a dura crítica

que parte da esquerda brasileira tecia ao futebol, por ser utilizado para fins de alienação da população.

A reportagem não entrou na luta de classe, mas demonstrou de onde surgiu o herói, esse que foi capaz de desbancar toda a modernização do mundo no momento em que a ênfase estava na solidificação do futebol “dito moderno”. A perspectiva de origem branca, europeia, teve de se render a sociedade fadada ao fracasso por ser híbrida.

Outro ponto de sustentação desse mito *no e pelo* futebol encontra-se nas falas dos pesquisados, que, ao serem indagados sobre o que é ser negro na sociedade brasileira, traçam narrativas que abordam o preconceito, mas realçam que, devido a profissão de futebolista, conseguiram certo distanciamento do racismo, mesmo relatando já terem sido vítimas da violência racial. Isso também pode ser percebido quando minimizam o racismo sofrido em campo, deslocando-o para a ideia da desestabilização do jogador.

Todos esses elementos são utilizados pelos racistas para disseminarem a falsa ideia de que não existe racismo no Brasil, sugerindo que aqui os povos vivem em harmonia racial.

Os sujeitos da pesquisa também contribuem com a discussão acerca desse mito. Não obstante, cabe-nos esclarecer que, devido a negação do racismo por Barboza e a certo desconforto demonstrado por ele ao falar sobre a temática racial, essa questão não foi posta para ele. Todavia os outros cinco pesquisados, a sua maneira, percorreram esse caminho.

Para Vozão, é falsa a ideia de que vivemos em harmonia racial, ele considera o racismo como existente e credita à imprensa (minoria) a responsabilidade da manutenção dessa falácia.

Cabe aqui a concordância com Vozão, pois, como apontado, a mídia, em geral, sempre alimentou a construção da imagem negativa do negro, colocando-o nos programas televisivos como bandido, empregado, entre outros postos de inferioridade perante o branco. Com isso, ao mesmo tempo, dissemina a concepção de que há certa harmonia relacionada ao convívio dentro das relações entre patrões/empregados, em consonância com a forma como isso é

retratado por Freyre (2001) em Casa Grande & Senzala. Isso pode ser notado no excerto a seguir.

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a influência negra. da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolegando na mão o bolão de comida. da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. da mulata que nos tirou o primeiro bicho de pé de uma coceira tão boa. da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama de vento, a sensação completa de homem. do muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo (FREYRE, 2001, p.301).

A mídia, como um todo, pouco propôs em relação a uma agenda de enfrentamento do racismo. O silenciamento de determinadas questões induz a acreditar que não há determinados problemas, pois, se houvessem, seriam discutidos.

A mudança comportamental de parte das mídias brasileiras, que vem aos poucos inserindo em seus programas as pautas raciais, é visto com bons olhos como ato de enfrentamento do racismo. Essa mesma mídia, que há muito tempo contribui para a propagação da violência racial, ora disseminando só imagem negativa do negro, ora invisibilizando o racismo, alimentando o mito da democracia racial, por esse motivo tem por obrigação participar do combate.

Segundo Vozão:

Isso é uma coisa que querem maquiar né, acho que depende de uma parte da imprensa. São coisas que as pessoas querem maquiar, que não existe isso, esse preconceito é real, ele existe, tenho amigos que lutam arduamente para isso, contra esse preconceito. Tem o Tinga mesmo que bate bastante nessa tecla. Então é uma coisa que algumas pessoas da sociedade e parte da mídia, minoria, não sei, querem maquiar, mas é um problema que deve ser tratado, porque maquiagem uma hora cai, quando bate água, ela sai, então são problemas que enquanto você não tratar é uma bola de neve que vai crescendo.

Percebe-se, na fala de Vozão, a força do racismo: a maquiagem a que ele se refere é o mito da democracia racial, que foi deflagrado nos anos de 1950, em especial por Roger Bastide e por Florestan Fernandes, que, a pedido da

UNESCO, estudaram as relações raciais no Brasil. Esses dois pesquisadores concentraram seus estudos em São Paulo, como aponta Schwarcz, (2007, p. 15), no prefácio do livro o “Negro no mundo dos brancos” de Fernandes (2007) “[...] nomearam as ‘falácias do mito’; em vez de democracia surgiram indícios de discriminação; em lugar da harmonia, o preconceito”. Apesar de desmistificado, esse mito permanece quase intacto e “a bola de neve” continua crescendo, pois, ao analisar dados oficiais que mapeiam a sociedade brasileira, encontra-se o negro em piores condições. Como já descrito nesta tese, o aumento exponencial do racismo no futebol brasileiro no ano de 2020 (52,27% a mais do que em 2018), em que se registrou maior número de violência racial no futebol brasileiro, segundo o Observatório da discriminação racial, serve para demonstrar o efeito “bola de neve” descrito por Vozão.

Cruzeirinho é sucinto e direto em relação ao mito da democracia racial. Para ele, a harmonia entre as raças é falaciosa, pois numericamente o negro se apresenta em ampla desvantagem em relação a branco, desqualificando essa ideologia. Citando violência e melhores empregos, retoma a situação do técnico negro.

**Cruzeirinho:**

Nunca, só olhar os números. Como te falei do técnico. Não tem técnico negro. Veja a violência, o negro sempre está na linha de frente. Os melhores empregos estão nas mãos de quem? É isso...

Para Fernandes (2017, p. 41):

A democracia só será uma realidade quando houver, de fato, igualdade racial no Brasil e o negro não sofrer nenhum tipo de discriminação, de preconceito, de estigmatização e de segregação, seja em termos de classe seja em termos de raça.

Também de forma direta, Lusa respondeu a essa questão, porém com menos elementos de análise: “A democracia só pela palavra porque os gestos e as atitudes são completamente diferentes”.

Segundo Foucault (1996), o discurso não se encontra no sujeito nem no enunciado, mas nas formulações discursivas. Dito isso, é importante salientar

que a construção da democracia racial brasileira vem subsidiada por formulações discursivas que amenizam o racismo, disseminam a ideia de igualdade entre todos e evidenciam a meritocracia, uma vez que os gestos e as atitudes escancaram as desigualdades entre brancos e negros, os exemplos citados por Cruzeirinho dialogam com as poucas palavras de Lusa.

Carioca demonstrou certa dúvida sobre o que seria a ideologia da democracia racial: “O que dizem sobre democracia racial, é que as pessoas não são racistas e são? É isso que você diz?”. Diante disso, a pergunta foi reelaborada para tornar-se mais clara, mas sem influenciar sua resposta. Feito isso, Carioca também denunciou ser falaciosa a harmonia racial no Brasil, dizendo que o brasileiro é racista. Carioca é enfático em dizer que, na “igualdade”, o branco sobressai; dito de outra maneira, na disputa de uma vaga de emprego, se ambos tiverem as mesmas capacitações e o mesmo nível profissional, o branco tem a vaga assegurada. Essa é uma situação muito presente em relação aos técnicos negros.

**Carioca:**

Tudo mentira, isso te falo é tudo mentira, é só da boca para fora. Na hora do papel, entre um negro e um branco, se o negro não tiver qualificação, não tiver talento, não tiver capacidade, mesmo tendo as mesmas condições, a pessoa opta pelo branco. O negro só vence se ele se destacar mais que o cara, muito mais que a pessoa branca, infelizmente é assim, te falo, infelizmente. Não poderia ser, por isso que acho que isso é hipocrisia, falar que é tudo igual, é tudo mentira. Em todos os setores, não estou falando só no futebol não, estou falando em todos os setores. É muito difícil se tiver que bater de frente os dois, a pessoa vai escolher o cara branco, infelizmente é isso.

A cobrança maior que recai sobre o negro, que não pode errar, como já discutido nesta tese, aparece na sequência da fala de Carioca enquanto continua emitindo sua opinião sobre o assunto. Não obstante, o entrevistado demonstra preocupação, com certa demasia, em ser compreendido, pois não deseja ser taxado de racista. Em outras palavras, no momento em que estava denunciando o racismo, seu anseio era de não ser considerado racista.

**Carioca:**

isso não é porque sou racista, ou sou negro, estou dando a minha posição. Estou falando sobre o meu ponto de vista, como cidadão

negro. As vezes as pessoas vão escutar e pensar: esse cara é racista. Não, adoro minha cor, sou apaixonado pela minha cor, sou apaixonado pelas pessoas negras.

Carioca fecha sua análise tocando em um dos pontos de sustentação do mito da democracia racial: a falsa construção de que “todos somos iguais”. Essa assertiva leva-nos ao “[...] núcleo ideológico do mito da democracia racial” (BERNARDO; FIGUEIREDO; MACIEL, 2017, p.111). A minoria busca o reconhecimento e o aceite das diferenças, o que torna necessário que as pessoas sejam “indiferentes às diferenças”, como sugere Safatle (2012), e não que forçosamente crie-se uma situação inexistente de igualdade; busca-se, pois, a equidade.

Como “somos iguais” se a busca do racista é pela hierarquização social e pela diferenciação? Carioca mesmo, de forma “branda”, relatou já ter sido vítima de racismo, e a ênfase que direcionou sua resposta permite entender que ainda sente na pele as diferenças. A dor tem seu lugar de destaque na memória corporal do negro.

**Carioca:**

a hipocrisia que tem nesse Brasil, de falar que todos nós somos iguais, você vê o que acontece no dia a dia. Então é mentira o cara bater no peito e falar, eu não sou racista. É mentira, é mentira.

A ideia do “somos iguais” tornou-se objeto de campanha contra o racismo promovida pela CBF. A entidade máxima do futebol brasileiro, em abril 2014, lançou a campanha “somos iguais” e no ano de 2018, “ampliou” sua luta contra o preconceito com a campanha “todos iguais”<sup>37</sup>. O propósito era assumir uma postura de combate a todos os tipos de preconceito que circundam o futebol e a sociedade em geral.

Ações como as promovidas pela CBF devem ser propedêuticas para outras mais eficazes, pois a campanha pela campanha surte poucos efeitos

---

<sup>37</sup>CBF. Disponível em:<<https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbf-lanca-campanha-nacional-todos-iguais>>. Acesso em: 20 out. 2020.

positivos. Do contrário, 2020 não teria sido o ano com maior incidência de racismo no futebol brasileiro.

Para o fundador do Observatório da discriminação racial, Marcelo Carvalho:

[...] o futebol tem o racismo estrutural muito grande e entender que isso é algo espalhado por todo país é fundamental para que possamos minimizar as questões raciais. É o caminho que precisamos seguir. A educação é importante, mas precisamos punir e entender que, no geral, o torcedor teme a punição. O medo de ver o seu clube punido inibe (CASTRO, 2019, on-line).

Didi direciona sua fala sobre o assunto democracia racial à falta de representatividade negra em todas as esferas sociais. De forma concisa, aborda a democracia na perspectiva da igualdade, considerada inexistente. Mesmo diante da clareza dos fatos, há discursos racistas que tentam maquiagem essa realidade, ora trazendo algum exemplo de um negro de sucesso, ora culpando o indivíduo pelo seu insucesso, restringindo a análise das microrrelações, algo que deve ser pensado *pelas e através das estruturas*.

Sobre essa complexidade que é o racismo, permeado pelo seu negacionismo, apresenta-se novamente a fala de Munanga (2016)<sup>38</sup>.

Esse mito (da democracia racial) já faz parte da educação do brasileiro. E esse mito, apesar de desmistificado pela ciência, a inércia desse mito ainda é forte e qualquer brasileiro se vê através desse mito. Se você pegar um brasileiro até em flagrante em um comportamento racista e preconceituoso, ele nega. É capaz dele dizer que o problema está na cabeça da vítima que é complexada, e ele não é racista. Isso tem a ver com as características históricas que o nosso racismo assumiu, um racismo que se constrói pela negação do próprio racismo.

Sobre o mito da democracia racial, Didi discorre:

Infelizmente a gente não tem uma democracia racial, a gente não tem a democracia racial; olha se a gente for olhar todas as posições... democracia é quando a representatividade está em todo canto, é

---

<sup>38</sup>Disponível: <https://www.geledes.org.br/mito-da-democracia-racial-faz-parte-da-educacao-do-brasileiro-diz-antropologo-congoles-kabengele-munanga/>. Acesso em 13/09/2020.

democrático né, se algo é democrático é para todo mundo, o negro não tem a possibilidade democrática em todos os lugares no Brasil. Várias situações no Brasil, as situações melhores no país não são democráticas para o negro, elas não são, se elas fossem democráticas para o negro, o negro seria a maioria porque se a gente está falando de uma população de 200 milhões de habitantes se a gente representa 70% da população, não vamos falar 70% que é muito, se a gente pensar que temos índios, que a gente é um país miscigenado, mas se a gente tem 50% da população negra, então democrático seria ter mais negros em todas as situações.

Didi se equivoca quanto a porcentagem da população negra, mas preserva a ideia que quis expor: a contradição entre o Brasil ser de maioria negra ao passo que as possibilidades não o são. Didi apropria-se de outras palavras, as quais vão ao encontro do pensamento de Nascimento (2017) em relação ao mito da democracia racial.

Desde primeiros tempos da vida nacional aos dias de hoje, o privilégio de decidir tem ficado unicamente nas mãos dos propagadores e beneficiários do mito “democracia racial”. Uma “democracia” cuja artificialidade se expõe para quem quiser ver; só um dos elementos que a constituiriam deter todo o poder em todos os níveis político-econômico- sociais: o branco. Os brancos controlam os meios de disseminar as informações; o aparelho educacional; eles formulam os conceitos, as armas e os valores do país. (NASCIMENTO, 2017, p. 54)

Didi trata de sua vida profissional no banco como um exemplo concreto da falta de representatividade negra em postos de maior prestígio. Ele relata que, ao longo de seus dez anos de bancário, o número de negros com quem ele trabalhou é irrisório.

**Didi:**

Eu estou há 10 anos no banco, todas as agências que eu passei, você conta em uma mão os negros no banco e o banco apesar do banco do Brasil ser uma grande empresa, uma empresa de referência, a gente está falando de gerência média, se a gente for dar outros exemplos, ninguém pode dizer que é democrático

Didi termina sua fala enfatizando as diferenciações raciais pela via das estatísticas. Mas o que desperta mais atenção, no final da sua narrativa, é a seguinte passagem: “Vamos trazer para a realidade, para a racionalidade, vamos fazer um discurso do negro que está chorando”. Esta ideia relaciona-se

com a alegação do racista que o racismo não existe, sendo, pois, apenas vitimismo, discurso que visa minar as denúncias quando estas atingem larga escala e chegam à população em geral. E essa retórica aflige o negro, pois pode induzir a vítima ao silêncio, fazendo-a sentir-se culpada por denunciar o racismo ou outras manifestações de natureza semelhante. Com isso, o racista atinge seu êxito: a dor do negro.

A forma como Didi tangencia a narrativa demonstra não um negro que está chorando, mas, sim, uma pessoa negra que já sofreu racismo e está denunciando a violência racial.

Segundo Fernandes (2017, p. 41):

A democracia só será uma realidade quando houver, de fato, igualdade racial no Brasil e o negro não sofrer nenhum tipo de discriminação, de preconceito, de estigmatização e de segregação, seja em termos de classe seja em termos de raça.

Para o encerramento deste capítulo foi abordado a questão das concentrações dos jogadores, antes dos jogos.

#### ***4.3 Concentração no futebol como possibilidade de resquícios escravocratas***

Para encerrar esse árduo caminho, em uma perspectiva colonialista, foi perguntado aos sujeitos da pesquisa sobre a concentração<sup>39</sup> dos jogadores antes dos jogos.

Ao citar a perspectiva colonialista, parte-se do processo de escravidão em que os escravizados ficavam presos nos locais do trabalho para não fugirem e para produzirem o máximo possível. Em linhas gerais, a ideia da concentração dos jogadores um dia antes dos jogos parte da mesma lógica: o jogador fica “preso” em um hotel, o que configura a inserção em contexto de trabalho, para

---

<sup>39</sup>Concentração, também chamada de Regime de Concentração, na linguagem do futebol, é uma espécie de regime de clausura a que são submetidos os atletas antes dos jogos. Ela tem como premissas, na teoria, o descanso e a alimentação regrada dos atletas

não “fugir” – leia-se sair a noite para festas –, a fim de que, no dia seguinte, produza com a máxima de eficiência.

As falas dos pesquisados, de certa forma, distanciaram-se dessa analogia, cada uma a sua maneira, mas todos enaltecem a importância da concentração que ocorre junto da equipe no dia que antecede o jogo. Vozão disse ser favorável a concentração, pois, para ele, é um momento de descanso<sup>40</sup>.

Segundo Barboza, a concentração serve para o descanso do jogador, bem como para ajudá-lo a regular a alimentação, entre outras atribuições fundamentais para o jogador profissional atuar em alto nível. Considera, ainda, que os afazeres cotidianos, quando o jogador está em casa, contribuem para a desorganização do preparo.

**Barboza:**

*Eu sou totalmente a favor da concentração tanto jogo em casa quanto jogo fora; mais essencial ainda para a gente viajar um dia antes, para descansar acordar tranquilo para organizar alimentação, estar no hotel concentrado tranquilo, porque em casa tem esposa, tem que ajudar a esposa fazer as coisas, em casa a gente não sossega, vai ao supermercado, vai não sei aonde, alguém liga. Agora estando concentrado eu não posso ir, estou concentrado.*

Barboza ainda menciona o profissionalismo dos jogadores atuais, que preferem o descanso nos bons hotéis que lhes são oferecidos a sair durante a noite para festejar. O atleta boêmio, segundo Barboza, ficou no passado.

Essa preocupação dos dirigentes dos clubes sobre os hábitos noturnos de alguns jogadores, o que justifica a importância da concentração, aparece na fala de Cruzeiro. Esse pesquisado ainda compara as equipes europeias e mexicanas, afirmando que, na Europa e no México, os atletas não se concentram porque assumem a responsabilidade de cuidar de seus corpos nas vésperas dos jogos.

---

<sup>40</sup>Devido a um problema técnico com o áudio, a fala do entrevistado sobre a concentração não foi transcrita.

**Cruzeirinho:**

É que na verdade a cultura brasileira tem que ter a concentração porque o jogador brasileiro é muito irresponsável. Eu joguei na Europa, a gente se apresentava no dia da viagem. E é interessante porque a gente se apresentava na hora do almoço, na nossa mesa sempre tinha uma garrafa de vinho e a rapaziada tomava uma tacinha de vinho e pronto, se você deixar o brasileiro ele vai chegar no outro dia, na hora do almoço para ir para o jogo bêbado, eu já cheguei várias vezes com um amigo meu; o cara levava até cachaça para dentro da concentração, imagine se ele ficar assim sem concentrar? A concentração é mais para você poder descansar, para você se alimentar bem.

A construção da imagem negativa do brasileiro vem de longa data pelo viés racista. Schwarcz (2019) apresenta a crítica de Louis Agassir ao Brasil por ser uma sociedade híbrida. A mestiçagem brasileira, para Agassir, deteriorava todas as “raças” e deixava sequelas tanto no aspecto físico quanto no mental.

A imagem do jogador irresponsável de que faz consumo abusivo do álcool, influenciando de forma negativa o seu desempenho em campo, é descrita por Mário Filho (2010). O autor relata que as críticas sobre bebida pairavam sobre os jogadores negros: “Ninguém se lembra dos brancos cachaceiros: só dos mulatos e pretos” (RODRIGUES FILHO 2010, p.243). Como estratégia para evitar o consumo de bebida alcóolica no dia anterior ao jogo, os dirigentes dos clubes levavam manga para os jogadores e afirmavam que ingestão de cachaça junto com a fruta matava.

Ressalta-se que a população negra, mesmo após quase quatro séculos de escravidão, foi alforriada sem nenhum amparo pelo Estado, ficando a margem de tudo. Isso pode ter levado grande parcela ao consumo excessivo de álcool, pois a dignidade humana não lhe foi apresentada e sobraram as mazelas para os “recém-livres”. Aliados de conhecimentos, histórias dessa ordem – manga com cachaça mata– poderiam ser absorvidas e consideradas verdade facilmente por aqueles jogadores.

Sobre sua experiência de concentração no México, Cruzeiroirinho relembra que:

Igual no México a gente ia para jogos fora do país, a gente não chegava e ficava só no hotel, a gente ia jogar nos Estados Unidos, a gente

chegava lá, a gente ficava no hotel, almoçava, tomava um banho e a galera falava: vamos dar uma volta no shopping a gente ia e dava uma volta, voltava para o hotel descansava, no outro dia a gente almoçava e ia para jogo. No Brasil, os caras não tem condições de fazer isso, se você libera o cara para ir no shopping, o cara vai para show, vai para outro lugar; infelizmente a nossa cultura é assim.

O aspecto cultural apresentado por Cruzeirinho também aparece na fala de Didi, que também vivenciou essas duas experiências – a de concentrar-se e a de não o fazer –, a segunda ocorrida quando jogava por uma equipe do Catar.

Sobre o atleta boêmio, Didi se aporta na cultura, elucidando que o Brasil é um país festivo. Menciona também o clima, relatando que, devido a Europa ser lugar frio, os jogadores preferem ficar nas suas casas, diferentemente do Brasil, com seu clima tropical, em que os jogadores e a população, em geral, têm predileção por sair para festas.

Também para Didi, a concentração tem como finalidade o descanso do jogador, algo necessário para que possa estar bem para exercer seu trabalho. Seguem alguns trechos de sua fala.

**Didi:**

Eu passei várias situações relacionado a concentração, eu joguei em clubes que a gente concentrava dois dias antes do jogo, quer dizer, você joga domingo, concentra segunda e terça e joga na quarta, vai em casa quarta a noite e sexta você volta para concentração, você fica em casa dois dias da semana, e os outros cinco dias você está longe da família e vivendo só o ambiente do clube, já vivi assim. E no Catar a gente não concentrava, a gente ia direto para o jogo, quando muito a gente almoçava junto para descansar no hotel para jogar a noite. Então assim eu vivi as duas situações. Acho assim que depende da onde, depende da cultura, do grupo que você tem, se você tem um grupo que sabe da importância do descanso para uma partida de futebol...

[...] no futebol a matéria prima é o corpo, preciso cuidar do meu corpo da minha saúde antes do jogo, para poder desempenhar bem a minha função. Então você tem um grupo que é consciente disso, você pode flexibilizar a concentração.

[...] eu nunca joguei na Europa, mas a consciência dos jogadores de lá, muitos clubes não concentram, no máximo eles almoçam juntos e vão para o jogo.

[...] nós somos um país de festa, nós somos o país do carnaval, da micareta, do trio elétrico. Olha só você pega no sudeste agora é bloco de carnaval, você pega em São Paulo, festa de peão, somos o país da festa, aí você sobe e vai para a Bahia, nós temos frevo, micareta, trio elétrico, a gente é sangue quente, a gente quer festa. Na Europa são

países mais frios, até para você ir para a rua é mais difícil, você ir para a noite, aqui está um calor danado o cara quer refrescar a garganta.

Carioca segue na mesma linha, enaltece a concentração e levanta alguns pontos sobre a importância de se concentrar: 1) melhora o espírito de grupo devido ao maior contato com os companheiros de equipe; 2) promove alimentação balanceada; e 3) evita a falta de responsabilidade do jogador brasileiro. Carioca também menciona o fato de não haver concentração no futebol europeu.

**Carioca:**

[...] na minha época tinha concentração direto, não podia deixar o jogador fora da concentração... quando era time pequeno era uma coisa, time grande outra coisa. Time pequeno era até bom concentrar porque muitos garotos, que não tinha comida em casa, comia na concentração. Em time grande a gente já concentrava em hotel, era importante para você manter a união do grupo, eu achava a concentração legal, porque era um momento que você passava ali, um dia, dois dias que você tinha um contato a mais com seus amigos, você se divertia, é muito legal, eu gostava da concentração sim. Hoje em dia é primordial a consciência do jogador, se o cara não tem responsabilidade..., tanto é que na Europa não tem concentração, os times na Europa não concentram. Por quê? Responsabilidade. Você vive da sua produção, então se você não se cuidar, se não tem concentração aqui no Rio, você vai para a noite, aqui no Rio é mais fácil, em São Paulo é mais fácil, vai para um pagode, chega de manhã, chega no outro dia você não rende... um final de semana você aguenta, no segundo, no terceiro “nego” já está no seu pé.

Lusa também concorda com a importância da concentração. Para ele, esse é um momento de aprendizado e de acolhida para os jogadores mais novos por meio do contato com os atletas mais experientes do grupo.

**Lusa:**

Sou a favor porque eu tive uma disciplina muito bem orientada através da primeira concentração, onde você começa a pegar aqueles que já estão no futebol. Mas por incrível que pareça o jogador experiente recebe sempre os mais jovens de braços abertos, principalmente quando você chega quietinho, educadamente, eles vão fazer de tudo para administrar quando você tem a sua primeira oportunidade, seu primeiro jogo, eles vão estar sempre ao seu lado. Você vai errar eles vão te apoiar, você vai fazer um gol, eles vão vibrar com você, você foi bem no jogo, eles vão te apoiar. Então eu vejo isso de suma importância [...].

Como escrito no início desta última parte, o objetivo da concentração dos jogadores de futebol está pautado em uma relação colonialista, uma espécie de reprodução da escravidão brasileira, uma vez que os escravizados permaneciam presos em seus locais de trabalho para que não fugissem e para que trabalhassem mais. Guardadas as devidas proporções, a concentração, no futebol, tem por base a mesma lógica. Apesar disso, os seis sujeitos da pesquisa mostraram-se favoráveis a prática, apresentando alguns elementos que subsidiam suas argumentações, dentre elas, repouso, alimentação balanceada, fortalecimento do espírito de grupo e a ideia da privação de liberdade – justificável devido a irresponsabilidade do jogador brasileiro em comparação com europeu, por exemplo.

O comparativo estabelecido com o jogador europeu foi recorrente nas narrativas e ganha destaque por também estar vinculado a uma perspectiva colonialista, em que se coloca o europeu como superior. Importante destacar que a superioridade europeia foi um dos elementos utilizados pelos colonizadores para justificar a escravidão no Brasil e no mundo. Desse modo, com base nas falas dos sujeitos da pesquisa e na apropriação do conceito de Freyre (2001), essa “herança cultural” permanece no meio futebolístico.

O povo branco, superior, civilizado e responsável versus a população negra e mestiça, inferior, irracional e irresponsável, que necessita do europeu para evoluir enquanto ser humano. Dito de outra maneira, se o jogador brasileiro atuar na Europa, ele é tomado pela cultura local e civiliza-se ao ponto de não precisar se concentrar. Como se percebe, a hierarquização social continua intacta.

Numa analogia ao “processo de evolução” devido ao contato com o europeu, Fannon (2008) aborda a situação de Veneuse, que buscava se casar com Andreia Marielle.

[...] Você não sabe nadados antilhanos, seus compatriotas. [...] Aliás, os que conheço não parecem nada com vocês. De fato, você é como nós. Você é “nós”. Suas reflexões são as nossas. Você age como agimos, como agiríamos. Você se julga – e todos crêem em você – preto? Está errado! De preto você só tem a aparência. No mais, você pensa como um europeu. (FANNON, 2008, p. 73).

A construção da imagem do jogador brasileiro<sup>41</sup> irresponsável, em comparação com o europeu, não se afirma apenas na concentração, pois o extracampo também adentra nos gramados de forma ideológica. Desse modo, os atletas brasileiros são julgados irresponsáveis inclusive taticamente. Essa concepção de que atletas, equipes e seleção não são movidos por estratégias atinge também jogadores, times e seleções africanas.

[...] jogador despojado de razão, considerado inconstante, mas capaz de iluminar uma jogada com o talento considerado inato, a civilização europeia oferecia a disciplina do corpo, a ética do trabalho e os valores necessários para mover a engrenagem de um jogo [...]. (FLORENZANO, 2010, p.167).

Após trilhar esse caminho repleto de desafios e inquietações, começa-se o processo de conclusão desta tese a partir das considerações finais a seguir.

---

<sup>41</sup>Ao mencionar jogador, na esfera individual, amplia-se o entendimento para clubes e seleções.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese tem como objetivo principal compreender o significado de atos racistas para jogadores e ex-jogadores negros que já sofreram essa violência (ou não) em uma partida de futebol. A pesquisa apresenta o entendimento sobre o racismo no futebol brasileiro a partir do olhar desses personagens do futebol brasileiro.

Entretanto, para chegar a compreensão decorrente do foco deste estudo, foi preciso percorrer um vasto e interessante caminho, o qual se constitui a partir do referencial teórico que subsidia a análise das falas dos pesquisados.

Ao iniciar a discussão sobre a questão racial, logo apontou-se para sua disseminação nos vários setores da sociedade. Por essa razão, no momento introdutório, dois conceitos ganharam destaque: biopoder (FOUCAULT, 2008) e necropolítica (MBEMBE, 2016). Essa produção de racismo pelo Estado, na concepção de “deixar morrer” e de “deixar viver”, ou a subjugação da vida ao poder da morte, tem o corpo negro como alvo. Essa ação do Estado é relatada por Cruzeirinho.

Outro ponto de destaque foi o racismo e seus elementos; o preconceito e a discriminação racial. A importância disso é demonstrada no fato de o preconceito racial aparecer na fala de quatro dos seis sujeitos da pesquisa. Sobre isso é ainda possível dar destaque ao fato de que os preconceitos mencionados ocorreram nos locais frequentados pelos jogadores devido a ascensão social conquistada por eles em virtude do futebol: loja de carro importado, bons restaurantes, clubes nobres, entre outros. O ponto de destaque atrela-se a falsa ideia dos pesquisados de que a posição de futebolistas blindados, de certa forma, contra o racismo, algo que não é e não se prova verdade, uma vez que contraria os conteúdos dos relatos de racismo citados. O que ocorre são formas distintas de racismo, já que a violência racial tem sua forma de se manifestar em todas as classes sociais. A maneira mais evidenciada de discriminação racial manifestadas pelos sujeitos da pesquisa veio dos insultos, como contou Vozão (que foi chamado por um torcedor de “negão vagabundo”), em especial “macaco”, que é muito recorrente no futebol, conforme relatado por Lusa e Didi.

Ainda na fase introdutória, abordou-se um pouco da história do negro no Brasil, pensada pelo viés do “mito da democracia racial”, e depois o mito retorna a tese, mas pelas narrativas dos pesquisados. De igual forma outras manifestações do racismo foram aparecendo no decorrer das falas dos sujeitos da pesquisa.

Como racismo científico, que decorrem de uma falsa ciência que, embora desmentida há tempos, mantém vivos seus ideais. Com a complacência dessa teoria, citam-se Nina Rodrigues, Sílvio Romero, João Batista Lacerda e Oliveira Viana, uma vez que “[...] tais autores participaram da construção de lógicas que formaram o tecido social” (MAIA; ZAMORRA, 2018, p.267).

Um exemplo concreto de como isso ocorre é a relação que se faz entre o futebol e o negro, o qual, biologicamente, estaria apto ao esporte, sobremaneira ao bretão, mas cujo corpo não transita para fora das quatro linhas. Isso se daria porque, cientificamente, o corpo negro estaria restrito ao trabalho corporal, enquanto ações como pensar, organizar e liderar competiriam ao branco.

A dor do corpo negro, um dos motivos para a busca do mundo branco, nesse sentido, o processo de branqueamento pode fazer parte da vida de Barboza, posto que, segundo ele, nunca sofreu ou mesmo presenciou atos de racismo, tanto dentro de campo, quanto fora desse espaço. A percepção de Barboza pode estar relacionada à compreensão de Costa (2003) de que o indivíduo, por vezes, desiste embranquecer o corpo, passando a assumir o modelo branco. Em outras palavras, boicotam-se os estereótipos negros para vivenciar os dos brancos.

O racismo estrutural e institucional ganharam notoriedade nesta tese. Sendo o futebol permeado por estruturas racistas manifestadas dentro das instituições – clubes, federações e confederações de futebol e justiça desportiva –, que até se manifestam contra o racismo, mas nunca o combatem com veemência. Essa afirmação é corroborada pelo fato de os clubes, quando penalizados por atos racistas praticados por jogadores ou torcedores, recorrerem e não aceitarem a penalização imposta, rotineiramente conseguindo o êxito na forma de penas reduzidas. As federações e confederações costumam se manifestar como notas de repúdio ou campanhas, a exemplo de “somos

iguais”, ideia combatida por Carioca. O que se nota é a adoção de atitudes quase irrisórias diante da complexidade da luta contra o racismo, as quais podem retroalimentar a violência racial.

Diante do cenário apresentado e com base nas falas dos sujeitos da pesquisa, reafirma-se o poder do racismo, pois todos disseram que os clubes auxiliam os atletas vítimas de racismo em campo, demonstrando pouca compreensão da dinâmica dessas estruturas. A ação dos clubes atém-se à publicação de notas de repúdio, como já mencionado, ou, quando muito, ao que ocorreu com Vozão: o clube do seu algoz entrou em contato dizendo ter identificado o racista, mas nada mais fez, deixando exclusivamente ao atleta agredido a responsabilidade da ação penal, pois se trata de um crime.

Cruzeirinho argumentou sobre a importância de mexerem nas estruturas e penalizarem o clube do responsável pela violência racial como medidas para coibir mais casos de racismo. Sobre a punição, há concordância por parte dos atletas pesquisados, com exceção de Barboza – que não se manifestou –; defendem punições severas, mas voltadas à esfera individual. O racismo estrutural, pela forma velada que tem de se manifestar, consegue passar, por vezes, despercebido até mesmo aos olhos de pessoas que são vítimas dessa manifestação. Barboza pode fazer parte desse grupo, conforme discutido no decorrer da tese.

Diagnosticada-se, na prática, a manutenção do “mito da democracia racial” através das falas dos pesquisados, que denunciam o racismo, mas, ao mesmo tempo, minimizam-no, em especial quando a violência os atinge, pautando-se no comparativo de profissões, de acordo com o qual a condição de futebolista blinda, de certa maneira, o indivíduo negro do racismo, como descrevem Vozão, Carioca e Didi. Outras bases de sustentação do mito aparecem nas falas de Barboza e de Lusa: do primeiro ao se valer do negacionismo em toda sua fala; e do segundo ao abordar o racismo sofrido por ele em campo como algo inerente ao jogo.

Cabe evidenciar também a pouca compreensão das vertentes do racismo estrutural por parte dos jogadores pesquisados, fazendo com que se fomente a crença de que os clubes estão realmente querendo combater esse crime prestando auxílio quando o atleta é vítima da violência racial. Fica evidente a

falta de convicção, por parte de todos os entrevistados, sobre a ausência de técnicos negros, a qual está permeada pelo racismo estrutural e que também contribui para a manutenção do mito da democracia racial.

Todos os elementos extraídos das falas dos pesquisados e analisados dão sustentação aos racistas na disseminação da falácia de que, no Brasil, vive-se em harmonia racial. Ressalte-se que os pesquisados não são os racistas, mas, sim, as vítimas dessa “arquitetura” chamada racismo.

Torna-se sempre conspícuo reafirmar algo já sabido: a presença do racismo no futebol desde sua chegada ao Brasil (ABRAHÃO, 2010; ABRAHÃO, SOARES, 2011; GORDON JUNIOR, 1995; HELAL, TEIXEIRA, 2011). A relevância de tal afirmação encontra-se na necessidade de oferecer um contraponto ao discurso racista de que “antigamente” não havia essa violência no esporte e de que os insultos existentes eram inerentes ao jogo. Contudo, o racismo sempre se fez presente no futebol, desde sua chegada, e em todo processo de inserção e consolidação do negro no esporte; mesmo em momentos de maior ascensão do negro no futebol, o racismo foi imperativo. O anseio demonstrado pelo jogador do Fluminense, Carlos Alberto, ao passar pó de arroz no rosto para embranquecer sua pele, é uma das faces mais perversas do racismo, manifestada de igual forma na touca usada por Arthur Friedenreich para esconder o cabelo ou na tentativa de alisá-lo. Não se pode ignorar a violência a que o goleiro Barbosa foi submetido por cinquenta anos, desde a final da copa do mundo no Brasil, no preciso dia 16 de julho de 1950, até sua morte em 07 de abril de 2000, entre tantos outros casos de racismo no futebol aqui no Brasil.

Compreender o que ocorreu nesse espaço de tempo, mesmo sob a luz da pouca discussão empreendida sobre o racismo em campo até o momento, faz-se necessário. O silêncio da academia e do jornalismo, dentre outras instituições, não comprova a inexistência do racismo, pelo contrário, serve como confirmação da existência da violência racial desde que a bola rolou pela primeira vez nos campos nacionais.

Outro aspecto que se considera é a importância de se reafirmar a existência do racismo no futebol brasileiro, e que está compreendido no objetivo geral da pesquisa – que investiga o significado do racismo em campo – encontra-se nas falas de Carioca, Didi e Lusa, os quais, a todo momento, evocam em suas

narrativas a ideia de que “[...] hoje as coisas são diferentes, no meu tempo não eram assim [...]”. Percebe-se a adoção de uma perspectiva de que as ações racistas, em outra época, tinham como intuito apenas a desestabilização dos jogadores. Na contrapartida desse pensamento, interpõem-se as falas de Vozão e Cruzeiroirinho, os quais afirmaram que o racismo em campo é oriundo de pessoas racistas, e não somente uma tentativa de desestabilização dos atletas.

Cruzeirinho, que ao mesmo tempo denuncia o racismo, faz com que reverbere, por meio de uma concepção colonialista de hierarquização social, quando descreve o seu entendimento sobre a necessidade de haver concentração antes dos jogos. Percebe-se tangenciamento em sua fala em virtude de ter afirmado ser importante a concentração para os jogadores brasileiros devido a sua irresponsabilidade, enquanto é considerada dispensável para os jogadores europeus por serem responsáveis. Carioca e Didi também mencionam a inexistência de concentração no caso das equipes europeias, mas não são tão incisivos no comparativo quanto Cruzeiroirinho.

Os outros sujeitos da pesquisa também concordam com a concentração, mas enaltecem outros pontos, como alimentação e descanso adequado para exercer de melhor maneira sua profissão.

Diante disso, à guisa de considerações finais, respondendo a questão-problema da pesquisa, considera-se que os jogadores pesquisados demonstram ter um olhar criterioso sobre o racismo e sobre o racismo no futebol, com exceção de Barboza. Contudo o anseio de tentar amenizar o racismo, tanto dentro quanto fora de campo, em especial quando o próprio indivíduo é o alvo, pode estar atrelado à autodefesa engendrada devido ao processo de dor que o negro passa ao longo da vida.

Ao delimitar o racismo em campo, identifica-se que essa negação (ou a busca por suavizar a violência racial) pode estar relacionada à importância que o futebol tem para os pesquisados, conforme seus relatos sobre o significado do futebol para suas vidas.

**Barboza:**

futebol foi a minha vida desde que eu me entendo como homem, eu jogo futebol trabalho nisso, como já te falei tem os prós e tem os contras.

Faria tudo de novo, está no sangue e Deus me deu o dom do futebol, é um dom estou fazendo aquilo que Deus me chamou para fazer.

**Vozão:**

Um atleta sempre pensa em dar uma estrutura para a família ter uma condição boa de vida, já que a carreira é um pouco curta e profissionalmente você sempre pensa em conquistar prêmios individuais, em ganhar títulos com o clube e ficar marcado no clube é muito importante.

**Cruzeirinho:**

Com relação a minha carreira, fora isso, o futebol me deu coisas jamais iria imaginar.

**Carioca:**

Sobre o futebol, só tenho que agradecer a Deus e algumas pessoas que me ajudaram, foram muito importantes da minha carreira de futebol. Só tenho alegria, não guardo magoa de ninguém, fiz muitos amigos, como te falei.

**Didi:**

O futebol foi importantíssimo na minha vida, importantíssimo. Como está falando da parte social do negro na sociedade, o futebol me ajudou muito de me colocar como pessoa na sociedade. O futebol me deu oportunidade de estar em lugar que provavelmente eu não teria oportunidade [...].

**Lusa:**

Futebol está dentro da minha paixão, dentro do reconhecimento de quem é o Lusa, então futebol para é tudo.

Ao pensar sobre a importância do futebol na vida dos sujeitos da pesquisa e de forma complementar para boa parcela da população brasileira, aporta-se em Canale (2012, p.117), a fim de elucidar de forma quase que poética, alguns significados deste esporte

As emoções mais viscerais que em primeiro lugar vêm à minha mente são as do futebol. Os jogos que eu joguei, aqueles à que assisti, moram em lugares que variam do obscuro aos mais luminosos da minha memória. Sentir o coração parar de aflição segundos antes de uma cobrança de pênalti, esquecer-se das agruras da vida com o prazer de um gol, de um título, se sentir mais vivo só de saber que em algum lugar existirá um futebol, bem ou mal jogado, te esperando, tanto faz, pois lá estará uma bola rolando no chão.

Por fim, ressalta-se a relevância das pautas raciais, que devem estar inseridas em todos setores e instituições da sociedade, pois essa violência ganha força, reinventa-se e mantém-se intacta devido a sua complexidade e aos desdobramentos. Desse modo, o letramento racial torna-se relevante para o enfrentamento do racismo. Como descreveu Didi:

Dizer que é bacana toda vez que isso é pesquisado é debatido, [...] esse debate, essas experiências, [...] e dizer eu isso é importante porque a gente precisa pautar e discutir e escutar as experiências das pessoas foi bom passar experiência.

Enquanto a “bola rolar mais que os homens” (DA MATTA, 2006), encerra-se esse jogo passando a bola para Davis (2016), para que: “Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista”.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. *“Preconceito de marca” e a ambiguidade do “racismo à brasileira” no futebol*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, p. 409, 2010.
- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda, SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. O Que o Brasileiro Não Esquece Nem a Tiro É o Chamado Frango de Barbosa: 1 questões sobre o racismo no futebol brasileiro. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 02, p. 13-31, abril/junho de 2009.
- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; PAOLI Próspero Brum; SOARES, Antonio Jorge. *Identidades “Raciais” e Identidades Nacionais: as Representações do Corpo Negro na Construção do “Estilo Brasileiro de Jogar Futebol*. *Movimento*, Porto Alegre, v. 17, n. 02, p. 195-210, abr/jun de 2011.
- ALENCASTRO, Felipe. África, números do tráfico atlântico. In.: SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio (orgs.). *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de: *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- AMORA, Antônio Soares. *Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa*. 19. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ARAÚJO, Danielle Ferreira Medeiro da Silva de; SANTOS, Walkyria Chagas da Silva. Raça como elemento central da política de morte no Brasil: visitando os ensinamentos de Roberto Esposito e Achille Mbembe. *Rev. Direito Práx.*, Rio de Janeiro , v. 10, n. 4, p. 3024-3055, Dec. 2019 .
- BASTHI, Angélica. *Pelé: estrela negra em campos verdes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- BARRETO, Robenilson; CECCARELLI, Paulo Roberto. Considerações psicanalíticas sobre preconceito racial: um estudo de caso. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte , n. 50, p. 145-154, dez. 2018
- BENICIO, Luis Fernando de Souza et al .Necropolítica e Pesquisa-Intervenção sobre Homicídios de Adolescentes e Jovens em Fortaleza, CE. *Psicol. cienc. prof.* Brasília , v. 38, n. spe2, p. 192-207, 2018 .
- BERNARDO, Teresinha. *Memória em branco e preto: olhares sobre São Paulo*. São Paulo: EDUC: Editora Unesp, 2007.
- \_\_\_\_\_. et`al. *Racismo e educação(des)caminhos da lei 10.639/2003*. São Paulo: FAPESP, 2017.
- BRANCO, Guilherme Castelo. Racismo, individualismo, biopoder. *Rev. Filos., Aurora*, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 29-38, jan./jun, 2009.
- BRASIL. *Constituição Federal*. Brasília: Câmara dos Deputados. 1988.

CAMILO, Juliana Aparecida de Oliveira; FURTADO, Rafael Nogueira;. O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. *Rev.Subj.*, Fortaleza , v. 16, n. 3, p. 34-44, dez. 2016 .

CANALE, Vitor dos Santos. *Torcidas Organizadas e seus jovens torcedores: diversidades e normativas do torcer*. 2012. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Instituto de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas. 2012.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In. Cavalleiro, Eliane (Org.) *Racismo e anti- racismo na educação: repensando a nossa escola*. São Paulo: Selo negro, 2001.

CFEMEA; GELEDÉS. *Guia do enfrentamento do racismo institucional*. 2013.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Pensar a educação depois de Foucault. Disponível em: <<http://humana.social/pensar-a-educacao-depois-de-foucault/>>. Acesso em: 18/05/ 2020.

COSTA, Jurandir Freire. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro, Graal, 2003.

DA MATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAVIS, Angel. Mulheres, raça e classe. Trad. De Heici Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOMINGUES, Petronio José. Negros de Almas Brancas? A Ideologia do Branqueamento no Interior da Comunidade Negra em São Paulo, 1915-1930. *Estudos Afro-Asiáticos* , Ano 24, n ° 3, 2002, pp. 563 -599

\_\_\_\_\_. O mito da democracia racial e a mestiçagem em São Paulo no pós-abolição (1889-1930). *Tempos Históricos* - M. C. Rondon - v. 05/06 - p.275-292 - 2005.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador, Edufba, 2008.

FERREIRA, Nara Torrecilha. Como o acesso à educação desmonta o mito da democracia racial. *Ensaio: aval.pol.públ.Educ.*, Rio de Janeiro , v. 27, n. 104, p. 476-498, Sem. 2019.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo. Global, 2007.

\_\_\_\_\_. *Significado do protesto negro*. São Paulo. Expressão Popular co- edição Editora da Fundação Perseu Abramo, 2017.

FLORENZANO, José Paulo. *A democracia corinthiana: praticas de liberdade no futebol brasileiro*. São Paulo, Fapesp, Educ, 2009.

\_\_\_\_\_. A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras. *Revista de História*, São Paulo, n. 163, p. 149-174, jul./dez. 2010.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Genealogia del racismo*. La Plata: Altamira, 1996.

\_\_\_\_\_. (2010). *História da sexualidade: A vontade de saber* (Vol. 1). São Paulo: Edições Graal. (Originalmente publicado em 1976).

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. *Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France* (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad.: Raquel Ramalheite. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 34 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

\_\_\_\_\_. *Foot-ball mulato. Diário de Pernambuco*, 17/06/1938.

GIGLIO, Sérgio Settani; TONINI, Marcel Diego; RUBIO, Katia. "Do céu ao inferno": a história de baiano no Boca Juniors e os racismos no futebol. *Projeto História*, São Paulo, n. 49, pp. 259-292, Abr. 2014.

GORDON JUNIOR, Cesar Claudio. 1995. "História social dos negros no futebol brasileiro", *Pesquisa de Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*, Rio de Janeiro, Uerj, Departamento CulmraVSR-3, n. 2, p. 71-90.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Classes, Raças e Democracia*: São Paulo: Editora 34, 2002.

\_\_\_\_\_. *Racismo e anti- racismo no Brasil*: São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. *Racismo e anti- racismo no Brasil .Novos estudos n.º 43*, novembro de 1995.

GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: Uma história da maior expressão popular do país*, São Paulo: Contexto, 2010.

HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdade racial no Brasil*. 2ªed. Belo Horizonte: Editoar UFMG, 2005.

HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. *ALCEU* - v.4 - n.7 - p. 19 a 36 - jul./dez. 2003.

HELAL, Ronaldo; TEIXEIRA, João Paulo Vieira. Racismo no futebol carioca na década de 1920: imprensa e invenção das tradições. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 42, n. 1, jan/jun, 2011, p. 77-88.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. (1936) 27a. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

HUBER, Frederico. et al. *Racismo no futebol: considerado um momento de união e de igualdade entre as pessoas, o futebol também traz casos de preconceito racial em sua história*. *Eclética*, Jul./Dez. 2006 p. 68-70.

JACINTO, Ramatis. QUE MORRA O "HOMEM CORDIAL" - Crítica ao livro *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda. *Sankofa. Revista de História*

da África e de Estudos da Diáspora Africana. Ano X, NºXIX, agosto/2017, p.33-63.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos e Psicologia*, Natal, v. 9, n. 3, p. 401-411, dez, 2004.

LINS RODRIGUES, Antonio César. *Corpos e cultura inviabilizado na escola: racismo nas aulas de Educação Física e a insurgência multicultural*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 235, 2013.

LÓPEZ, L. C. O conceito de racismo institucional: aplicações no campo da saúde. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 16, n. 40, p. 121-134, jan./mar. 2012.

MAIA, Kenia Soares; ZAMORA, Maria Helena Navas. O Brasil e a lógica racial: do branqueamento à produção de subjetividade do racismo. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 265-286, 2018.

MAMEDE, Rodrigo Neres da Silva. *Negro no campo, branco no comando: técnicos negros de futebol e questões raciais*. 2018, 159f. Dissertação (Mestrado em Relação Étnico- raciais) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. 2018.

MARANHÃO, Thiago. Apolíneos e dionisíacos: o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do povo brasileiro. *Análise Social*, v. 41, n. 179, p. 435-450, 2006.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Revista Arte e Ensaio*, Rio de Janeiro, n. 32, 2016. Publicação original: Public Culture, 15 (1), 2003.

MELO, Alfredo César. Saudosismo e crítica social em Casa grande & senzala: a articulação de uma política da memória e de uma utopia. *Estudos avançados* 23 (67), 279-296, 2009.

MINAYO, M. C. S (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 27. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MUNANGA, K. Palestra Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *Seminário Nacional Relações Raciais e Educação*. 3. Rio de Janeiro, 2003.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. *Estudos Avançados*. V. 18, n. 50, p. 51-56, 2004.

MUNANGA, Kabengele. (1996). Mestiçagem e Experiências Interculturais no Brasil. In: Schawarcz, Lília Moritz, REIS, Letícia de Souza (Orgs.) *Negras Imagens*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996.

\_\_\_\_\_. Teoria sobre o racismo. In. HASENBALG, Carlos; MUNANGA, Kabengele; SCHAWARCZ, Lília Moritz. *Racismo: perspectiva para um estudo contextualizado da sociedade brasileira*. Niterói: EdUFF, 1998. Estudos e Pesquisas.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro*. 2º ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

NUNUES, Sylvia de Silveira. *Racismo contra negros: um estudo sobre o racismo sutil*. Tese (Doutorado em Psicologia) Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, p.227, 2010.

PAULA, Ângela Figueiredo e Paula; SILVA, Fábio Henrique Alves da. *A psicologia do esporte e os impactos do racismo na subjetividade do jogador de futebol negro*. Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas v. 5, n. 10, p.116-135, jul./dez. 2020.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. A situação do negro no futebol brasileiro: trabalho, desigualdade e vulnerabilidade social. *Akrópolis, Umuarama*, v. 15, n. 4, p. 179-189, out./dez. 2007.

RODRIGUES, FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Mauad X, 2010.

ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 125-146, junho, 2003.

SAFATLE, Vladimir. *A esquerda que não teme dizer seu nome*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

SANTOS, José Rufino. *O que é racismo*. São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1984.

SANSONE, Livio. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil*. Salvador: Edufba; Pallas, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SERRRANO, Igor. *O racismo no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Drible e letra, 2018.

SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. *Futebol, Linguagem e Mídia: entrada, ascensão e consolidação dos negros e mestiços no futebol brasileiro*. Tese (doutorado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, p. 129, 2002.

SILVA, Carlos Manuel. Racismo e conflito interétnico: elementos para uma investigação. Lisboa; *Revista Crítica de Ciências Sociais*. n. 56. Fev, 2000.

SILVA, Edna da Silva; MENEZES, EsteraMuszkat. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA. Marcos Antonio Batista da. Racismo institucional: pontos para reflexão. *Laplage em Revista* (Sorocaba), vol.3, n.1, jan.-abr. 2017, p.127-136.

SOUZA, Jessé. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 12(1): 69-100, maio de 2000.

SOUZA, Ricardo Luiz de. As raízes e o futuro do "Homem Cordial" segundo Sérgio Buarque de Holanda. *Cad. CRH*, Salvador , v. 20, n. 50, p. 343-353, ago. 2007 .

TONINI, Marcel Diego. *Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)*. Dissertação (Mestrado em História Oral) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p.432, 2010.

\_\_\_\_\_. *Dentro e fora de outros gramados*. tese (Doutorado em História oral) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p.478, 2016.

\_\_\_\_\_. Racismo no futebol brasileiro: revisitando o caso Grafite/Desábato. *Revista de História Regional*, v. 17, n. 2, p. 438-468, 2012.

WIEVIORKA, Michel. *O racismo, uma introdução*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

## SITES ACESSADOS

AMAMBAINOTÍCIAS. Disponível em: <<https://www.amambainoticias.com.br/geral/artigos/o-racismo-entra-em-campo>>. Acesso em 06 jan. 2019.

ELPAÍS. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/17/deportes/1500309484\\_868649.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/17/deportes/1500309484_868649.html)>. Acesso em 04 jul. 2019.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/esportes/2020-02-17/cotas-raciais-um-caminho-para-melhorar-o-futebol.html>>. Acesso em: 22 out. 2020

GELEDÉS. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-relacao-de-poder-e-o-vitimismo-branco/>. Acesso em: 12/10/2020.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mito-da-democracia-racial-faz-parte-da-educacao-do-brasileiro-diz-antropologo-congoles-kabengele-munanga/>. Acesso em: 13/09/2020.

GE. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2016/02/em-relatorio-cbf-aponta-que-96-dos-atletas-ganham-menos-de-r-5-mil.html>>. Acesso em 16 set. 2020.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/gerson-apos-ser-vitima-de-racismo-o-cala-boca-negro-e-justamente-o-que-nao-vai-mais-acontecer.ghml>>. Acesso em: 12/02/2021.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/ba/futebol/times/bahia/noticia/bahia-afirma-que-pericia-contratada-nao-aponta-injuria-racial-e-decide-reintegrar-ramirez.ghml>>. Acesso em 12/02/2021.

HUGOGLOSS. Disponível em: <<https://hugogloss.uol.com.br/esportes/neymar-sofre-racismo-de-alvaro-gonzalez-durante-jogo-e-e-expulso-apos-dar-cascudo-em-espanhol-arrependimento-e-por-nao-ter-nado-na-cara-assista/>>. Acesso em 14 out. 2020.

INTERCEPTBRASIL. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/11/13/entrevista-negar-e-silenciar-e-confirmar-o-racismo-diz-roger-machado/>>. Acesso em 17 jan. 2020.

JUSBRASIL. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10617640/artigo-138-da-constituicao-federal-de-16-de-julho-de-1934>>. Acesso em 24 jul. 2020.

LUDOPÉDIO. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/a-cerimonia-do-adeus-a-nacao-traida-parte-1/>>. Acesso em: 14/10/2020.

\_\_\_\_\_.Disponível em:  
<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/comandante-negro/>. Acesso em 20/10/2020.

METRÓPOLIS. Disponível em:  
<<https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/gloria-maria-lembra-de-discriminacao-e-fala-sobre-racismo-no-globo-reporter>>. Acesso em 14 out. 2020.

Mulheres Negras cantada por Yzalu, cantora e militante negra. Disponível em:<<https://www.vagalume.com.br/yzalu/mulheres-negras.html>>Acesso em: 21/06/2017

NOTÍCIA PRETA. Disponível em:<<https://noticiapreta.com.br/se-voce-e-negro-ou-gay-te-defendem-diz-ronaldo-sobre-gordofobia-mais-uma-vez-ignorando-ser-negro/>>. Acesso em 17 jan. 2020.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. Disponível em:  
<<https://observatorioracialfutebol.com.br/observatorio/relatorios-anuais-da-discriminacao/>>. Acesso em 21 ago. 2020.

RELATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL 2018. Disponível em:  
<[https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2018/RELATORIO\\_DISCRIMINACAO\\_RACIAL\\_2018.pdf](https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2018/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIAL_2018.pdf)>. Acesso em 27 ago. 2020.

UOL. Disponível em:  
<<https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/24/empresarios-coronavirus-o-que-dizem-criticas.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2020.

\_\_\_\_\_. Disponível em:  
<<https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/tecnico-roger-machado-da-aula-sobre-racismo-e-diz-por-que-clareou-um-pouquinho-quando-virou-jogador/#tematico-1>>. Acesso em 17 jan. 2020.

20/11/2020.

\_\_\_\_\_.Disponível em: <https://esportes.r7.com/prisma/cosmerimoli/comentario-racista-a-marinho-custou-caro-radialista-demitido-04082020>. Acesso em 10/11/2020.